



MEMÓRIAS POLÍTICAS
LUTA CONTRA A DITADURA NO PARÁ

José Carneiro e Layse Verberg de Salles

MEMÓRIAS POLÍTICAS

Luta contra a ditadura no Pará



Universidade Federal do Pará - UFPA

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Rômulo Simões Angélica

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA

Diretor: Durbens Martins Nascimento

Diretor Adjunto: Sílvio José de Lima Figueiredo

Conselho Editorial do NAEA

Durbens Martins Nascimento

Sílvio José de Lima Figueiredo

Ana Lúcia Prado Reis dos Santos

Lairson Costa

Nirvia Ravena

Mirleide Char Bahia

Simaia do Socorro Sales das Mercês

Editora

Nirvia Ravena - Editora-Chefe

Lairson Costa - Diretor Executivo

Comissão Editorial

Durbens Martins Nascimento, NAEA/UFPA

Ana Lúcia Prado Reis dos Santos, NAEA/UFPA

Armin Mathis, NAEA/UFPA

Flavio Gaitán, UNILA

Gisela Leitão, EUC (Colômbia)

Lairson Costa, NAEA/UFPA

Lucimara Costa, UFAM

Marion Glaser, LCTME (Alemanha)

Monica Aparecida da Rocha Silva, UFT

Nirvia Ravena, NAEA/UFPA

Oriana Trindade de Almeida, NAEA/UFPA

Peter May, UFRJ

Renato Boschi, IESP/UFRJ

Sílvio José de Lima Figueiredo, NAEA/UFPA

Simaia do Socorro Sales das Mercês, NAEA/UFPA

Coordenação de Comunicação e Difusão Científica

Ana Lúcia Prado Reis dos Santos

Jose Queiroz Carneiro e
Layse Salles Verberg

MEMÓRIAS POLÍTICAS

Luta contra a ditadura no Pará

Belém, 2017

Capa:

Renata Segtolvick

Revisão

Albano Rita Gomes

Editoração

Ione Sena

Elaboração da ficha catalográfica

Ruthane da Silva

Rosângela Mourão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do NAEA/UFPA

Carneiro, José

Memórias políticas: luta contra a ditadura no Pará / José Carneiro, Layse Verberg de Salles. Belém: NAEA/UFPA, 2017.

210 p., il.; 21 cm

ISBN: 978-85-7143-163-8

1. Ciência política - Pará. 2. Ditadura - Pará. 3. Ciência política - Pará - História. I. Salles, Layse Verberg de. II. Título.

CDD 22 ed. 320. 098115

Las masacres

Pablo Neruda

Pero entonces la sangre fue escondida
detrás de las raíces, fue lavada y negada
(fue tan lejos), la lluvia del Sur la borró de la tierra
(tan lejos fue), el salitre la devoró en la pampa:
y la muerte del pueblo fue como siempre ha sido:
como si no muriera nadie, nada,
como si fueran piedras las que caen
sobre la tierra, o agua sobre el agua.

De Norte a Sur, adonde trituraron
o quemaron los muertos,
fueron en las tinieblas sepultados,
o en la noche quemados en silencio,
acumulados en un pique
o escupidos al mar sus huesos:
nadie sabe dónde están ahora,
no tienen tumba, están dispersos
en las raíces de la patria
sus martirizados dedos:
sus fusilados corazones:
la sonrisa de los chilenos:
los valerosos de la pampa:
los capitanes del silencio.

Nadie sabe dónde enterraron
los asesinos estos cuerpos,
pero ellos saldrán de la tierra
a cobrar la sangre caída
en la resurrección del pueblo.

En medio de la Plaza fue este crimen.
No escondió el matorral la sangre pura
del pueblo, ni la tragó la arena de la pampa.
Nadie escondió este crimen.
Este crimen fue en medio de la Patria.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro ao meu pai,
à minha mãe e a todos os meus familiares,
alguns dos quais nunca entenderam
o alcance da minha luta política.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos iniciais a todos os amigos na luta contra o sistema ditatorial implantado em 1964.

Aos que me ajudaram com diferentes apoios, oferecendo-me moradia, alimentação e a amizade sincera que perdura até hoje.

Ao meu esposo Thiago, pela paciência de aceitar minhas ausências em casa, quando era necessária a participação na luta popular.

Ao amigo José Carneiro, que se dispôs a escrever essas memórias de tempos seminais, no Brasil, das lutas políticas pela construção da democracia e de uma sociedade menos desigual, minha estima incomensurável.

Aos meus filhos Marc, Andrei e Liana Verberg, pérolas e dádivas recebidas no meu caminho, pelas contribuições para este livro, incentivos sempre preciosos e pelos relatos que me emocionaram.

Aos demais amigos que participaram com suas declarações na elaboração de meu livro.

Esse sentimento de agradecimento ficará em meu coração para sempre, eu lhes asseguro.

Layse Duarte de Salles Verberg

APRESENTAÇÃO

Este não é um livro biográfico, muito menos autobiográfico, embora, de certa forma, possa até assim parecer. Vem a ser, ao final, um relato circunstanciado de uma história de militância política, de uma experiência de luta, de uma intermitência de vida, de uma tentativa incessante de reconstrução social. Como o título já indica, o livro procura recuperar as memórias políticas de Layse Salles, a estudante paraense de Ciências Sociais que em meados da década de 1960 esteve, junto a outros líderes, à frente do movimento estudantil universitário, comandando greves, organizando ocupações de faculdades e articulando as mais diversas manifestações de ruas. A mais demorada e bem sucedida ocupação de faculdade em Belém, até então, foi por ela dirigida, enquanto presidia o Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Sociais, prolongando-se por vários dias, no casarão da rua avenida? Generalíssimo Deodoro, onde funcionou até o ano de 1969. Naquele casarão antigo, a dois passos da Reitoria da UFPA que funcionava na mesma via, na confluência da atual avenida Governador José Malcher e de instituições que se fizeram, no país, protagonistas da ditadura. Sei o que escrevo, pois vivi de perto aquela difícil época. Quando entrei para a Faculdade de Filosofia, lá já encontrei Layse Salles como líder estudantil e dirigente do diretório acadêmico. E participei também dessa ocupação na Filosofia como estudante e jornalista, eventualmente fazendo a cobertura do evento. Honra-me ter vivenciado as duas situações e, ainda mais, ter convivido com a líder que hoje descrevo com a ajuda dela e da minha memória.

Quase meio século nos separam desses conturbados episódios, que tanto marcaram a sociedade da época e, sobretudo, alteraram a

trajetória de vida da personagem deste livro. Por força de sua atuação política, tanto à frente do movimento estudantil quanto na atuação dentro de uma organização política que lutava clandestinamente contra a ditadura e pela reconstituição do estado de direito no Brasil, Layse Salles viu-se compelida a sair abruptamente de Belém, por questões de segurança, indo refugiar-se em Belo Horizonte. Deixou aqui, sem qualquer preparação, sua família, seus amigos e seus sonhos. Ali nas alterosas, acabou encontrando o amor de sua vida, afinal também uma vitória, e um novo caminho, alcançado no fragor da batalha.

No exílio voluntário concretizado na Holanda, onde construiu uma nova família, uma vez que era holandês seu companheiro, ela permaneceu por mais de trinta anos. Até um dia que decidiu voltar ao Brasil, para um ajuste de contas com o seu passado e para trazer a público a sua história de vida.

Essa é a essência deste livro, com relatos humanos saudosos e, sobretudo, verdadeiros. É a história política contada pelos que a viveram, sem tirar nem pôr. Esta vem a ser a verdade dos fatos, contada com a emoção merecida. É o registro autêntico de uma época que jamais deverá ser esquecida, de um lado ou de outro. Layse Salles retornou sem receio de expor ao público as suas lembranças mais recônditas das batalhas que travou.

José Queiroz Carneiro

REFÁCIO

Edna Ramos de Castro

No momento em que este livro for lançado, ano de 2017, o Brasil passa por uma crise política profunda e uma situação muito particular que revela a insatisfação social com os rumos que toma a democracia e suas instituições. Tudo isso ao lado de uma crise mundial, e interna, no processo de acumulação e de desenvolvimento do capitalismo, provocado por inflexões na economia mundial, do modelo neoliberal e de mercado tencionados para dominar outros campos da vida social e política.

Um país que se encontra entre as principais economias do mundo, e ainda é a mais consolidada do continente sul-americano, enfrenta um momento de conturbação social, corrupção em todas as esferas do poder político com forte articulação das elites econômicas e empresariais, o que tem acirrado a luta política entre grupos, e fortalecido os segmentos conservadores, colonialistas e discricionários que se tem colocado contra os direitos preconizados na Constituição de 1988. Desembocamos em um processo político de desrespeito às regras democráticas, destruição de direitos adquiridos sob intensas e prolongadas lutas populares, de trabalhadores e de trabalhadoras, de jovens e de camadas sociais diversas, sobretudo a partir do início do século XIX. Estamos diante de enormes riscos de perda desses direitos, de consolidação de práticas e de instituições antidemocráticas, de demolição do estado de direitos, de crescimento da violência nesse contexto de politização da vida cotidiana, de criminalização de segmentos sociais, negros, jovens, grupos étnicos e de gênero.

Se a cada dia as páginas dos jornais, em todas as regiões do país, trazem as fotos de corpos de jovens caídos, ensanguentados, atestando a morte e o assassinato como condições naturalizadas, banalizadas, o ano de 2016 mostrou que essa violência pode ainda aumentar, porém agora com maior participação das instituições jurídicas e policiais que têm varrido o país com as velhas bandeiras da moral, da ética (privada) e da legalidade. Esse é o país que Layse Salles não via nos anos de 1960, mas com o qual os elos estabelecidos definiam outras formas de dominação e de criminalização que haviam, ali, se instaurados pelas mesmas forças conservadores e elitistas de agora.

Nesse contexto no qual este livro é lançado, se torna inevitável um olhar sobre a “década de 60”, um ícone temporal da luta pela democracia no século XX em toda a América Latina, e ao mesmo tempo e do apogeu da violência, da morte de estudantes e de trabalhadores que foram às ruas protestar contra a perda do Estado de direito e das instituições democráticas, do massacre de jovens, de seu desaparecimento, do sangue aberto nas veias do continente, com os golpes e as ditaduras implantadas. Enfim, um longo caminho de atraso, no país, como verificado agora, colocando em risco a construção da democracia.

A sociedade brasileira se debateu, no correr dos anos 1960, com enormes convulsões sociais, reveladoras das tensões entre projetos diversos, e contraditórios, de desenvolvimento nacional. É importante ligarmos os nexos que só aparentemente podem parecer desconexos. Algo de obscuro vem acontecendo no Brasil e de difícil compreensão pela sociedade brasileira, na atualidade. Assemelhando-se ao que ocorreu no país nos anos 1950, década de explosão econômica e de fértil debate nacional sobre diversos ângulos e temas, em diferentes escalas, mas também de fortes influências das oligarquias e das burguesias nacionais. Um período que ficou marcado pelo crescimento de uma consciência

nacional sobre o potencial das camadas sociais, de uma classe assalariada que crescia. A academia pouco ajudou na compreensão do que ocorria, embora as análises posteriores tenham sido suficientemente lúcidas, mas extemporâneas para gerar algum efeito no acesso à informação dos processos políticos e suas relações. Muitas instituições brasileiras fundamentais seriam criadas nesse período, mas também nele se forjariam as bases para uma modernidade marcada pela segmentação da sociedade, notadamente o aumento de favelas e áreas de pobreza urbana crescentes que explodiam, e a produção de valores alienados.

Se falamos de crises, como mostram os autores regulacionistas, estamos diante de uma crise mundial produzida em parte pelo sistema financeiro que cresce e domina as dinâmicas de mercado no exercício e busca de acumulação e de racionalizar as irracionalidade do capitalismo. Parece ser este o sentido atribuído por David Harvey no livro *O enigma do capital* em que ele mostra que o capital é o sangue que flui através do corpo político, se espalhando e pode provocar inundação. A atuação e expansão do capital se dá, de forma simultânea, em diversas frentes. Racionalidade do capital que não se faz acompanhar de explicitação de sua lógica. Os ajustes estruturais do Fundo Monetário Internacional (FMI) e a repressão salarial que hoje levaram os gregos, os espanhóis, os portugueses, entre outras nações europeias, a se debaterem em uma Europa da Consertação da União Europeia, com todas suas formas de mobilização pública, que tem se tornado um baluarte que mostra a cara nublada da Europa e do capitalismo de início do século XXI.

A solução que aparece hoje no Brasil é uma opção ao neoliberalismo dos ajustes liberais. As crises financeiras têm levado a novas configurações, novas formas financeiras, de produção e novas regulações - ditos como novos modelos de desenvolvimento podem culminar com novas crises que regulam o capitalismo, fortalecendo o

fluxo do capital. O ônus vai para os trabalhadores que pagam a dívida. Por isso, concordamos que é necessário conhecer o fluxo do capital, seus caminhos sinuosos e sua lógica para podermos entender as condições em que vivemos.

Na realidade, pela lógica do capitalismo quando se trata de trabalho, o capitalismo aplicara suas partidas de manter a dependência, atualizada, dos trabalhadores ao capital, embora hoje essa discussão parece fora de foco. Vivemos uma época que a análise política sobre os movimentos do capital, foi substituída pela alienação do mundo real e crença exacerbada nos modelos explicativos abstratos que servem aos processos de dominação. Na medida que se abre mão do entendimento das relações fundamentais que estruturam nossas vidas, da economia as instituições investidas de poder político, legitimados.

O Estado tem um papel fundamental para manutenção dos interesses, ao regulamentar a força de trabalho, de forma a permitir o livre fluxo do capital. Em momentos de crise, como mostram os regulacionistas, o Estado é fundamental para regulamentar as leis trabalhistas, as instituições que procedem aos ajustes fiscais. O Estado é também importante para criar as instituições sociais e formar, qualificar a força de trabalho, criar novas tecnologias para alimentar os fluxos do capital de forma mais adequada que permita aumento de produtividade, ao mesmo tempo que amplie as possibilidade de competitividade de um dado país. No caso do Brasil, o Estado, na dinâmica dos fluxos, criou bases de programas desenvolvimentistas e neoliberais que têm sido catastróficos na regulação da força de trabalho, a cada momento, com ajustes econômicos que promovem sacrifícios de várias dimensões na vida social.

A trajetória da Layse Verberg de Salles é singular no que tem de sua expressão, de sua personalidade forte e firme, de seu interesse

incomum com o social, do sentido de justiça que orienta suas práticas. Este livro é a expressão de um processo individual e coletivo. Essa singularidade tem um sentido mais amplo por entender o espírito de sua época e tocar em frente os processos de interesse público. Foi assim na prolongada ocupação da Faculdade de Filosofia, no casarão da Generalíssimo. Liderou a ocupação que foi uma das mais prolongadas no Pará, como presidente do Diretório de Estudantes, e manteve viva a chama do debate político e da resistência até serem vencidos pelo avanço das tropas do Exército que lograram dispersar os estudantes. Deste acontecimento, Layse que era procurada e certamente seria presa pelas forças do DOI-CODI, conseguia se evadir e, tempos depois, teria de procurar a clandestinidade, longe do Pará, uma forma de se manter viva e prosseguir postulando o ideal de justiça.

O que este livro nos ensina? E sobretudo por que agora? O que este momento que já se caracteriza pela intolerância, autoritarismo, fraqueza do Estado e negação de direitos, tem com aquele vivido por Layse Salles? Que sentidos ligam esses momentos? Ele mostra certamente como a história social se produz no processo de luta interna na sociedade. Revela o papel singular de estudantes – secundaristas, universitários – na construção da democracia do país. Aponta para as diversas formas de violência que atravessam o tecido social, das relações autoritárias que não ficaram no passado, das relações internas à casa grande e senzala e de sua exterioridade e dominância na vida do país. O livro fala da permanência da desigualdade social da falta de justiça, da negação do outro, da seletividade e de um país que ainda é, acima de tudo, colonial, autoritário, patrimonialista e machista.

A autora nos brinda com um olhar carinhoso sobre seu país que teve de abandonar para não ser mais um corpo desaparecido e apodrecido nos porões da ditadura. E fala de memória sobre esse Brasil dos anos

1960, e nos lembra, inevitavelmente, desse país de 2016-2017. Um elo entre o tempo da narrativa deste livro e o tempo de trevas que também contaminam o presente. A meu ver, nessa perspectiva, é também dele que esse livro fala. Ele nos lembra, ele insiste na verdade da memória.

Mas as inalações e os recortes temporais, espaciais, podem ser produzidos pelo leitor como um exercício de ligar tempos diferentes e assim mesmo próximos na sua capacidade de explicitar o país em que vivemos. Esse exercício seria, em si, uma lição de cidadania, de identidade e de solidariedade pública.

SUMÁRIO

PARTE I: MEMÓRIAS POLÍTICAS

- 37 Capítulo 1 – A década das transformações políticas
- 31 Capítulo 2 – Os anos 1960 e o movimento político no Brasil
- 33 2.1 A década de 1960 no Pará
- 39 2.2 Os universitários e o enfrentamento político na década de 1960
- 41 Capítulo 3 – Contextualização estudantil no Pará
- 43 3.1 O aprendizado e o início da militância
- 48 3.2 O exílio: palavra da década de 1960
- 53 Capítulo 4 – Origens familiares de Layse Salles
- 61 Capítulo 5 – Assembleia estudantil em risco
- 67 Capítulo 6 – Liderança política e clandestinidade
- 77 Capítulo 7 – Layse Salles na Holanda e a continuidade na política
- 87 Capítulo 8 – Reflexões sobre o retorno
- 89 Conclusão

PARTE II REPRESSÃO E LUTAS DE LAYSE VERBERG DE SALLES NA FALA DO OUTRO

- 117 Testemunho 1 - Dolores Bahia
- 120 Testemunho 2 - Aloysio Leal

- 131 Testemunho 3 - Fernando Fiúza de Melo
- 142 Testemunho 4 - Ana Diniz
- 145 Testemunho 5 - Arnaldo Barreto
- 151 Testemunho 6 - Edna Ramos de Castro
- 160 Testemunho 7 - Valdecir Manoel Affonso Palhares
- 163 Testemunho 8 - Rosyan Caldas Brito
- 171 Testemunho 9 - Violeta Refkalevsky Loureiro
- 174 Testemunho 10 - Adrianus Jacobus. Antonius Verberg
- 180 Testemunho 11 - Humberto Cunha
- 184 Testemunho 12 - Roberto Maria Cortez de Souza
- 190 Testemunho 13 - Antônio Sidonio
- 192 Testemunho 14 - Fátima Carneiro da Conceição
- 194 Testemunho 15 - Marcus Vinicius Monteiro Malcher
- 195 Testemunho 16 - Lúcio Flávio Pinto
- 197 Testemunho 17 - Ana Maria Tancredi de Carvalho
- 198 Testemunho 18 - Zélia Amador de Deus
- 200 Testemunho 19 - Marc Dário Verberg
- 202 Testemunho 20 - Liana Claudomira Carolina Verberg
- 204 Testemunho 21 - Andrei Roberto Verberg
- 207 Testemunho 22 - Hans Baker
- 208 Testemunho 23 - Gerard Harmes

INTRODUÇÃO

O ano de 1968 foi um período que, a meu ver, teve como característica marcante as lutas dos jovens no mundo todo. Foi uma transformação que contribuiu para que todos tomassem consciência de que tinham o poder e que não se calariam mais, diante de tanta injustiça social perpetrada pelas forças reacionárias, em praticamente todos os quadrantes do mundo. Vieram, assim, as descobertas na música, no teatro, no cinema e na ciência, impulsionando a coragem até em relação às exigências civis, e logo a política mundial estremeceu da “cabeça aos pés”. O movimento nacionalista, na maioria dos países, tinha como característica a preocupação com o “social”, e até mesmo as esquerdas (intelectuais) olhavam esse novo movimento de jovens com certo receio, ao perceberem que agora não havia volta: ou apoiar o movimento de massa ou se desmascarar. Foi um movimento originário das universidades, com exigências de uma revolução cultural, e não era só no Brasil e pelo Brasil, mas no mundo todo, onde os jovens não aceitavam mais o conservadorismo. A esquerda da época (a velha estirpe) olhava espavorida o caráter anti-imperialista que esse movimento estava tomando, com sua faceta desenvolvimentista e industrializadora, com o natural receio de perder seus privilégios.

Foram muitas as revoltas que marcaram para sempre 1968. Podemos lembrar Alexandre Dubcek, um dos primeiros secretários do Partido Comunista da Tchecoslováquia (hoje República Tcheca e Eslováquia), que propagou o socialismo com face humana, em oposição à União Soviética¹.

¹ Do mesmo modo foram muitos os protestos contra a Guerra do Vietnã, repercutindo em todo o planeta. A partir daí, por exemplo, houve a ocupação da universidade francesa de Nanterre e no Brasil foi morto o estudante paraense Edson Luiz de Lima Souto, em meio a manifestações estudantis repelidas pela polícia no Rio de Janeiro.

Em abril desse ano Martin Luther King, o líder dos direitos dos negros foi assassinado nos EUA tendo sua morte causado uma enorme onda de protestos pelo mundo afora. Na França, muitos estudantes protestaram contra o governo reacionário de Charles de Gaulle. No Rio de Janeiro a passeata dos cem mil foi considerada um dos maiores protesto civis contra a ditadura militar.

Em dezembro aconteceu o pior no Brasil, com a edição, pela ditadura militar, do Ato Institucional nº 5, instrumento que fortaleceu o regime. A década de 1960 foi muito especial na medida em que o movimento rebelde crescia e as mudanças aconteciam em regimes diferentes, na Alemanha, na Polônia, no Japão, na França e na Tchecoslováquia. Considero esses acontecimentos como uma luta universal contra o autoritarismo e seus poderes “envelhecidos”, exigindo não mais só as reformas na educação mas acrescentando, sobretudo, mudanças políticas. Com a sociedade civil desorganizada, não houve outra alternativa que não a dos jovens estudantes tomarem a frente do movimento.

Dizem alguns historiadores que esse período foi o início da globalização. Nesse contexto de luta por mudanças radicais, com uma paixão pela ética política e pelas causas públicas, surgiram muitos pensamentos contra o conservadorismo até então vigente. Mas, por outro lado, houve certa degeneração ou mesmo um desvio de algumas coisas que naquele tempo eram positivas, como a sede de conhecer o novo, ou a descoberta das drogas usadas com argumento de “ampliação” dos horizontes, isto é, de um avanço de conhecimento da mente e do espírito. Sabemos hoje, entretanto, que seu uso tem mais aspectos negativos do que favoráveis para o ser humano.

Particpei desse período histórico ativamente e de várias formas, como presidente do Diretório Acadêmico de Filosofia, militante de uma organização política clandestina, a Ação Popular (AP), e mais tarde do Partido Marxista Leninista do Brasil, enfrentando com toda a minha

energia as situações mais diversas, como por exemplo trabalhando com camponeses ou alfabetizando operários de fábricas em Belo Horizonte, utilizando o sistema de Paulo Freire, todas tarefas dentro da luta popular e que acabaram responsáveis por eu não ter conseguido concluir meu curso superior. Consegui superar as dificuldades graças à ajuda obstinada de companheiros nesse ideal e na identificação com os setores humildes da sociedade. Só assim poderíamos enfrentar o poder, diante das evidências flagrantes de injustiça social. Nossa geração queria mudar, política e ingenuamente, o mundo, pensando ter a força interior para “romper” com todos os valores conservadores. Na verdade, nossa luta política conseguiu a muito custo extrapolar para uma revolução cultural, já expandida em diversos países de diferentes regimes políticos.

É certo que os jovens daquele período representaram a vanguarda de uma revolução política com caráter social, no mundo inteiro, luta que perdura até hoje, muito embora sob outra forma, mas igualmente universal.

Nesse campo, a tão falada globalização contribuiu para que o capitalismo tomasse outro “aspecto”, da mesma forma que o comunismo sectário entrasse noutro ritmo para não sucumbir, o que pode ser demonstrado pela chegada do neoliberalismo.

Acredito, firmemente, que jamais voltaremos aos antigos métodos de “manipulação” usados como garantia do poder, privilegiando as classes dominantes determinantes das “regras do jogo”.

O povo brasileiro faz, hoje, “chacota” daqueles que tentam usar termos “populistas” iguais aos dos tempos do baratismo. Ainda que a classe menos privilegiada vote em candidatos da direita, não acreditam mais que esses serão representantes de seus interesses e usam o mesmo método oportunista que lhes foi ensinado, para garantir uma segurança de um emprego ou dinheiro. É lamentável que isso ainda aconteça, porém não foi em vão essa luta, pois atualmente pode-se ver, por exemplo, bons

profissionais comprometidos com a justiça social e jamais se calando, mesmo quando os poderosos tentam impedi-los de falar a verdade. Aqui perto de nós temos o exemplo do jornalista Lucio Flávio Pinto, que criou seu próprio jornal para dizer tudo que vê, ouve e lê.

Ainda não se conseguiu que os políticos aceitem conscientemente a justiça para todos, com uma qualidade de vida igualitária. Mas acredito que se todos os homens tiverem a mesma oportunidade, o mundo será melhor. Na minha opinião não deveria haver diferenças discriminatórias entre os homens, embora essas diferenças naturais sejam vistas como um caminho para o enriquecimento do saber coletivo.

Sei que ainda temos muito que enfrentar. Talvez só os meus netos virão a desfrutar disso, mas acredito, firmemente, que a sociedade encontrará esse caminho.

Atualmente não tenho compromisso com nenhum partido político, apenas me alinho às lutas que, ao meu ver, tem o fiel propósito de extinguir as injustiças sociais criadas por nossos antecessores.

Deixamos nossa herança de luta como exemplo para os jovens de hoje. Não se pode negar que muita coisa boa aconteceu na época em análise: a ética política, a valorização das minorias, os movimentos coletivos, a solidariedade de se entregar a uma causa justa a ponto de se arriscar a própria vida e deixar para trás os estudos, ainda que com muitas perdas. Vi e vivi o movimento de 1968 como o grito de basta à tudo que caracterizava uma sociedade autoritária. Tenho orgulho de ter tido a oportunidade de participar desse momento histórico mundial. Sei que muitas vezes fomos ingênuos mas ninguém poderá nos acusar de omissos.

Aceitamos o desafio de gritar para abrir caminhos mais promissores. Nossa revolta tomou um cunho político mais autêntico em nossos ideais. Agradeço aos companheiros e amigos de todas as classes sociais que se filiaram à nossa ousadia e sinceridade.

Layse Verberg de Salles

Parte I

Memórias Políticas

CAPÍTULO 1

A DÉCADA DAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS

A década de 1960 foi referencial – no Pará, no Brasil e no mundo – de um tempo de expressivas transformações, na redefinição do mapa mundi das perspectivas políticas envolvendo as relações entre governantes e governados, entre a sociedade civil e a sociedade política, entre a imprensa e o povo, entre a juventude e suas famílias, entre dominantes e dominados e, enfim, entre o poder e suas múltiplas ramificações e consequências finais.

Foram transformações das mais substantivas, em alguns casos beirando o sentido estrito de revoluções, traduzidas por mudanças autênticas oriundas da base da sociedade, ou quase. Em muitos outros casos, porém, – e aí o Brasil se encaixa perfeitamente como exemplo – as estruturas foram mudando sem que o caráter revolucionário representasse um paradigma político dessas transformações. Pode-se dizer também ter sido essa, de certa forma, a década banalizadora da palavra “revolução”, desvirtuando a torto e a direito o seu significado original, sobretudo se levarmos em conta as concepções marxistas que, àquela altura, começaram a invadir, ainda que tenuamente, os campi universitários e as salas de aulas acadêmicas. Os exemplos mais ilustrativos desses desvios localizam-se na América Latina, com o Brasil tendo especial contribuição à questão, assunto hoje por demais conhecido. Não obstante, as transformações acabaram vindo com muita força naquela década inesquecível, por quem a viveu ou, simplesmente, leu a respeito, caso das gerações sucessivas. No decurso daqueles dez anos cabalísticos, o mundo presenciou a mudança dos costumes, o desenvolvimento da tecnologia, a (des)(re)organização da sociedade em bases totalmente

diferentes do que até então se conhecia. Um dos pontos principais (e foram muitos esses pontos principais, diga-se logo a bem da verdade), a liberdade sexual teve sua marca histórica originada numa fazenda norte-americana, Woodstock, que mostrou para o mundo o quanto se tinha e se precisava fazer para mudar o status quo então vigente¹. Woodstock, quer se queira ou não, continua sendo uma palavra mágica.

De seu lado, a Inglaterra participou das transformações da década com o surgimento dos Beatles, o grupo musical originado em Liverpool, que ganhou o mundo com suas inesquecíveis músicas e seu inusitado estilo rompedor das convenções sociais repressoras, referencial diante da inquietude da juventude. Aquilo, sim, foi uma revolução musical no sentido mais amplo da palavra.

A França esteve numa posição privilegiada quanto às mudanças da época e, particularmente, quanto aos avanços da luta na busca de emancipações variadas, situando-se como ponta de lança demarcadora de muitos desses processos, simbolizados na liderança do jovem Daniel Cohn-Bendit e a quebra das barricadas, bastilha do século XX. E o que dizer do envio, pela União Soviética, do primeiro homem ao espaço, Yuri Gagarin, dando início à disputa pela geopolítica extraterrestre, culminando com a chegada do homem à lua, conquista proclamada mundialmente pelos Estados Unidos, no ano de 1969? Esses foram alguns dos inumeráveis brados retumbantes da década de 1960, mexendo com o planeta Terra, dentro e fora dele.

Mas essa mesma década, de transformações tão veementes, foi marcada também pelo avanço negativo do atraso, com perdão pela aparente contradição vernacular, não obstante bem apropriada

¹ Foram, como se sabe, três dias programados para shows musicais, reunindo centenas de milhares de pessoas (entre homens, mulheres e crianças) simbolizando a nova era que se anunciava e que se traduzia num simples e expressivo *slogan*: “Faça amor, não faça a guerra”. Num acampamento barulhento, desorganizado e pacífico nos Estados Unidos, traçou-se a linha social divisória da humanidade, que repercute até hoje.

para o colonialismo e sua forma mais moderna, o imperialismo, pelo autoritarismo e tantos outros “ismos” que balançaram a sociedade. Para lembrar alguns exemplos confirmadores dessas assertivas, basta rememorar a terrível guerra do Vietnã, que devastou países e povos, na mais ignominiosa das lutas em nome de ideologias (para não se dizer hipocrisias), ou a guerra fria entre as duas maiores potências de então, que manteve o mundo em permanente estado de alerta, com a mais rentável das beligerâncias já vistas, ou ainda o apetite inusitado de poder dos militares, saindo dos quartéis e assustando boa parte do planeta, em especial países da América Latina. Essas foram vertentes de um só caminho, numa permanente luta por mais poder econômico, gerador do desequilíbrio social, que o planeta Terra ainda não conseguiu superar e muito menos absorver². De outro lado, a era Kennedy, iniciada praticamente com a década e que teve o seu auge dramático no assassinato do presidente John Fitzgerald Kennedy em 1963, foi outro emblema do período, por tudo que se soube e foi revelado posteriormente, a começar pela questão dos mísseis na Baía dos Porcos, em Cuba, a demonstrar o despreparo, que no fundo se somava também à inapetência do mais cultuado dos Kennedy no exercício do poder, até chegar na malfadada guerra do Vietnã, já sob as presidências igualmente infelizes de Lyndon Johnson e Richard Nixon, mais guerreiros do que políticos, na verdadeira acepção dessas palavras. Johnson deflagrou a guerra e saiu de cena e Nixon aprofundou-a o quanto pode, até ceder à renúncia,

² Impossível não lembrar, nesse balaio de contradições e de rumos irregulares, a figura do general Charles de Gaulle em visita ao Brasil em meados de 1965 como presidente da França. O herói da resistência francesa, que encerrou sua heroica carreira militar e política no final da década, teria pronunciado uma frase lapidar, ao conhecer o país em visita oficial: “O Brasil não é um país sério”. Uma conturbada “guerra das lagostas” vinculada à disputa, na época, pelo mar territorial teria sido a causa do aborrecimento de De Gaulle. Mesmo que a frase não tenha sido de sua autoria, como depois se constatou, ficou cunhada como verdadeira e entendida dentro do quadro de aberrações que o Brasil escancarava para o mundo e não só na era dos militares.

em 1973, para não ser implodido nas fimbrias do escândalo que ficou tristemente conhecido por Watergate.

A década apresentou também a figura lendária, carismática e heróica do argentino Ernesto Guevara que, como o Che de todas as correntes, acabou vitorioso em Cuba, como um dos líderes da revolução de Sierra Maestra. Com essa mesma têmpera de revolucionário, finou-se assassinado nas matas da Bolívia, transformando-se num grande mártir do combate ao capitalismo. E líder, afinal, de todos os movimentos revolucionários que se gestaram no mundo, a partir de sua consagrada figura portenha. Sem esquecer, pelo lado espiritual, o nascimento cristão e católico da teologia da Libertação que, de Medellin na Colômbia, se espalhou por todo o continente em ebulição. Foram tantos os eventos, em tantos países, que não cabe aqui desvela-los em detalhes. Muitos já o fizeram, de forma brilhante. Por isso mesmo, optou-se apenas pelo registro de alguns lembretes.

Não há dúvidas, a década de 1960 mexeu mesmo com todo o planeta...

CAPÍTULO 2

OS ANOS DE 1960 E O MOVIMENTO POLÍTICO NO BRASIL

Em 1960 o Brasil registrava uma população aproximada de setenta e um milhões de habitantes (dados extraídos do sétimo censo realizado no país) e inaugurava Brasília, a nova capital federal, construída em cerca de três anos e dez meses. É voz corrente entre os analistas econômicos que a construção de Brasília, ao mesmo tempo em que consolidava o prestígio de Juscelino Kubitschek, como um presidente empreendedor e tocador de obras, lançaria o país numa desenfreada inflação e na mais incontrolável corrupção que, pelo que se percebe hoje, não conseguiu ainda ser extirpada³.

Essa década de 1960, para dizer o mínimo, começou mesmo muito esquisita no Brasil, com a eleição de Jânio Quadros para presidente da nossa República Federativa, numa surpreendente avalanche de votos e um final mais surpreendente ainda, com sua inopinada renúncia. Advogado e professor de português, Jânio Quadros nasceu em Mato Grosso e fez carreira política – meteórica, acrescente-se – em São Paulo, elegendo-se na sequência vereador, deputado estadual, prefeito da capital, governador do estado e deputado federal pelo Paraná, até ser alçado, por ínvios caminhos trilhados, à presidência do país. Sete meses depois, como se sabe, Jânio Quadros renunciou ao cargo (fato ocorrido pela primeira vez no Brasil) e lançou o país numa crise grave e sem precedentes, que acabou redundando, de certa forma, no golpe militar de 1964. O que parecia inexplicável – e mais confuso ainda ficou na carta-renúncia cheia de generalidades – logo surgiu perceptível para os

³ Parece ser uma análise que não suscita dúvida, diante de tantos fatos irreversíveis.

analistas, ante o temperamento ciclotímico e a personalidade confusa do folclórico e sagaz político brasileiro⁴.

O que ele pretendia mesmo, com seu gesto insano, era provocar uma reviravolta capaz de lhe assegurar mais poderes (provavelmente discricionários) para governar⁵. O período entre a posse (seguida da renúncia) de Jânio Quadros na presidência e o golpe militar de 1964 durou exatos três anos e dois meses, tempo em que o Brasil viu o sistema de governo passar de presidencialista para um tosco parlamentarismo (medida imposta pelos militares para permitir a posse do vice-presidente, João Goulart, numa espécie de “jeitinho brasileiro” oficializado), viu um plebiscito nacional trazer de volta o presidencialismo no início de

⁴ A seguir o pequeno texto da carta, cujo estilo não negou a autoria: "Fui vencido pela reação e, assim, deixo o Governo. Nestes sete meses, cumpri meu dever. Tenho-o cumprido, dia e noite, trabalhando infatigavelmente, sem prevenções nem rancores. Mas, baldaram-se os meus esforços para conduzir esta Nação pelo caminho de sua verdadeira libertação política e econômica, o único que possibilitaria o progresso efetivo e a justiça social, a que tem direito o seu generoso povo.

Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontando, nesse sonho, a corrupção, a mentira e a covardia que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou indivíduos, inclusive, do exterior. Forças terríveis levantam-se contra mim, e me intrigam ou infamam, até com a desculpa da colaboração. Se permanecesse, não manteria a confiança e a tranquilidade, ora quebradas, e indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio mesmo, que não manteria a própria paz pública. Encerro, assim, com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes e para os operários, para a grande família do País, esta página de minha vida e da vida nacional. A mim, não falta a coragem da renúncia.

Saio com um agradecimento, e um apelo. O agradecimento, é aos companheiros que, comigo, lutaram e me sustentaram, dentro e fora do Governo e, de forma especial, às Forças Armadas, cuja conduta exemplar, em todos os instantes, proclamo nesta oportunidade.

O apelo, é no sentido da ordem, do conagraçamento, do respeito e da estima de cada um dos meus patrícios para todos; de todos para cada um.

Somente, assim, seremos dignos deste País, e do Mundo.

Somente, assim, seremos dignos da nossa herança e da nossa predestinação cristã.

Retorno, agora, a meu trabalho de advogado e professor.

Trabalhemos todos. Há muitas formas de servir nossa pátria.

Brasília, 25-8-61".

⁵ (Jânio ainda voltaria a cena política, perdendo duas disputas para o governo de São Paulo mas elegendo-se, em 1985, prefeito da capital, quando derrotou o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso)

1963, devolvendo os poderes ao presidente e viu, por fim, os militares se rebelarem e encerrarem o governo dito populista de Jango com o golpe militar, apelidado de revolução e até de contra revolução, o que não fazia nenhum sentido diante da “quartelada” que se presenciou. O que a ciência política nos ensina é que o conceito de revolução nunca foi minimamente adequado ao que aconteceu no Brasil em 1964, e os militares, além do poder institucional, usurparam também um conceito consolidado pela teoria marxista sobre o processo revolucionário. João Goulart, diante do golpe iminente, se exilou no Uruguai, onde faleceu no ano de 1985 sem jamais ter obtido permissão para voltar ao Brasil, a despeito de inúmeras articulações de seus amigos. Vale dizer que o Uruguai foi um dos países que mais recebeu brasileiros exilados ou, simplesmente, fugindo dos rigores implantados na legislação pelo golpe militar. Os líderes militares empalmaram o poder esvaziado e o preencheram com a nova feição autoritária, baseada na suposta necessidade de extirpar, de um lado, a corrupção e de outro a ideologia de esquerda, ou subversão, como se propalava na época, com especial ênfase para o comunismo que, segundo eles, tivera sua presença no Brasil estimulada pelo ex-presidente deposto⁶. Como se sabe, nem a corrupção e nem o comunismo foram extirpados como proclamavam e desejavam os militares que deram o golpe os quais, ainda assim, conseguiram se manter no poder por mais de vinte anos, quando novamente uma chamada redemocratização alterou os rumos políticos brasileiros.

2.1 A década de 1960 no Pará

A população do Pará, em 1960, era de aproximadamente 1 milhão e meio de habitantes e a capital do estado, Belém, há pouco havia sido

⁶ (Explicitamente acusava-se Jango Goulart de pretender implantar no Brasil uma república sindicalista)

ligada a Brasília, por via rodoviária, o que viria alterar sobremaneira a circulação de pessoas e de produtos, do sul para o norte e vice-versa. Começava, efetivamente, por esse caminho e a partir daí uma nova década e um novo tempo no estado.

Nesse início de década registrou-se no Pará a eleição e a posse do governador Aurélio do Carmo, na esteira da comoção provocada pela morte do líder e governador Magalhães Barata, falecido no exercício do mandato em maio de 1959. Aurélio do Carmo, ex-secretário de Barata, eleito facilmente aos 38 anos de idade, não soube aproveitar o prestígio que a maioria absoluta de votos do baratismo lhe conferiu⁷. Ao cabo de pouco mais de três anos de governo (para ser bem preciso, três anos, quatro meses e dez dias), caiu em desgraça por força de uma lamentável administração e o golpe militar precisou de apenas poucos dias para cassar-lhe o mandato junto com o de muitos outros políticos, de vários partidos. Relembrando a perlenga, as cassações sobrevinham, como mencionado anteriormente, motivadas por corrupção ou por subversão. Curiosamente (mas também explicavelmente), Aurélio do Carmo posicionou-se, desde o primeiro instante do golpe, a favor dos militares, tendo até publicado em revista semanal de circulação nacional (“O Cruzeiro”, dos Diários Associados) como matéria paga uma declaração de apoio aos golpistas. De nada adiantou pois era de tal monta o desgoverno pessedista no Pará que não haveria outra saída, ainda que o governador Aurélio do Carmo, que viu prorromper o golpe no Rio de Janeiro para onde ia com inusitada frequência, tivesse manifestado apoio incondicional aos militares e fizesse coro com todos os áulicos do novo regime, na tentativa de salvar a pele, o cargo e, quiçá, o futuro político.

⁷ O “baratismo” foi uma espécie de movimento político, assim chamado pelos seguidores do general Magalhães Barata que, desde 1930, como interventor do Pará, comandou a política do estado, tanto em períodos ditatoriais como em épocas democráticas. Sua presença, física ou virtual, na política paraense durou de 1930 até 1959, quando faleceu no cargo de governador eleito, depois de ter sido senador por dois mandatos.

Não conseguiu nada do que pretendia, embora tenha caído – como ele registrou em suas bem pouco explícitas memórias publicadas – com o que lhe restou de dignidade. Foi, certamente, um momento raro em sua inconclusa passagem pelo mais alto cargo administrativo do Estado. Além da cassação, Aurélio do Carmo teve seus direitos políticos suspensos por dez anos (punição que se aplicava a todos os cassados), retornou à advocacia e, nos anos 1980, após a redemocratização, foi alçado ao desembargo do Tribunal de Justiça do Estado, por onde se aposentou. O que sobrou dessa “limpeza” comandada pelos golpistas legalizou a ascensão ao poder estadual do ten. cel. Jarbas Gonçalves Passarinho, um dos ideólogos militares da nova situação e principal articulador do golpe no Pará, tanto entre os militares quanto entre os civis, também liderados por ele. Passarinho se tornou um dos mais ilustrados quadros da ditadura militar, ocupando três ministérios, exercendo três mandatos de senador, além da presidência do senado, tendo sido ainda ministro da Justiça, durante curto tempo na presidência de Fernando Collor de Melo.

Com o golpe militar, começou uma nova fase no Brasil, difícil para governo e oposição, para a esquerda e a direita, para os governantes e os governados. Afinal, era um governo militar e autoritário, que usou e abusou desse autoritarismo para preparar o terreno em que deveria atuar. No começo da ditadura militar foi criada a famigerada Comissão Geral de Investigações (CGI), encarregada dos inquéritos generalizados que se instalaram e dos quais derivaram vários tipos de punições, como demissões de funcionários, cassações de parlamentares, exoneração de militares, prisões etc, etc. Nos estados criaram-se as sub-CGI, com funções precípuas e idênticas mas com atuação restrita ao plano interno de cada estado da Federação. Essa CGI e suas respectivas sub-CGI foram alvo de todas as maquinações possíveis, desde inquéritos comuns gerados por fatos comprovados, passando por delações gratuitas

e covardes até chegar a vinganças por parte, claro, dos vencedores. Fez-se de tudo, como costuma ocorrer em momentos políticos de exceção, e não foram poucas as injustiças cometidas pelos autores do golpe militar de 1964. Em palavras mais simples, houve a institucionalização do dedo-duro ou do quinta coluna, useiros e vezeiros nas ações solertes. São as horas soturnas das crises em que muitos se aproveitam, não só para virar a casaca mas para atingir adversários impossíveis de destruir num combate transparente⁸.

A ascensão de Jarbas Passarinho é o ponto crucial do golpe militar no Pará, pois ele soube galvanizar a liderança que exerceu até entre os civis por força de sua presença no estado Maior da Oitava Região Militar e de suas articulações com militares de prestígio a nível nacional. Jarbas Passarinho conquistou com relativa facilidade o governo do Estado, em eleições indiretas caracterizadas por uma Assembleia Legislativa absolutamente submissa, em função das cassações e, claro, da nova injunção militar⁹.

⁸ O presidente da CGI era o general Estevão Taurino de Rezende ex-comandante da 8ª Região Militar, período durante o qual teve um sério entreencontro com o então deputado estadual Benedito Monteiro. Este, da tribuna da Assembleia Legislativa, desqualificou o general Taurino de Rezende dizendo que, para alguém chegar àquele posto, bastava minimamente acordar cedo e saber marchar. Benedito Monteiro foi a primeira vítima do general, embora tenha sido cassado por seus próprios pares, num caso único da Assembleia Legislativa do Pará. O general Taurino usou e até abusou dos poderes que lhe foram confiados por meio da CGI mas no futuro ele pagaria alto preço por isso, ao ter um filho seu punido pelos militares que assumiram o governo, embora este fato seja apenas um detalhe pontual em meio à conturbada intervenção dos golpistas, que se açularia poucos anos depois, com o chamado “golpe dentro do golpe”, que representou a edição do AI-5.

⁹ São públicos e notórios os detalhes que circunscreveram a eleição de Passarinho, valendo a pena citar o apoio obtido por dois próceres importantes do PSD, partido massacrado pelos militares. O primeiro deles foi o general Moura Carvalho, apeado da Prefeitura de Belém na lista de cassações locais e que concordou em articular o seu partido para sufragar o nome de Passarinho; o outro foi Hélio Gueiros, deputado estadual na época, preso incomunicável na 5ª Cia de Guardas do Exército, libertado com a condição imposta pelos vencedores. Hélio Gueiros, na ocasião em que reassumiu seu mandato, proclamou-se líder da minoria e não da oposição.

Ao lado de Passarinho, ascendeu ao poder imposto pelos militares o major Alacid Nunes, eleito também indiretamente prefeito de Belém, pela Câmara Municipal, totalmente manietada. Para sintetizar esta abordagem, diga-se que ambos, nos seus respectivos novos cargos, saíram-se bem da missão que desejaram e que lhes foi confiada. Beneficiaram-se, evidentemente, dos escombros administrativos legados pelos seus cassados antecessores. Alacid Nunes acabou sucedendo Jarbas Passarinho nas eleições diretas de 1965 para governo do estado (as últimas da década) e Passarinho conquistou, em 1966, seu primeiro mandato de senador. Mas logo os dois pretensos líderes do golpe militar tornaram-se desafetos radicais, fustigando-se reciprocamente, certamente pela disputa de poder e de liderança¹⁰.

Voltando aos rumos que se desenhavam na época paraense, Alacid terminou a década como governador e Passarinho como ministro, ambos se digladiando para vencer as disputas no Estado, até então subordinadas aos dois líderes, com predominância nacional para Jarbas Passarinho e estadual para Alacid Nunes. E ambos, também, à frente do esquema repressor que o sistema dominante impunha, sobretudo às oposições em luta. Tudo isso desaguardaria num confronto aberto que enveredou pela década de 1970 e veio a eclodir no início dos anos 1980, quando a nova redemocratização do país aparentou dar outra face ao Brasil. Ambos fizeram alianças inimagináveis e o tempo, a seu tempo, corroeu-lhes o prestígio, a vitalidade e a biografia. Passarinho tentou contar sua versão em dois livros de memórias que publicou. Alacid decidiu nada contar, preferindo ficar em débito com a história, não obstante as tentativas de muitos para fazê-lo falar, dizendo melhor, explicar-se. Continuou mudo,

¹⁰ No governo do general Geisel, ambos encenaram uma impossível reconciliação, com direito a cumprimentos e declarações efusivas, que não resistiram à verdade que saltava à vista dos que acompanhavam a luta e o estilo de ambos na política. Restaram dessa hilária tentativa de reconciliação imposta pelo poder central as fotos do evento, realizado na sede da Aliança Renovadora Nacional, o partido criado pelos militares para dar sustentação à nova ordem.

pelo menos sem tergiversações. “Meno male” para nós todos. Ambos faleceram, nonagenários, na segunda década deste século.

Sobre a luta política do período, o professor Aloysio Leal, um dos que enfrentaram a repressão militar, relembra: “Havia então uma polarização muito grande em termos partidários, no interior da política estudantil, entre o PC e a AP, o Partidão e a Ação Popular. Eu cheguei a militar na Ação Popular mas logo esse meu lado, não individualista mas independente, essa minha independência começou a se chocar com o caráter disciplinador e profundamente autocrático da AP, me desliguei da AP por causa disso. Aí descobri que o delito de pensamento não estava apenas na esfera da mentalidade de quem tinha dado o golpe militar, pra mim estava dentro de organizações que faziam parte de uma pretensa resistência a esse golpe... A AP era uma organização em que, claramente, isso eu percebia e não sei se outros perceberam, havia uma espécie de partição hierarquizada dentro da qual existiam privilégios para uns e para outros apenas responsabilidades.

A AP era um braço da Ação Católica, o problema é que eu percebia que ali estava a ação da igreja, que sempre foi uma instituição profundamente disciplinadora... E os quadros da AP na sua absoluta maioria eram de gente oriunda dos quadros da Ação Católica. Essa minha impressão, muitas décadas mais tarde, veio a se confirmar pelo surgimento dentro da vida política nacional de pessoas que foram da AP e não poderiam deixar de ir para onde elas foram, para a direita, como era o caso do Serjão, do Serra e tantos outros... Já o PC se caracterizava por não fazer uma oposição, como deveria ser feita, à ditadura. A AP falava, inclusive denunciava o PC como tal, que o PC era um partido imobilista, mas o que ela chamava de revolução não tinha nada de revolução verdadeiramente falando, como se trata de uma revolução social de caráter, de qualidade, liberdade etc. corria o risco de ser uma revolução dos iguais onde alguns eram mais iguais do que os outros.

2.2 Os universitários e o enfrentamento político na década de 1960

Foi precisamente no ano de 1962, ainda no governo João Goulart, que a sociedade brasileira presenciou, pela primeira vez com tal magnitude, a mobilização reivindicatória dos estudantes universitários por todo o país, sob o comando da União Nacional dos Estudantes (UNE), fundada em 1937. Foi a partir daí que o movimento estudantil ganhou mais consistência, com a fundação dos Diretórios Centrais de Estudantes (DCE) e os Diretórios Acadêmicos (DA) das faculdades.

Com a esquerda de novo no poder, a UNE apoiou, em 1961, a campanha da legalidade a favor da posse de João Goulart e reforçou sua ação no campo da cultura com a criação do Centro Popular de Cultura e da UNE Volante, que peregrinou pelo país, sobretudo as capitais dos estados, arregimentando apoio entre a classe estudantil.

Em 1961, a UNE participaria da Campanha da Legalidade, liderada por Leonel Brizola, pela posse de João Goulart, no episódio já mencionado do parlamentarismo brasileiro. A entidade transferiu provisoriamente sua sede para o Rio Grande do Sul e organizou uma greve de repúdio à tentativa golpista.

Em 1962 foi realizado o II Seminário Nacional de Reforma Universitária, em Curitiba, para reivindicar a regulamentação, nos estatutos das universidades, da participação dos estudantes nos órgãos colegiados, na proporção de um terço, com direito a voz e voto. A ação dos estudantes pela reforma universitária leva à decretação de greve geral nacional, paralisando a maior parte das 40 universidades brasileiras da época. Com o golpe de 31 de março, a UNE passou a ser perseguida pela ditadura militar, houve o incêndio da sede na praia do Flamengo como forma de intimidação e a invasão das instalações da Faculdade Nacional de Direito, com apreensão de documentos e acervos históricos do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, que versavam sobre as atividades da instituição.

Uma lei que ficou tristemente conhecida como "Suplicy de Lacerda" (primeiro ministro da Educação da ditadura militar) colocou na ilegalidade a UNE e as Uniões Estaduais dos Estudantes (UEE), que passaram a atuar na clandestinidade. Todas as instâncias da representação estudantil ficaram submetidas ao MEC, sem que a luta arrefecesse, de tal modo que a UNE, em 1965, convocou uma greve de mais de sete mil alunos, paralisando a Universidade de São Paulo (USP), além de organizar passeatas nas principais capitais do país. Em 1966, mesmo na ilegalidade, foi realizado o XXVIII Congresso da UNE, em Belo Horizonte, marcando a oposição da entidade ao Acordo MEC-Usaid e o mineiro José Luís Moreira Guedes foi eleito presidente da UNE.

Em 28 de março de 1968, como já narrado, o estudante parense Edson Luís de Lima Souto foi morto durante uma manifestação contra o fechamento do restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro. O episódio desembocou num confronto nunca previsto entre os estudantes, parte da sociedade civil e o governo. No dia seguinte, cerca de 50 mil pessoas participaram do cortejo fúnebre, onde várias pessoas foram presas clandestinamente pelo exército. A repressão começava de forma ilimitada.

No mesmo ano, em outubro, foi realizado clandestinamente o XXX Congresso da UNE, em Ibiúna (SP). Foram presas mais de 700 pessoas, entre elas as principais lideranças do movimento estudantil: Luís Travassos (presidente eleito), Vladimir Palmeira, José Dirceu, Franklin Martins e Jean Marc van der Wei, Arnaldo Barreto e muitos outros.

Após a prisão das lideranças nesse XXX Congresso, a UNE se viu obrigada a encolher ainda mais e passa a realizar micro congressos regionais, articulados por Jean Marc Von Der Weid, o presidente, na época, que, depois de preso foi substituído por Honestino Guimarães, desaparecido em 1973, em meio às lutas da oposição, provavelmente morto pela ditadura militar.

CAPÍTULO 3

CONTEXTUALIZAÇÃO ESTUDANTIL NO PARÁ

Como já se viu, os primeiros três anos da década de 1960 foram marcados pelo crescimento da participação estudantil (principalmente universitários) no processo político brasileiro. De início foram os estudantes secundaristas que se organizaram em torno de uma entidade que deixou sua marca na história, a União dos Estudantes dos Cursos Secundários do Pará (UECSP), por onde passaram muitos dos que, no futuro, iriam engrossar as lutas do Movimento Estudantil organizado.

Os estudantes universitários do Pará, por sua vez, convergiam numa forte representatividade por meio da União Acadêmica Paraense (UAP), que tem uma interessante história de disputas eleitorais democráticas, quando expressivas lideranças do meio estudantil universitário despontavam para o enfrentamento político. A União Acadêmica Paraense teve sua vida legal interrompida do modo mais abrupto possível em meados da década, logo após o golpe militar quando foi invadida por soldados armados, sob o comando do ten-cel José Lopes de Oliveira, muito conhecido pelo apelido de Peixe Agulha (contava-se a respeito da linha dura do coronel que ele, quando comandante do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, teria punido a si próprio com ordem de prisão por algo equivocado que cometera). Os tenentes coronéis Passarinho e Oliveira disputaram o poder local empalmado pelos militares e um dos dois saiu derrotado nessa disputa específica. É fácil saber quem foi, ou não?

Após essa invasão do prédio, a UAP viu-se nocauteada, restando o significativo registro das diretorias que fizeram sua história de heroísmo e resistência, não obstante as naturais divergências que permeavam as

disputas para direção da entidade. Nessas alturas, o embate entre os estudantes e o governo militar acirrava-se, sem possibilidade de qualquer intermediação que possibilitasse algum tipo de entendimento. O ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda, um civil paranaense, tão autoritário quanto os militares, tirou a UNE da legalidade e extinguiu também os diretórios acadêmicos, que atuavam em cada faculdade. Isso foi a pá de cal naquela ainda incipiente luta juvenil, acirrando os ânimos e dando nova direção ao movimento estudantil, empunhando novas bandeiras de lutas, principalmente a reforma universitária. A socióloga Edna Castro participou dessa luta política dos anos 1960, com uma aguerrida militância jamais esquecida, como ela mesmo diz: “a Ação Popular era uma “frentona”, não era apenas do pessoal de uma tendência, ela se alimentava do pensamento revolucionário da igreja, que era um pensamento bastante revolucionário mesmo... A ideologia da libertação se formava, se alimentava do pensamento marxista, então toda a discussão da alienação, da destruição do sujeito, da falta de autodeterminação dos sujeitos sociais, a gente vê que era uma coisa bastante avançada, hoje poucos grupos conseguem estar nesse mesmo patamar de uma reflexão avançada por significar construir o espaço da libertação do espírito, do pensamento, da opinião pública, das lutas sociais... Então deixar de se alienar é tornar-se um sujeito consciente do seu tempo, do seu papel, da história, dos problemas políticos e econômicos do país e portanto um sujeito da história. Ele podia mudar a história, esse é o pensamento da igreja e é um pensamento avançado porque dialogava com o que tinha de avançado naquela época, na crítica social lógica, na crítica econômica, naquela economia política marxista... Eles achavam que os indivíduos tinham que ser sujeitos da história, eram agentes de uma transformação social em nome da democracia, em nome da libertação, em nome da constituição desses sujeitos etc. O sujeito histórico é aquele que transforma, aquele que age, aquele que não se acomoda, ele sai da

passividade e diz: todos têm direito ao direito, todo o direito a comer bem, à saúde, à moradia condigna e nós éramos convocados a construir essa história."

3.1. O aprendizado e o início da militância

A jovem Layse Salles tinha um perfil ajustado para quem vivia nos subúrbios de Belém, como se poderia considerar, à época, o bairro do Umarizal. E de sua origem familiar era difícil imaginar que nela desabrocharia a sanha de uma militante política, de uma lutadora revolucionária, sempre em busca da transformação da sociedade. Com suas próprias palavras eis o início de sua história: "Para mim essas lembranças são uma espécie de relíquia de minha vida pessoal, não só pela política embora a política já predominasse por onde eu atuasse... Então pra mim o mais importante, nessa época, foi como eu me comuniquei com os meus amigos em termos de ideais políticos e a minha participação; as amizades que eu fiz; é como já falei que eu acho maravilhoso que a gente como amigo, depois de quarenta anos, ainda se respeita e está disposto a ajudar quando for necessário, naquilo que puder, esse é o meu princípio de vida. Cito o caso do Aloysio Leal, ele conta agora como me vê pessoalmente, por ser um amigo íntimo, outros são mais amigos da política, mas não tiveram a intimidade que eu tive com o Aloysio e outros amigos, como Edna Castro, Rozyan Britto, Humberto Cunha, Arnaldo Barreto, Leda Barros, Dolores Bahia, Sarah Cohen etc."

A viagem para Minas Gerais, na distante avaliação de Layse, quando as contingências da política forçaram sua saída repentina de Belém, foi uma espécie de fuga: "eu fugi, com toda a certeza, de Belém para Belo Horizonte. Tratava-se de uma fuga planejada, muito embora embora eu tivesse saído às pressas e sem documento, nem sequer tive

documento falso. Ao chegar na capital mineira, cometi um grande erro que podia ter me prejudicado, (sempre tive uma boa estrela) fui à polícia, dei meus dados dizendo que tinha perdido minha carteira de identidade, acabei dando meu nome verdadeiro e não Cristina, que era o meu codinome na luta... Eles não sabiam quem era Cristina e procuravam por ela em Belém, talvez até por outros lugares aqui por perto, mas não chegaram a identificar Layse com Cristina.

A memória de Layse, tantos anos depois, ainda permite revelar detalhes importantes a respeito dos pseudônimos que a militância recebia, a título de proteção pessoal: “Os companheiros da célula é que criavam esses codinomes, podia ser qualquer um, mas eles não nos mandavam escolher, a coisa era muito séria, não tinha nada de sentimentalismo. Fiquei mais ou menos um ano e meio em Belo Horizonte até a voltar a Belém, vim com os meus documentos verdadeiros, ainda com medo e apavorada de ser presa. Mas como já tinha passado um ano, eles devem ter pensado que eu tinha sumido e sem saber que Cristina era Layse, por isso cheguei como uma pessoa qualquer, foi perigoso mas eu fiz. Permaneci doze dias aqui em Belém, visitei a amiga Rosyan, que me criticou por eu ter voltado a Belém, com o risco de ser descoberta. Eu queria ver meus companheiros e eles não queriam que eu visse, tinham medo e ainda diziam que eu estava doida. Eu não havia voltado para ficar, e sim para me despedir da minha família e, claro, queria também me despedir de alguns amigos, embora soubesse que não deveria procurar muita gente. Nessa altura eu já estava com planos de me casar com Tiago, embora na verdade eu não tivesse a pretensão de casamento imediato, apenas queria ir para a Holanda, pois eu gostava dele e pretendia ficar morando por lá, conhecê-lo melhor para ver se valia a pena ser meu companheiro para o resto da vida. No início, porém, a ideia era simplesmente “passar a chuva”, porque estava perigoso para mim no Brasil e assim eu sairia do sufoco”.

Layse lembra que mandou uma carta se desligando da organização política a que pertencia e segundo ela “eu a entreguei pro Humberto, Cunha pra ele enviar pro norte e ele me disse que entregou para os companheiros de lá e não sabe se chegou... Todo mundo aqui também não sabe se chegou essa carta, eu acho qestou deixando a minha liderança! Eles não tinham amadurecimento e não é questão de ser eu. Se fosse o Che Guevara talvez eles arranjassem um jeito de encontrar, mas eu não era o Che Guevara, eu tinha a minha liderança mas era uma liderança diferente, acho até que nem era conhecida no sul”. Ele quis casar, mas antes ele queria voltar sozinho para a Holanda e procurar um emprego mas nos despedimos como amigos. Ele foi honesto, dizendo que ainda não tinha emprego. Uma semana depois que ele viajou recebi a primeira carta dele. Sugeri até que ele namorasse por lá mas ele não quis, estava seguro. Eu sempre fui de risco, quem não arrisca não consegue nada. E eu gosto de arriscar, e com ele e deu certo. Cheguei lá e fiquei hospedada na casa da mãe dele... Lá eles gostaram de mim de primeira. E apesar de eu não saber a língua...

Da minha família eu não sentia muita saudade porque há seis anos eu morava longe deles, embora não sentisse falta do cotidiano. O que sentia mesmo era muita falta dos amigos, sempre tive muitos amigos e nos identificávamos com as mesmas ideias dentro da atividade política que eu desempenhava. Disso eu sentia uma falta enorme, mas como fazer se não falava a língua? Logo depois de casado ele perguntou se eu queria ter filhos, pergunta já engatilhada. Eu pensei que já tinha 29 anos e que pensava, sim, em um dia ser mãe, mas ainda não tinha planos para isso. E como a situação do Brasil estava ruim e a gente não ia poder voltar logo. Eu pensava em ficar lá, no máximo, três anos. Eu aí aceitei ter filhos, significando que naquele momento eu dei prioridade para o meu casamento. Fiquei em casa mas queria ler jornal, queria acompanhar a política internacional... No final de semana o Tiago me dava aula de

holandês, em cima de algum artigo de jornal que eu perguntava pra ele... O Tiago não tinha dinheiro para pagar curso para mim e nem tinha coragem de me deixar tentar ir de trem, sozinha, para Amsterdam. Não pode comparar com o Brasil... Acho que éramos classe média, lá não tem muita diferença entre as classes, sabe qual seria a diferença? Pro conceito holandês a família do Tiago seria considerada pobre, para o conceito brasileiro seríamos considerados classe média... Aqui eu tinha tudo e nunca vi problema. Do mesmo jeito lá eu me adaptei ao que existia. Não tínhamos geladeira. Como era frio, empacotávamos o alimento e deixamos fora pela janela, à noite. Mas no verão não podíamos fazer isso, então a geladeira passou a ser prioridade. Era uma geladeira bem pequena. Minhas cunhadas me emprestaram uma mesa redonda e cadeiras para podermos comer. Fiz um curso de argila, fiz cursos de pintura, de costura... Aprendi muito holandês também, nesses cursos. Fui pra escola dele para ver se aprendia o holandês. Quando vi a neve caindo pela primeira vez, sai correndo parece uma doida... No meu romantismo eu corria e rodava brincando com a neve... Para mim tudo era alegria lá e o frio só me atrapalhou até o primeiro outono, eu usava luvas e capuz depois meti na cabeça que já era holandesa... E aí minha pele acostumou com aquele clima frio... Uma vez minha mão congelou e doía muito... Em 31 anos só vi neve lá em duas ou três vezes e não como agora está ocorrendo na Europa... aí entrei em contato com uma vizinha que morava próxima e ela descobriu que eu era uma pessoa que tinha vivência política, que não era unicamente doméstica... aí ela me propôs organizar um grupo e fundar um café das mulheres... O movimento de emancipação das mulheres estava muito forte, esse foi o primeiro movimento em que eu participei lá... Eu já tinha os filhos... Aceitei e aí pedimos emprestado para a prefeitura uma sala num clube que é tipo um clube social, tem muito na Holanda, onde as pessoas se aproximam, jogam baralho, conversam, tem show. E lá começamos o nosso trabalho,

que era assim: lutar pela valorização da mulher, para que fosse respeitada... Há muitos estrangeiros na Holanda, muitas mulheres marroquinas e turcas, de casamento tradicional com lenço na cabeça, o marido bate nela, ainda hoje, é igual na China. Elas entraram em contato com as holandesas, com as vizinhas, estavam vendo que era uma coisa cultural, até um certo ponto elas aceitavam, só viviam juntas... Aí nós fundamos e a prefeitura recebeu de nós um documento pedindo um espaço maior para poder atender as mulheres que precisavam de apoio... arranjávamos analistas, psicólogas, fazíamos palestras, dávamos capacitação... Isso era uma noite só por semana e os maridos não podiam entrar, deixavam elas na porta... Conseguimos que a prefeitura nos desse uma escola antiga, um patrimônio histórico, só pra nós... Todo mundo sabia que era o café das mulheres. E o movimento cresceu, que no andar de cima podíamos acolher mulheres que apanhavam dos maridos... e aí criamos um novo movimento ao lado, uma comissão chamada “Belijf uit mijn lijf”, que significa “Fica longe do meu corpo”. Fomos quatro mulheres que fundamos o café e ele cresceu e transformamos em comissões. Certa vez reunimos com mulheres de 36 nacionalidades diferentes... E cresceu tanto que até saiu em jornal; depois transmitimos para outras dirigentes toda a política do movimento e quem assumiu a direção? As mulheres que vieram de Haia e que eram lésbicas. E esse é que foi o defeito e fez destruir o movimento. Quem estava na direção antes éramos nós não aceitávamos as homossexuais como de todas as mulheres tudo pelo movimento das mesmas; porém essa nova direção dava prioridade ao movimento específico delas, aí começou o distanciamento de outras mulheres as assustaram-se com seus comportamentos, com isso houve o esvaziamento do grupo. A emancipação da mulher vai se igualar naquilo que ela é e ela não vai se modificar e se existem mulheres que tem essa tendência, elas assumem. Agora, se tu te incomodas, tu olha para outro

lado... Eu era quase vice-presidente do café e fiquei lá, quando eu saí elas começaram a estragar, eram um pouco exageradas.

Foi a minha primeira experiência política mas logo depois, eu acho que o pessoal do Partido Socialista estava de olho nas pessoas e eles ouviram falar de café da mulher que participavam das manifestações. Fiz amizades nesse café, fui aprendendo o vocabulário de política, que eu encontrava nos jornais, eu até fiz palestra, mesmo tendo sotaque brasileiro todos me entendiam e me respeitavam. Com o desenvolvimento dessa luta os políticos tomaram a iniciativa de criar uma casa de mulheres estrangeiras. Claro que o Partido Socialista também ouviu falar de nosso trabalho e foi assim que eu os conheci. Logo me convidaram para uma reunião interna e dentro de pouco tempo eu passei a participar de atividades que o partido organizava.

3.2. O exílio: palavra da década de 1960

A palavra exílio não era nova, claro, e no Brasil foi até bastante conhecida e usada, sobretudo na década de 1930, durante os tormentosos anos do Estado Novo, quando a ditadura varguista ~~que~~ aterrorizou o país. Mas na década de 1960, a partir do golpe militar de 1964, o exílio, e todas as suas variantes, chegaram com inesperada força, retomando o vocabulário e excluindo levas de brasileiros que se viram compelidos, pela lei, pela força ou pela moral, a deixarem o território pátrio, temporária ou definitivamente. Um dos exemplos mais marcantes ocorreu com o ex-presidente João Goulart que, deposto pelos militares, asilou-se no Uruguai, onde veio a falecer em 1985. Nunca recebeu qualquer sinal de que poderia retornar ao Brasil, não obstante ter feito inúmeras sondagens. Havia indícios claros de que seria preso e processado tão logo pisasse em território brasileiro.

A anistia trouxe de volta muitos dos que partiram “num rabo de foguete”, como dizia a bela letra da música de João Bosco e Aldir Blanc. Mas entre o golpe de 1964 e a anistia de 1979 houve diversos casos de extrema gravidade, como a troca de presos políticos por diplomatas sequestrados. Nessas trocas, ocorridas em pelo menos três episódios (os sequestros do embaixador americano, do consul alemão e do cônsul japonês) os presos políticos acabavam banidos do território brasileiro. Era outro tipo de exílio, dos mais forçados que se tem notícia, porque fechava as portas do país para qualquer possibilidade de retorno.

Denise Rolemberg, no livro “Exílio, entre raízes e radares” (Editora Record), traça um cuidadoso perfil dos exilados brasileiros, surgidos sobretudo a partir de 1964, com o golpe militar e 1968, com a edição do AI-5, no endurecimento ainda maior do regime autoritário. Foi uma década sintomática e referencial dos diversos tipos de exílio. E foi exatamente nesse período que Layse Salles experimentou os rigores da luta estudantil, da experiência da luta armada e, ao final, da saída do país, em uma das várias facetas do exílio desenvolvido na citada obra. A autora do livro fala exatamente disso, ressaltando que o “exílio dos anos 60 e 70 foi uma experiência vivida pelo que se pode considerar duas gerações, a de 1964 e a de 1968”. Layse Salles pode ser considerada oriunda das duas gerações, pelas seguintes razões: na primeira fase, tem início a sua experiência de estudante universitária, a sua convivência com novas lideranças e, finalmente, sua opção existencial pela luta política. Já na segunda fase, surge a militante destemida e, por vezes, radical, disposta a tudo para cumprir o seu ideal.

Segundo Rolemberg, a geração de 1968 está identificada a militantes mais jovens, extremamente críticos às posições e às práticas do PCB, muitos originários do movimento estudantil, de onde saíram para se integrarem à luta armada em organizações que supervalorizaram a ação revolucionária de massas ou de vanguarda. Os eventos e as lutas

do pós-1964 – o movimento estudantil, as passeatas, as greves, as lutas armadas, os sequestros de diplomatas – são as referências.

Para ela, o exílio esteve longe de ser uma experiência homogênea. Cada caso podia ser um caso e as vivências foram as mais variadas, a começar pelo tipo de exilado. Houve os atingidos pelo banimento (medida oficial e formal que expulsa o indivíduo do país); houve quem decidisse partir, às vezes até com documentação legal, por rejeitar o clima em que se vivia no país; houve quem, pessoalmente, não fosse alvo da polícia política mas se exilou ao acompanhar o cônjuge ou os pais; houve os diretamente perseguidos, envolvidos, uns mais, outros menos, no confronto com o regime militar; houve quem fosse morar no exterior por outras razões que não políticas e, por meio do contato com exilados, integrou-se às campanhas de denúncia da ditadura e já não podiam voltar com tanta facilidade. Os casos são inúmeros. Neste universo tão diverso, são todos exilados. Rolemberg acentua que “cairíamos em um vazio inútil se pretendêssemos estabelecer quem era e quem não era, estrito senso, exilado”.

De uma forma ou de outra, o destino de Layse Salles, naquele final da década de 1960, enquadra-se num dos itens relacionados pela autora para a identificação técnica do exílio. Como explica Layse, “eu decidi partir por causa do casamento... Aproveitei a oportunidade porque aqui estava muito perigoso pra mim, eu estava só em Belo Horizonte, havia deixado o partido e por isso eu saí. Quando cheguei lá, fui honesta em dizer que não queria ficar, pois eu tinha compromisso com o povo que eu tinha deixado no Brasil, embora já estivesse desligada de qualquer grupo político. Eu estava com a sensação que no Brasil eu tinha dado um passo pra trás tanto no meu desenvolvimento político quanto na independência pessoal, eu tinha muita crítica para a vida tradicional de todas as famílias. Isso eu já não aceitava desde pequena, eu queria estudar, transformar, me integrar, queria ajudar e aprender”.

Tendo saído do olho do furacão que se armou no Brasil, Laysa escapou para se recompor, a fim de recomeçar a luta em outros esquemas, a serem avaliados. A ida para a Holanda foi, como ela sentia, “o repouso da guerreira, digamos assim. Foi mesmo literalmente um repouso. Eu pensei: vou descansar, vou botar as coisas em ordem, o meu norte eu não perco mas vou arrumar as coisas de tal forma respeitando os meus limites e a minha situação que eu vivia e vou continuar andando”.

O primeiro exílio de Laysa acabou sendo, de certa forma, dentro do próprio Brasil, algo como o exílio dentro do exílio de que a autora Rolemberg fala, embora referindo-se a uma fase posterior, quando os exilados saíam de um país para outro, em busca de melhores condições de sobrevivência. Quando sobreveio o ato institucional nº 5, no malfadado dia 13 de dezembro de 1968, a militante Laysa Salles estava atuando em duas frentes visadíssimas pelas autoridades, ou seja, líder estudantil na Faculdade de Filosofia e quadro da Ação Popular, organização, como visto aqui, já atuando na clandestinidade. Não obstante o endurecimento brutal do regime, Laysa enfrentou os desafios que se interpunham no caminho dos seus sonhos e dos companheiros que lutavam por uma mudança social. Ela resistiu enquanto pôde – resistência que teria durado pouco mais de um ano – até que o partido se viu compelido a retirá-la do olho do furacão, vale dizer, da perseguição policial, da ação dos órgãos de segurança, dos delatores e das dificuldades imprevisíveis que tornavam tempestuosa a vida política dos opositores do regime. Como Laysa sempre se referiu, ela cumpria o que precisava ser feito por acreditar naquilo que fazia, na causa que abraçou e, por fim, nos ideais que defendia. Foi nesse momento que ela foi enviada para Belo Horizonte, a fim não só de se proteger mas de iniciar nova frente de luta, reforçando os colegas que travavam batalha idêntica em Minas Gerais. Nesse ponto começa a nova fase de vida da “exilada” Laysa Salles, porque a ida para

Belo Horizonte representou uma divisão política e existencialista em sua vida. Essa retirada estratégica para Belo Horizonte será detalhada em seguida, quando tem início sua saída do Brasil em nova perspectiva de vida.

CAPÍTULO 4

ORIGENS FAMILIARES DE LAYSE SALLES

Ao relembrar os distantes anos de sua marcante experiência de militante política, Layse aprofunda suas memórias pessoais e familiares: “nasci no dia 25 de abril de 1940, em Belém e acho que nasci em casa, como era comum na época, com assistência de parteira. Meus pais eram de origem europeia, ele de origem francesa e ela de origem portuguesa. Papai se chamava Dário Teixeira de Salles e mamãe Claudomira Duarte de Salles, ambos já falecidos. Minha mãe era uma mulher inteligente, carinhosa e trabalhadora; não tinha muito estudo, mas gostava de participar das conversas sobre política com o meu pai. Este, por sua vez, teve atuação política, foi amigo de Magalhães Barata e do Getúlio Vargas. Meu pai era “doido” para ter um filho homem, a primeira foi mulher, e até a quinta filha só veio mulher. Depois vieram dois homens.

Eu me lembro que médicos e psicólogos, na Holanda, me disseram assim: você queria fazer a vontade do seu pai, por isso é que tinha essas características diferentes para uma menina. Eu gostava de futebol, de peteca, joguei até futebol na Holanda, eu parecia um menino, minhas irmãs brincavam com bonecas e eu não. A gente mudava muito de colégio. Começamos no “Gentil Bittencourt”, depois da derrota do general Barata veio para o governo o General Assunção, mudança que nos obrigou a ir para as escola pública como o “Grupo Escolar Vilhena Alves”, e o grupo “José Bonifácio”, eu estudei em vários colégios, a questão política prejudicava nossos estudos. Lembro bem que o papai pagava professor particular para nós, a fim de que não nos atrasássemos, ele não tinha nem o primário, mas era bem letrado, foi suplente de vereador quando Magalhães Barata era senador, foi administrador do mercado de

São Braz, assim ele sustentava a família. Ele era um autodidata e tinha uma retórica admirável. O Magalhães Barata era padrinho de uma irmã minha, a Diana. E o papai botou o nome de Getúlio no meu irmão mais velho, homenagem ao ex-presidente do Brasil.

A nossa última casa de morada que me lembro, foi na Barão do Triunfo, próximo da Duque de Caxias. Vivíamos bem, lembro que tínhamos uma babá, que nos levava merenda na escola, tínhamos médico que ia em casa. Papai era um lutador, mas muito conservador e me disse certa vez: “já fui idealista como você, minha filha, mas vi que não dá certo”, então ele se decepcionou com o ideal dele e se submeteu aos interesses do governo. Por outro lado, ele tinha também alguns bons princípios originários de sua família, defendia a ética e era contra qualquer desonestidade.

O Colégio Estadual Paes de Carvalho foi o meu divisor de águas familiar. Lá havia um grêmio atuante (“Honorato Filgueiras”), e eu tinha como colega a Nana, uma menina muito competente, nunca me esqueço dela, e vários amigos como a Edna Castro e o Aloísio Leal. Eu estava aprendendo com eles, por exemplo, a Nana foi uma pessoa que me ensinou a parte filosófica da vida, o que meus pais não puderam me ensinar, ela me emprestava livros e foi quando eu li Sartre, Simone de Beauvoir, Teillard de Chardin, livros da revolução francesa, sobre o iluminismo e eu fui lendo e me apaixonando por aquilo, o que veio a fortalecer o meu idealismo. Já as minhas experiências iniciais de cunho político foram na faculdade, por intermédio da Edna Castro. Lá eu descobri que ela já participava de movimentos políticos, mas não cheguei a saber há quanto tempo isso ocorria. Eu mantinha contato com ela e outros, mas nenhum chegou a se abrir para mim, eles tinham posição de esquerda muito clara, dentro de um movimento ideológico.

Nós nos reuníamos em diversos locais, inclusive na “Casa Sagica” ainda existente e discutíamos posições a respeito da política atual. Eu

continuava sem entender porque o meu pai nos proibia de sair com qualquer pessoa e aí eu fui descobrindo que havia outra posição que não era só aquela defendida por ele, havia as contradições e eu fui me interessando e ficando chateada de ver que o meu pai não me dera a visão correta das coisas, ele falava o que parecia ser uma única verdade e eu, mesmo ingênua, estava muito entusiasmada e curiosa por novos saberes. Então meus colegas começaram a me emprestar livros, do Marx, do Lênin, isso já na universidade, onde tínhamos grupos de estudos só para leitura, incluindo pessoas de diversas faculdades. Eles me convidaram, e eu percebi que estava sendo ampliada (ampliar era convocar alguém para ser membro do partido). Havia várias organizações clandestinas em Belém, e em todo o Brasil, e eu ouvia falar sobre o mistério que envolvia essa clandestinidade. Eles criavam coisas interessantes para nos informar porque quem quer saber mais, quer modificar as coisas, quer transformar, então eu era uma dessas pessoas, eu pensava assim: se a situação é ruim e a gente vai tentar modificar, ninguém acredita mais na estrutura que existe, a gente quer colocar uma estrutura nova, de economia, uma ideologia baseada no socialismo. Foi aí que eu conheci a Juventude Universitária Católica (JUC), de onde se originou a Ação Popular e veio muita gente para o movimento político. Eu era católica, mas não fanática, ia para a igreja porque meu pai e minha mãe obrigavam. Eu acreditava em Deus, e tinha o problema de ter de ficar entre a religião e o marxismo; por outro lado, eu sempre falava, quando no partido, que poderia até simpatizar com a ideologia, mas sempre acreditando em Deus, o que provocava risos entre os colegas. O Aloísio Leal, por exemplo, que fazia parte do grupo de estudo, dizia bem abertamente que a igreja era uma instituição manipuladora. E a gente ia percebendo as diferenças de cada colega e eu simpatizava com a turma mais radical, que dizia “se não presta tem que sair”, era assim que a gente pensava.

Ao prosseguir nos estudos, e pensando na faculdade, me preparei para o vestibular, estudando com a Edna que fazia cursinho com umas amigas, eu sempre estava por lá, pela casa dela. Nós fomos colegas de turma na faculdade, eu entrei junto com ela. O estudo era sempre em grupo, lembro da Gilka Ferro, da Tereza Menescal e da Ritinha que integravam um desses grupos.

Para escolher o curso superior, fiz um teste vocacional cujo resultado me direcionava para os cursos de Direito, Jornalismo e Ciências Sociais. Desses três a Edna Castro iria para Ciências Sociais e ela, minha amiga-irmã, me convenceu a escolher o curso para continuar militando ao lado dela.

Quando eu estava na faculdade, e bem antes de ser presidente do diretório (lembre que eu entrei em 1964) eu já estava politicamente motivada a participar de movimento, embora não partidarizada, ainda não na Ação Popular, eu queria participar apenas como estudante, pois para mim era importante qualquer movimento, desde que fosse contra a situação vigente. Eu queria estar atenta, lia muito e tinha bastante motivação para enfrentar a situação, que fervilhava nos grupos organizados, impedidos de aparecer por questões de segurança. Essa linha de atuação já fazia parte do Partidão (PCB), do PCdoB e da AP, que eram os grupos de esquerda mais próximos. Ouvia-se pelas faculdades dizerem em surdina: “fulano é do PCdoB”, mas quem andava comigo era o pessoal de AP, analisando as divergências e os desvios encontrados na vacilação dos outros grupos políticos. Eu fechava com eles, da AP, mesmo sem ter vivência, mas os aceitava. Não lembro quem foi que falou para mim, abertamente, convidando para uma reunião interna do partido, lembro apenas que quando lá cheguei fiquei surpreendida de ver pessoas de diversas faculdades, se não os conhecia de rosto, ouvira falar o nome. Me lembro do Puty, da Engenharia, do Fiúza, de Medicina,

o Arnaldo Barreto, também da Engenharia, grande amigo meu até hoje. Eu participei do movimento, com a intenção de tomar o poder e implantar outro sistema político e ideológico. Até pegar em armas, se fosse preciso, eu pegaria. Inclusive treinei e participei da parte teórica de guerrilha. Não participei da guerrilha, pois deveria ficar na cidade apoiando o movimento do campo junto com outros grupos urbanos, como operários, comerciários etc. Eu era revoltada, apesar de que essa revolta não prejudicava o entusiasmo de participar do movimento, eu era mesmo muito entusiasmada. Qual era o meu pensamento? Eu pensava em combater a desigualdade social, em respeitar as pessoas e não ter divisão de classes, ao contrário do que aprendi na convivência familiar.

Veio o golpe militar de 1964, que eu vi como o momento exato em que a gente podia participar e acirrar as coisas. Porque eu já vinha desde o curso clássico participando e discutindo; quando veio o golpe foi o momento exato do pessoal de AP abrir o jogo, o golpe serviu pra isso, porque eles diziam assim: “a companheira não vai acirrar a luta se não for do grupo porque a situação está pesada e precisa ter uma proteção”. Então, quando eles começaram a movimentar as coisas, fazer passeata, jogar coquetel molotov, eu estava presente distribuindo panfletos, fazendo pichação à noite e me convenci de que não se faz um trabalho apenas de ampliação pessoal, de amizade, faz-se um trabalho político. Era essa a nossa fortaleza, tinha que ter identificação ideológica, detalhe muito importante para não se faltar o respeito para com o colega. O político de direita é oportunista, sabe manipular tudo até chegar ao fim, já o marxista-leninista prega que todos os meios justificam os fins porque você não vai trocar e nem fazer concessões à sua ideologia.

Então aquele indivíduo que é da classe proletária, da classe humilde, que você está defendendo por ser a força do país, que move toda a economia do país, que é o camponês, você não pode enganar,

tem que falar mesmo, tem que dizer a eles que são pessoas de grande respeito, estão levantando a economia do país e por isso não podem baixar a cabeça, só porque não falam a linguagem correta. Se eles não se expressam da maneira gramaticalmente adequada, a culpa é do sistema, que os quer ignorando os seus direitos.

Na época me lembro de ter participado de uma reunião interessante: tínhamos que nos encontrar num edifício, então cada um pegava o elevador e saltava num andar diferente, outro ia pela escada para chegar no apartamento, outro ia até em cima e voltava, uma confusão, já me era dado nessa época tática de segurança. Se percebia estar sendo seguida, devia saltar do ônibus antes ou depois do local certo, para despistar. Uma vez eu cheguei na casa dessa pessoa que ia ter a reunião, quando vi tinha um retrato da pessoa que eu conhecia. Era da Edna. Ninguém contava nada, não identificava, era proibido. Você entrava no grupo e não sabia o nome do companheiro que estava na reunião. Porque todos tinham nomes frios. O meu era Cristina, este nome foi procurado muito antes de eu ir para Belo Horizonte porque a Cristina estava no documento que eles pegaram, o Fiúza caiu, todo mundo tinha caído e o meu nome não era citado, era citada a Cristina, que ninguém sabia quem era.

Muita gente caiu pela repressão, não sei se todo mundo era de AP, mas lembro do Fiúza de Melo, a Leda Barros, a Maria Elvira, o Roberto Cortez (que ficou um dia detido, não foi propriamente preso), o Humberto Cunha, (esse esteve preso no Carandiru) esses caras que estão lá em Brasília, o Zé Dirceu, o Zé Serra, todos eram de AP, por isso que quando regressei ao Brasil e vi que o candidato era o Lula do PT, eu votei nele porque pensei “ele é um metalúrgico, é um cara que traz o coração no bom lugar, muito embora ele não tivesse ainda a experiência para ser presidente, nunca tinha sido vereador ou coisa parecida, mas eu

sabia que ele era inteligente, mesmo não tendo grandes estudos, que os outros tem pra poder se expressar mas tem muita liderança de massa e sabe analisar muito bem a situação atual do Brasil; sabe quais são os problemas que afligem os brasileiros uma vez que ele vem dessa camada oprimida.

Eu nunca vi um negócio tão organizado como o nosso partido, a Ação Popular. Não falo nem de estratégia, refiro-me a conteúdo, a ensinamento. Nós tínhamos o setor de inteligência, era um companheiro, não lembro o nome dele, que raspavam a sua cabeça e ficou muito tempo fora de circulação, ele conduzia uma mensagem importante, deixou crescer o cabelo e viajou. Quando ele chegasse no lugar de destino iriam raspar a cabeça dele e ler a mensagem. Tínhamos companheiros que levavam tubo de pasta de dente, onde a gente abria o fundo, colocava a mensagem e fechava direitinho, eram alguns detalhes que devíamos aprender, como decorar a senha e engolir o papel, não jogar fora de maneira nenhuma, nem na lata do lixo em casa, nem rasgar em pedacinho. Hoje se engole até papeletas de cocaína para o tráfico, não é?

Durante o curso alguns professores nos apoiavam, como o prof. Roberto Santos. Era um excelente professor, um cara de esquerda que apoiava totalmente o ensino como a gente propunha, contra o ensino arcaico e tradicional. Ele achava a nossa proposta de um ensino moderno, dentro da perspectiva socialista. Tanto que quando nós ocupamos a faculdade, ele foi um dos poucos professores que deu aula dentro desse ensino moderno. Quero revelar um detalhe: quando eu não tinha ninguém para me esconder, quando havia confusão, eu ia pra casa do Roberto Santos para planejarmos o que íamos discutir dentro da congregação, ele me ensinava perfeitamente o que fazer, “tu falas, colocas tua posição”. Ele foi um grande colaborador e tinha um outro, o Amilcar Tupiassu, que tinha uma posição política boa, mas era um

pouco personalista e rigoroso. Se eu começasse a escrever qualquer coisa importante sem colocar a data, ele logo corrigia, pois era rígido com a gramática, até hoje ensino isso para os meus filhos. Fui também aluna do professor Napoleão Figueiredo, bom professor de Antropologia, mas um dos nossos grandes inimigos políticos.

CAPÍTULO 5

ASSEMBLEIA ESTUDANTIL EM RISCO

No auge da crise, surgida com a ditadura militar, os estudantes decidiram enfrentar a situação e o fizeram com muita disposição, como foi o caso da ocupação das faculdades, nas quais Layse Salles esteve à frente, junto com outras lideranças, como ela mesma conta:

Durante uma assembleia estudantil do nosso diretório, eu me manifestei da seguinte maneira: o único motivo que faz com que nossa luta seja levada a sério é avançar em direção às grandes transformações sociais já visíveis, sobretudo na Europa, onde o movimento estudantil estava forte. Foi nesse momento, em 1968, que sugeri a ocupação da faculdade mas os companheiros do partido ficaram receosos, achando que era uma decisão precipitada. Lembro-me muito bem, eu participava de uma célula de só três pessoas e eu não sabia o nome de nenhuma (questões de segurança), a não ser por identidades frias. Eles faziam a seguinte pergunta: a companheira tem certeza que se der a palavra de ordem “vamos ocupar a faculdade”, outras faculdades lhe seguiriam? Então fomos nós da Filosofia, de fato, a darmos o grito inicial de ocupação de todas as faculdades, com exceção de Odontologia, que não acompanhou por serem de direita e sempre foram os “furões” da luta. Em seguida alertei os colegas de que a ocupação os obrigaria a permanecer no local, e ninguém poderia a partir daquele momento, voltar para casa. Quando ocupamos, fazíamos pedágios em frente à faculdade para comprar comida, que nós mesmo preparávamos. Houve grande receptividade por parte da população em geral, o que nos fortalecia na luta”.

Como eu já disse, minha vida política começou bem antes disso, porque desde o curso clássico, e mesmo no ginásio, eu já fazia leituras

e descobrira coisas que me interessavam na sociedade. Foi aí que eu comecei a me interessar pela política, pela vida social, pela construção da sociedade, de como deveria ser, na verdade. Já a prática política foi logo se associando a mim, mostrando de que forma eu poderia colocar em ação as minhas novas ideias. Era o auge do rock and roll, o twist, todas aquelas danças e eu já saía com um grupo para dançar, era uma forma de romper com o tradicionalismo que vigorava. Às vezes uma música moderna era proibida pelos pais, então eu saía do colégio, ia para a casa de amigos e treinávamos a dança depois das leituras. Mas a prática política maior foi quando eu entrei na faculdade. Antes, no CEPC, era a descoberta de novos valores com os quais eu me identificava. É claro que foi o partido que me deu maior vivência, experiência política.

Eu entrei na faculdade escolhendo um curso que dava toda a possibilidade para nos orientarmos nesse sentido de participação e os colegas que andavam comigo eram da AP e eu nem sequer sabia disso. Eu entrei no movimento para valer, eles me viram com potencial para ajudar na luta. Aproximavam-se de mim como amigos, colegas de turma, grupos de estudo onde se discutia a posição do movimento universitário como apoio para a luta nacional. E aí o que aconteceu? Percebi que minha participação era uma soma na luta, na ação política e o partido é que nos organizava. Eles marcavam, por exemplo, reuniões para discutir a reforma universitária, já eram grupos selecionados que participavam do processo. Cheguei numa reunião agendada para discutir reforma universitária, e me surpreendi com uma pauta diferente e além disso encontrei colegas de outras faculdades e descobrindo, então, que eram todos da Ação Popular. O que me chamou a atenção foi o amplo nível da discussão. O partido reunia para discutir determinado tema, por exemplo, política de reforma universitária e aí era dado o tom político da coisa, ou seja, avançar das lutas reivindicatórias para as lutas políticas. E como dar esse salto? Quase sem perceber acabávamos envolvidos numa luta

de maior envergadura. De repente percebia-se que, antes de se obter o diploma, impunha-se mudar a situação vigente, pois de nada adiantaria, mesmo diplomado, trabalhar numa sociedade tão conservadora.

Quando eu entrei para a faculdade, em 1964, eu já entrei assim, de cabeça. O pessoal dizia: vamos reunir, vamos fazer isso e eu ia aceitando tudo o que o diretório planejava. E já tinha muito mais motivação pela luta universitária. Dessa forma o meu curso ficou em segundo lugar, tanto que alguns dos professores chegaram a dizer: se você viesse mais vezes para a sala de aula, se estudasse mais, seria uma das primeiras alunas. Eles me criticavam, mas depois entenderam, tanto que me ajudaram, me prepararam. Quando eu fui presidente do diretório, várias vezes o professor Roberto Santos planejou comigo como atuar na congregação, ele já me dava uma boa visão política. Se o prof. Roberto Santos não era da AP, ele seria pelo menos simpatizante do movimento, embora eu não soubesse porque motivo não se falava sobre isso; acho que era por causa da segurança, levada muito a sério, mesmo dentro do movimento estudantil, onde havia coisas que não se contava para todo mundo, como por exemplo o local de reunião, quem estava presente etc. Por isso o meu curso acabou ficando mesmo em segundo lugar, apesar de que eu não deixava de estudar nos livros para poder me aprofundar mais. Devo repetir que minha intenção, no fragor da luta, mais do que conseguir o diploma, era a transformação da sociedade. O movimento estudantil seria um apoio às forças revolucionárias, às lutas camponesas e operárias. Achava-se que no processo diário de luta iríamos conscientizando todo mundo, pois a situação não podia continuar como estava e o sistema econômico, político e ideológico do país era bastante arcaico e nós não acreditávamos mais nele.

Então o pessoal da AP oferecia uma alternativa para o sistema que era o marxismo-leninismo, embora isso não fosse explicitado publicamente para os estudantes em geral. Nós pensávamos que

assim tomaríamos o poder dentro de pouco tempo, pois a coisa estava se acirrando. Por ocasião do golpe militar, ouvi dizer que era chegado o momento do acirramento das lutas, porque aí o povo cresce, participando do movimento nas portas de fábrica, no campo e entre os comerciários, os bancários, enfim todas as classes sociais apoiariam. No caso do movimento estudantil, a gente ia pra as ruas e falava da reforma universitária, das demais reformas e isso poderia significar mudança de sistema político e ideológico. Nós propúnhamos uma mudança de sistema e essa mudança já vinha baseada primeiro no socialismo, lembro muito bem disso e em segundo no marxismo-leninismo. Aqui eu já estava dentro do partido e foi quando me esclareceram melhor, ou seja, que o partido me protegeria pois a situação estava séria e eu, como liderança, precisava mesmo dessa proteção. Aí eu disse pra eles: olha, eu acredito em Deus e acredito também em outras pessoas, então eu tenho amigos em todas as classes, eles acharam isso muito esquisito, alguns até disseram que “a companheira está com desvios ideológicos sérios de pequena-burguesia e precisa transformar essa ideologia burguesa em ideologia proletária”. Hoje eu vejo tudo isso como espécie de limpeza cerebral, que sabemos ser perigosa e chegou de fato a me acontecer, pois eles ficavam nos induzindo a pensar materialisticamente, como Marx ensinava e conforme se lia muito nessa literatura.

Para chegar a presidente do diretório acadêmico, tive que trilhar um longo caminho. Como já disse, eu andava muito com Edna Castro e ela era da AP, como depois eu descobri. Do jeito como ela se aproximou de mim, eu percebi que fui “ampliação” dela. Quando eu comento isso com ela, vem o riso, mas também a confirmação. Da mesma forma como posteriormente eu fiz com Paulo Fonteles e Hecilda Veiga, ela fez comigo, me preparando politicamente. Como ela era da minha turma, me levava para os eventos, eu fui participando das reuniões e me afastando da sala de aula, mas me aprofundando na política. Com isso

fui adquirindo a liderança no movimento estudantil. Em função do meu entusiasmo eu falava e o pessoal se identificava com o meu discurso e tenho para mim que foi assim que se consolidou a minha liderança.

Corria o ano de 1968, e eu desempenhava o primeiro dos meus dois mandatos como presidente do diretório acadêmico. Nas minhas eleições lembro que a diferença de votos foi grande, eu ganhei quase por unanimidade contra um candidato de direita, não lembro agora o nome dele. Empossada, assumi totalmente o trabalho político do diretório, o que dificultou minha frequência às aulas, conforme já relatei.

A verdade é que eu estava usando minha presença na faculdade como instrumento para participação no movimento político e o partido deixava bem claro isso, dizendo quando eu deveria trancar esta ou aquela matéria a fim de poder trabalhar as futuras lideranças que, provavelmente, estariam entrando na faculdade. Os companheiros do partido quase não davam espaço para discussão, simplesmente porque fundamentavam bem sua decisão. Em princípio eu tinha uma reação oposta por ser contra decisões já definidas por outros, sem poder opinar. Agiam com rigidez, como eu já experimentara em casa, onde a verdade era indiscutível, isto é, não se podia contestar as decisões paternas e isso me irritava. O partido fundamentava em cima de ideologia, e como eu estava a favor da ideologia achava bonito, entendendo que podia ser aceito. Eu achava muito interessante a articulação ser feita em surdina, aquilo sempre me apaixonou, até hoje, tudo que é feito assim misterioso, que não se descobre logo, aguça a minha curiosidade de pesquisar.

Assim, eu ia me aprofundando no movimento, queria entrar cada vez mais no grupo para saber qual era a verdade. Uma curiosidade: quando eu já estava no partido, consegui colocar Paulo Fonteles para dentro, e ele me apoiou muito internamente, em lutas sectárias que o partido enfrentava. Eu estava segura por já ter conteúdo da ideologia e dava a minha interpretação pessoal do que se propunham os dirigentes,

que queriam tomar o poder e tomar o poder significava não vacilar e vacilar para eles, significava divagar, filosofar, isso aí era um trabalho que eles diziam ser de lutas reivindicatórias, “a companheira tem que dar salto político”, significando responsabilidade na luta até as últimas consequências. Eu não gostaria de pegar em armas, ao mesmo tempo em que eu queria tomar o poder à força. Nessa contradição eu pensava se não haveria outra alternativa, em um assunto que me parecia dúbio. Acho que uma sociedade deve caminhar, democraticamente, então como é que se pode empunhar armas como forma de ação? A violência não leva a lugar nenhum. Naquela ocasião eu não tinha a flexibilidade de pensamento que tenho hoje ao perceber que as pessoas devem ter o direito de escolher o seu caminho.

CAPÍTULO 6

LIDERANÇA POLÍTICA E CLANDESTINIDADE

Foi o espírito de liderança de Layse, sua coragem de enfrentamento e sua capacidade de luta que nortearam a mobilização das faculdades. Ela relembra sem dificuldades todos os momentos pelos quais passou: "quando eu comecei a participar de passeata, já como presidente do Diretório Acadêmico, eu aparecia em jornal e o que eu dizia era escrito pelo jornalista, eles conheciam a minha posição política, pois na liderança do movimento estudantil eu já falava, eu denunciava as injustiças e o que aconteceu?"

Foi por essa época que meu pai começou a me aperrear, dizendo que não aceitava ter uma filha comunista. Eu saía muito para estudar, escondida. Assim, quando eu saí de casa eu já tinha uma base de apoio no movimento, eu fiquei na casa da Violeta Loureiro, da Edna Castro, da Socorro Rocha, da minha irmã Dyrce e meu cunhado Orlando Freire. Todos me deram apoio, muito embora nem sempre compartilhassem da mesma ideologia. Algumas das colegas não se envolviam em política, o objetivo era casar, ter filhos e ficar vivendo sua vida profissional, embora com uma visão humanística aprofundada da sociedade. Eu dormia nas casas de minhas amigas e aproveitava também para discutir política com elas. Aquilo era bom demais!

Recordo também da irmã do poeta José Maria Villar, a Dulcira, que foi minha colega de turma na faculdade. Depois ficamos grandes amigas até hoje. Então eu fiquei apoiada em vários endereços, cada semana na casa de uma amiga e isso era bom porque eu me sentia segura, eu estava em casa de pessoas que gostavam de mim eu não estava fugida, e nem na clandestinidade. A polícia nunca sabia em qual endereço eu

estaria por isso, era fácil eu me esconder. Mas quando eles conseguiram me localizar eu estava no interior de meu campo de luta ,no prédio da minha faculdade. Essa detenção durou pouco tempo e naquela tarde eu tive um pressentimento que minha prática no Movimento Estudantil no Pará estava chegando ao fim. O diretor da Faculdade, prof. Napoleão Figueiredo havia permitido, com muita facilidade, a realização de nossa assembleia geral, a qual havíamos solicitado para discutirmos problemas da formatura. Ele parecia ansioso, passeando de um lado para outro, como estivesse esperando alguém. Não tínhamos terminado ainda o primeiro item da pauta e ouvimos um barulho de freio de um caminhão do Exército, ao parar em frente da faculdade. Logo percebi que o exercito viria fazer parte daquilo que estava acontecendo. Sem pedir licença ,avançaram para cima dos estudantes que ali se encontravam no pátio da faculdade de Filosofia. Dei um grito que a “dura” estava chegando e em menos de um minuto todos correram para todos os lados e fundo do prédio. O que fazer? Quando percebi que a massa estudantil estava fora do alcance dos militares, corri para o porão do prédio juntamente com uma colega e amiga de turma. Logo depois, para nossa surpresa, fomos descobertas naquele local. Minha amiga começou a chorar e foi quando sai do meu esconderijo e me entreguei dizendo que eu era a pessoa que eles procuravam, e que minha colega nada tinha a ver com aquela reunião.

O soldado nos levou pelo braço até a presença do delator (o diretor da faculdade), que apontou para mim com voz alta dizendo: “ela é a responsável por tudo isso” e logo concluiu: “ela faz subversão aqui na faculdade”. Diante daquela acusação, que não deixava dúvida, eu aproveitei para acusá-los (para que eu ficasse em uma posição de vítima) dizendo ao tenente que se tivesse havido uma subversão à ordem, essa teria sido provocada por eles, uma vez que nós estávamos discutindo problemas estudantis na assembleia, solicitada oficialmente

pela Presidente do Diretório e autorizada pelo Diretor da faculdade ali presente. E que eu não entendia essa atitude do exército nos amedrontando com uma invasão agressiva neste prédio de ensino superior. Logo o diretor confirmou que tinha solicitado a presença dos mesmos, para garantir a ordem naquele recinto.

Então eu disse: “O senhor nos preparou uma emboscada com o propósito de nos prejudicar. Muito desonesta sua atitude, uma vez que o senhor tinha permitido essa reunião”. Ouvindo isso, o tenente, sem jeito, me disse que eu deveria explicar tudo isso no quartel general, para seu superior. Rápido percebi que se eu me negasse a ir com ele, que talvez não voltasse mais. E agora? Arrisquei dizendo que com todo o prazer iria com ele e denunciaria a atitude do diretor, que criou uma situação muito vexatória para os militares. Porém exigi que o mesmo ordenasse ao seu soldado largar meu braço uma vez que eu era uma estudante e não uma pessoa fora da lei. Pedi a liberação de minha amiga que não era responsável por toda aquela confusão.

Ele aceitou o meu pedido e deve ter se arrependido para o resto de sua vida quando percebeu que eu não iria com eles, já que era tarde demais.

Fui andando a seu lado na direção da porta de saída, lotada de estudantes, naquela altura já de volta e se aglomerando por lá sem dizer nada. Olhei para todos e pisquei, com isso compreenderam que eu tinha “planos” de fuga e contava com a ajuda deles. No momento em que atravessávamos a porta virei-me para o tenente e gritei “Abaixo a ditadura militar e o imperialismo americano!” A massa estudantil virou “bicho”, agrediram o tenente e me puxaram para longe, a fim de não ser levada com os militares.

Claro que os soldados só pensavam em proteger o tenente que estava caído no chão, recebendo socos e ponta pés dos meus colegas. Vibrei com o acontecimento, porém sabia que aquilo era a minha

despedida como liderança estudantil. Amigos de luta que estavam presentes me levaram para um esconderijo, até hoje não sei que lugar foi aquele. Sabia, porém, que não haveria torturas nem choques elétricos naquela prisão provisória em que me encontrava; permaneci toda a noite em um porão de uma casa bem simples, de madeira e areia no chão. Aquelas horas ficaram gravadas em minha memória até hoje. Pela manhã, ainda exausta por uma noite mal dormida, comecei a refletir sob o acontecido. Eu sabia que um dia isso ia ocorrer e até estava preparada para as consequências do que poderia representar para minha vida profissional. Foi um sentimento duplo, de tristeza e satisfação. De satisfação por ser participante daquele momento histórico que estava se desenvolvendo. De tristeza porque estaria me distanciando de amigos de anos de luta e, provavelmente, de meus familiares e a perda de meu diploma. Ninguém sabia de nada do que estava acontecendo comigo. Finalmente, era só esperar quais seriam as medidas de segurança que nosso grupo ia tomar, a fim de que o movimento não se interrompesse e houvesse continuidade no processo de luta pela libertação de nosso povo de um sistema político ditatorial.

No dia seguinte, à noite, um amigo veio trazer comida para mim e dizer que eu teria que esperar até segunda ordem para sair daquela situação. Sempre fui muito disciplinada em relação às decisões do partido, mas tudo tem seu limite. Quando percebi que já estávamos no segundo dia do acontecido e nada mudava na minha situação, comecei a refletir aquilo que tinha lido no “Livro vermelho”, de Mao Tse Tung. Quando uma liderança de massa se omite da luta, perderá sua força ideológica, uma vez que não tinha origem proletária (viemos de uma classe social da pequena burguesia), não poderia me afastar do movimento estudantil sem explicar aos companheiros também o motivo de minha ausência da faculdade. O partido, naquele momento, só pensava em me proteger e esquecia a expectativa dos estudantes

que eu havia “trabalhado politicamente” e talvez os perdêssemos para a continuidade da luta. Naquele dia tomei a decisão sozinha, sem consultar ninguém, de sair do esconderijo e voltar a faculdade onde era a minha base política. Ao chegar no prédio da faculdade me deparei com dois soldados do Exército na entrada, montando guarda. Não hesitei e perguntei se ali era a Faculdade de Filosofia e eles responderam que sim, então arrisquei em perguntar se o diretor Napoleão Figueiredo estava presente, e eles responderam que sim e me indicaram onde se encontrava sua sala. Agradei suas informações e segui em frente para o local de minha visita. Fui até o barracão onde ficavam as salas de aula. Ao chegar à porta das salas os professores ficaram pasmos com minha presença e me alertaram, sussurrando, que os militares estavam lá fora. Eu pedi um minuto para interromper a aula e falar com meus colegas, isso me foi permitido. Deixei bem claro para eles que aquilo era uma despedida minha do local, mas não da luta e que eu esperava que eles dessem continuidade a mesma, ainda que sem minha presença. Falei que iria continuar a luta em outro lugar de nosso Brasil. Sai pela porta da frente da faculdade agradecendo gentilmente aos soldados por suas informações, eles perguntaram se eu tinha falado com o diretor, balancei a cabeça e saí de lá levando comigo a sensação de missão cumprida.

Isso tudo ocorreu na Faculdade de Filosofia, logo depois da ocupação. Foi o último momento meu, quando praticamente eu entrei na clandestinidade. O pessoal do partido, de outras faculdades, a própria Edna, perceberam que eu estava esperando ajuda. Foi quando me procuraram e me puseram como esposa de um chofer de caminhão e me mandaram para Belo Horizonte. Foi ai que me senti, para valer, na clandestinidade. Eles iam me dar um documento falso, mas não me deram, isso para a viagem. Eu não imaginava que ia sair dessa forma. Eles arriscaram, e eu também corri risco.

Ao sair da faculdade, fui procurar um companheiro da organização para perguntar se eles já haviam planejado minha saída de Belém. Fui instruída para me preparar e que a noite sairia da cidade e iria atuar em outra área de trabalho. Naquela ocasião eu receberia as instruções que deveria tomar para evitar qualquer suspeita. Nunca as horas custaram a passar como naquela tarde; no início da noite encontrei-me com dois companheiros; era tudo muito misterioso, pois nem apresentada eu fui. Um dos companheiros levou-me para um caminhão que estava ali próximo e disse que eu era sua esposa. Ele falou pouquíssimo durante o trajeto, dava a impressão de que tinha recebido ordens para ficar lacônico, o jeito era ficar olhando para fora e imaginar como seria minha vida daí para frente.

Sempre gostei de sonhar com o dia de amanhã, mas essa situação era muito bizarra. Viajamos dois dias, no fim da primeira tarde, o companheiro procurou uma pensão pequena na estrada, parece que ele conhecia muita gente, todos falavam com ele com muita intimidade. De novo fui ignorada pelos presentes, eu imaginei que tudo isso era para não despertar suspeitas. Fui dormir em um quartinho sozinha e então consegui relaxar e esperar pelos novos acontecimentos da manhã seguinte; no outro dia chegamos em Belo Horizonte e encontrei o companheiro do Movimento Estudantil (ME) Humberto Cunha; e eu nem sabia que ele já estava em outro estado, pois o partido dava poucas informações para seus membros, por questão de segurança; era proibido se fazer muitas perguntas desnecessárias, portanto ouvi tudo que precisava ouvir. Fiquei despreocupada uma vez que esse companheiro já era de minha plena confiança. Tivemos uma curta conversa na qual o mesmo disse que eu iria ficar hospedada numa casa (aparelho) de um grupo católico progressista, chamado GRAU; moravam só mulheres e que eu aguardasse contato com diretrizes de um futuro trabalho político.

A área desse trabalho não me foi dita. Parecia que eu participava de um filme de suspense.

Passados dois dias de minha chegada a Belo Horizonte, soube pela dona da casa em que estava hospedada, que eu deveria ler o bilhete que me foi entregue pela mesma, com a orientação que depois o rasgasse. Eu teria que ler várias vezes para memorizar a senha, que seria dita para o novo companheiro com que eu iria me encontrar naquela manhã, às 10 horas, em uma parada de ônibus próxima dali. Fui a esse encontro e com facilidade fui reconhecida pelo companheiro, o qual dirigiu-se muito discretamente a mim e comentou que o dia estava ensolarado (ao contrário, pois a chuva estava chegando) e eu disse o “ônibus também”. Eu tinha feito a “lição” direitinho. Em seguida, ele atravessou a rua e dirigiu-se a uma praça próxima dali e sentou-se. Dei uma pequena volta, retornei à praça e sentei-me ao seu lado.

O mesmo me comunicou que eu deveria esperar para o próximo encontro, pois o partido ainda não tinha nada seguro para mim; portanto teria que voltar para onde eu estava hospedada e ter paciência, pois no momento o partido se encontrava em uma situação muito séria e que eles não poderiam dedicar-se com acontecimentos emergenciais, como era o meu caso. Só resta à companheira ficar protegida entre pessoas amigas, mas que eu não deveria falar nada de onde teria vindo e o porquê de minha presença ali. Voltei para o local de segurança e só fiz esperar até o próximo encontro.

Todo aquele mistério não me amedrontava, pois percebi que tudo tinha sido informado sobre a situação que tinha passado em Belém. E assim foram realizados muitos curtos encontros, que se resumiam em me informar, sempre a mesma “ladainha”: você tem que esperar segunda ordem e então seria enquadrada em uma célula na qual eu ouviria que trabalho político deveria desenvolver. Nunca perguntavam o que eu sentia ou pensava de tudo que eu estava passando naquela situação. Foi

muito difícil me sentir isolada de tudo e esperar que outros tomassem decisões sem minha opinião. Os princípios da organização era confiança, disciplina e responsabilidade com suas tarefas políticas e principalmente não comentar com outras pessoas seu comprometimento com AP

Certa manhã, levantei-me já com uma sensação de desânimo. O que fazer? Sentia-me inquieta com aquela situação. Esperei quase um mês e a situação não mudava. Comecei a achar que o partido não estava levando em consideração minha situação emocional, e como eu sabia que todo revolucionário que ficasse sem explicação fora da luta, a tendência era “vacilar” em seus propósitos; resolvi fazer exigências de me encontrar com outros companheiros e discutir minha situação, pois a meu ver não precisava de tanta “proteção” do partido, uma vez que minha segurança vinha da massa popular a qual se tinha forte liderança, criada com nosso trabalho político; como ficou provado com minha fuga da faculdade por ocasião da invasão do Exército militar. A massa estudantil me protegeu e os colocou para “correr”. A resposta veio logo: a companheira está sendo indisciplinada! Você tem que esperar a decisão do partido e ponto final.

Faculdade, era o momento de aprofundamento teórico e prático, de transformação da ideologia. Era para a gente sentir a barra que os camponeses enfrentavam. Ao mesmo tempo em que eu ia me transformar ideologicamente numa futura proletária (assim eles afirmavam), também os conscientizava de que aquela situação em que viviam podia ser mudada por eles, que eram elementos de força. Eu chegava lá como sobrinha de um companheiro que morava na cidade e estava em férias da faculdade. O partido pagou um curso sobre o método Paulo Freire para mim. A gente ia então conscientizando sobre a realidade. Eu já era da AP e essa atividade era um compromisso crítico do partido. A

AP queria fazer uma revolução cultural, a longo prazo, com objetivo de tomar o poder.

Muito antes, quando eu ainda morava em casa dos meus pais, aos 16/17 anos, eu queria trabalhar porque minha irmã me disse que o papai mandava na gente porque não éramos independentes economicamente. Falei isso para ele, que me levou a um diretor de alguma coisa, que não lembro, não era escola, mas seria um emprego sem trabalhar, só recebendo e eu não aceitei. Acabei indo dar aula numa escola municipal, mas não me adaptei ao ambiente, que era muito pesado. Os alunos não obedeciam, era muito cansativo e eu não estava preparada para aquilo e, aos poucos, parei. Foi meu primeiro emprego.

Depois trabalhei como professora de história no colégio da Anunciada Chaves, era numa praça mas não lembro qual, talvez a Batista Campos? Ela era a diretora. O papai me expulsou de casa e a Shirley, minha irmã, me levou livros e conseguiu umas turmas. Mas eu não tinha empolgação com o magistério. A partir da faculdade, minha motivação passou a ser partidária. Eu pensava assim: fazendo o curso de Ciências Sociais eu teria capacidade para atuar no movimento social; outro desejo era de ser advogada, para defender os injustiçados e o terceiro curso era ser jornalista, para denunciar. Isso foi no meu teste de vocação.

Assim, Edna Castro começou a “meter corda” para que eu fizesse Ciências Sociais. Para não perder o contato com ela, fui para sociologia. E aí me encontrei com a Ação Popular, ela foi criada pelo pessoal da JUC, tem origem na Igreja Católica, a JEC também participou... Eu não era nem da JEC e nem da JUC... Eu tinha uma origem católica, de acreditar em Deus e isso eu preservava, não aquela igreja que todo tempo eu achava chata, que achava bonito ajudar o padre na missa, queria ser coroinha, mas era só homem na época, eu era louca para ser coroinha e nem sei porque. Eu tinha uma madrinha que era muito católica, beata

e eu passava as férias com ela, para aprender religião... Tive até vontade de ser freira, para sair de casa, que era um ambiente muito asfixiante, eu fugia pela janela para jogar futebol na rua... Era muita regra e estavam sempre com a verdade.

CAPÍTULO 7

LAYSE NA HOLANDA E A CONTINUIDADE NA POLÍTICA

Layse Salles deixou o Brasil no momento mais repressivo da ditadura, fugindo do perigo que a cercava e se transferiu, graças a várias circunstâncias, para uma espécie de oásis político, que veio a ser a Holanda. Ela consegue fazer a comparação das suas fases de vida:

O Tiago tinha me convidado para casar e eu aproveitei a oportunidade porque estava muito perigoso, para mim, no Brasil, eu estava só em BH e havia deixado o partido. Lá chegando eu fui sincera, disse que ainda não queria casar, que achava melhor nos conhecermos mais... Eu tenho compromisso com o povo, eu deixei meu povo lá, isso é do meu coração... Eu tinha a sensação de ter dado um passo para trás no meu desenvolvimento político e também na independência pessoal... Resolvi direcionar meus interesses de me integrar naquela sociedade que se dizia ser democrática; dei bastante atenção no aprendizado da língua holandesa uma vez que esse era ao meu ver o maior instrumento de comunicação em alcançar minha entrada naquela sociedade bem diferente culturalmente de meu país.

Quando eu aprendi a língua, comecei a ter mais facilidade de analisar a política local e nacional por meio de leituras de jornal e TV. Pois naquele tempo não havia ainda a internet como mais tarde apareceu e eu resolvi fazer um curso inicial de computação o qual me ajudaria em todo o movimento político internacionalmente.

Como nossos filhos estavam crescendo, eu já podia trabalhar e, assim, não ter remorsos de, eventualmente, tê-los deixado em segundo lugar. Acho que foi uma boa posição, a minha. Primeiro o marido e

os filhos, e depois minha atuação política... Eu sabia, com certeza, que se não fizesse isso cairia em um grande erro e que iria me arrepender mais tarde. Eu pensava assim por causa da minha educação familiar; Ao criticar o tradicionalismo, eu achava que deveria assumir primeiro ser mãe, educando meus filhos para atuarem na sociedade com responsabilidade. Fiquei em casa nove anos, tendo a política como segundo plano, militando esporadicamente. Logo tive contato com vizinhas, mães de amiguinhos de meus filhos e acabei entrando em um grupo de mulheres que estavam insatisfeitas com a discriminação das mesmas na sociedade. Esse foi o motivo pelo qual não assumi compromissos de frente, como eu fiz aqui no Brasil. Nesse contato com muitas mulheres estrangeiras (vietnamitas, chilenas, turcas e marroquinas) descobri que até as holandesas compartilhavam do mesmo problema. Vi logo a possibilidade de organizar esse grupo a fim de motivá-las para uma luta de emancipação das mulheres. O movimento feminista, que estava começando em grandes cidades como Amsterdam, Haia e Rotterdam, nos estimulou o interesse de nos unirmos a eles nacionalmente, uma vez que a nossa cidade era pequena e pouco organizada (Alphen aan der Rijn), mesmo com um grupo inicial consegui motivá-las a ir para encontros em Amsterdam e outras cidade para nos unirmos e fortalecer essa luta que era já de todo o país.

Fundamos um café das mulheres que se reunia em uma sala de aula de um colégio público. Sem que eu percebesse o movimento cresceu até ao ponto que formamos uma direção, escolhida em assembleia e logo eu estava me comprometendo com um movimento de envergadura política.

Participamos das “noite das bruxas”, passeata em Amsterdam em que houve grande repressão com cavalaria e tudo. Lembro que ensinei o método que usamos no Brasil jogando petecas (bola de gude) e com

isso muitos cavalos e soldados caíram para nossa satisfação. Elas, as companheiras, tornaram-se audaciosas. Há situações em que você precisa revogar o direito, você vai em busca de todas as instâncias, até onde não conseguir alcançar mais. Aí tem que se radicalizar essa luta. Em política acho, como o provérbio, que água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Essa é a minha teoria em qualquer circunstância, mesmo que eu não esteja atuando oficialmente. Minha posição dentro da sociedade, onde eu estiver e perceber algo errado, é de reação. Com o tempo o Partido Socialista (SP) me descobriu e logo fui convidada para participar de reuniões internas e mais tarde me propuseram ser candidata a vereadora em minha cidade. Na Holanda, a gente recebe do governo uma lista de todos os partidos e todos os candidatos, ninguém é obrigado a votar, começa a vantagem por aí. A propaganda política não é como a daqui, não tem fotos e nem se enche a cidade de cartazes, há muito pouco disso, o partido visita as casas, conversa com as pessoas, é tudo muito simples... Pela televisão eles estimulavam as pessoas a votar, havia mesas redondas sobre política de todos os assuntos pendentes na sociedade... Acabei ficando como suplente de vereadora e me liguei bastante ao Partido Socialista.

A militante destemida da década de 1960 sabe avaliar o passado e o presente. Para mim, no começo de minha participação política era mais voltada para reformas estudantis não as tarefas do partido, naquela época de luta no Pará, não era muito importante, eu não tinha consciência disso... Eu só tinha na minha cabeça que o movimento estudantil estava no ar, eu era presidente do diretório e era liderança de massa, então pra mim eu estava muito mais envolvida com o movimento estudantil, com que podia contar no processo revolucionário e o operário e camponês era outra categoria, era do partido a responsabilidade, agora

se eles me colocassem pra ser operária numa fábrica, eu me apresentaria como uma operária, com outra visão de compromisso com a luta. Agora, como estudante, como futura profissional, eu era muito dedicada ao movimento estudantil.

Quando eu pedi para participar do movimento camponês, em tempos de férias, eles explicaram que minha origem de classe era pequeno-burguesa e eu deveria conhecer o proletariado, a ideologia do proletariado. Mas eu sabia que o proletário pensa igual à gente, é outra conversa, então o próprio partido, todos os partidos usam o mesmo sistema de oportunismo e essa é que é a minha tristeza. Não é por causa da minha idade que eu estou um pouco pessimista, eu sempre tive entusiasmo, eu vou querer ajudar a transformar. Eu espero que um dia isso mude. Talvez meus filhos, talvez meus netos vejam essas mudanças. Eu acho que no Brasil a coisa aqui é complicada, e pelo jornal só se lê promessas dos políticos, eles dizem que vão fazer isso e aquilo e eu avalio que tem tantas outras coisas para fazer... Eu penso a longo prazo, não mudei minha forma de pensar. Eu não acompanho mais o pacote de programas que eu tinha, como era o partido marxista-leninista, pra mim aquela teoria já acabou, eu estive na Rússia, visitei o Kremlin e nessa viagem soube por amigos como era que o Mao Tse Tung se comportava na China, vi chilenos que chegavam e me contavam como era a vida política lá, os vietnamitas que conhecemos... Eu pensava em dar solidariedade pelos que sofriam no sistema... A solidariedade humana é uma das características do sistema socialista e que muitos não fazem. Eu acho que hoje no Brasil, entre aspas, existe democracia, mas eu não sei se a gente pode dizer que existe um país promissor nesse aspecto.

Na Holanda eu não aceitava a ideia de não concluir o curso superior, uma coisa que me tocou fundo na vida foi a proibição de terminar o curso, o meu sonho era me tornar socióloga, eu tinha a

pretensão de dizer que, como socióloga, ia ter muito mais capacidade para desenvolver um trabalho social, como verdadeiramente deve ser feito, já pensando num governo democrático. O que aconteceu é que eles não permitiram na Holanda que eu continuasse meus estudos, eles queriam que eu fizesse, não o vestibular, mas que eu começasse desde o primeiro ano lá. Eu já estava no último ano da faculdade. Imagine ter que começar tudo de novo, Eu já estava com quase 30 anos? Eu queria ter filhos, estudar o holandês, então decidi parar e avaliar o que faria depois.

Soltei as rédeas nesse momento, mas uma coisa ficou na minha cabeça: o interesse pela política que eu sempre mantive, o desejo de acompanhar tudo o que estava acontecendo no mundo. E assim meu aprendizado do holandês não foi por meio de cursos tradicionais, mas em casa com o Tiago (ele era professor). Eu recortava pedaços de jornais e pedia para o Tiago traduzir para o português e me ensinar a gramática em cima daquele texto, e ele gravava e eu ficava ouvindo a semana toda e no sábado êle me ouviria. Com esse sistema escolhido por mim ao mesmo tempo que aprendia a língua do país, acompanhava a política nacional e internacional.

Na Holanda sempre tive sorte de o pessoal simpatizar comigo, rapidamente eu fazia amizade, mesmo não sabendo falar. E com as crianças também! Foi um período felicíssimo de minha vida por estar descobrindo um mundo novo, tudo era diferente, o clima era diferente, as pessoas, tudo direitinho, mulheres donas de casa, elegantes, lavando janelas, varrendo o pátio, não tinham empregada. Políticos e pessoas importantes andando de bicicleta, de gravata, coisa que eu nunca vi na minha vida, aqui só gente simples demais anda de bicicleta; quando eu comecei a me interessar pela cultura de lá pensei: quem sabe este não foi o destino que me foi colocado? Eu aprendo aqui e levo pra lá, porque

sempre tive plano de voltar para o Brasil, eu falava do Brasil 31 anos, eu não o tirei da cabeça, foi uma espécie, assim, quase de neurose de que eu teria que voltar para minha terra natal.

Aí vieram os três filhos, a respeito dos quais ela fala sempre com amor: “Eu nunca pensei em ter filhos naquele momento, mas na hora em que o Tiago perguntou para mim, eu comecei a refletir, pois quando eu era criança (tinha mais ou menos uns sete anos), minha mãe me encarregou de cuidar do meu irmão Getulio. Eu gostava de me responsabilizar por ele e me preocupava com o estudo dele, com sua saúde, pela educação. Eu queria dar essa educação bem diferente da que me foi dada pelos meus pais, que foi muito severa e nós conversávamos muito sobre a essência da vida; mas eu não tinha a preocupação e nem o planejamento de casar e ter filhos, mesmo tendo muita responsabilidade de ajudar na educação de meu primeiro irmão, pois eu queria ter liberdade de pensamento, e de ação, foi quando comecei a querer procurar a verdade.

Se eu já estava casada, pensei: faz parte ter filhos, não é? Eu já tinha idade também de ser mãe e pensamos em tentar logo, decidindo não evitar. Casei no dia 9 de agosto de 1970. Em 1972 nasceu o Marc, em 1973 o Andrei e em 1974 a Liana. Eu pensava: mesmo que eu não volte para o Brasil agora, posso dizer que meus filhos são filhos de brasileiros. Eles têm dupla nacionalidade e foram registrados no consulado brasileiro de Roterdam, porque sempre tive orgulho de ser brasileira, motivada pela minha luta”.

No Brasil, Layse Salles deparou-se com a eleição de uma mulher para a presidência da república. Sua opinião é, como sempre, firme a respeito desse fato: “se a gestão dela não for como deve ser, pra mim tanto faz, não faz diferença entre homem e mulher, tem gente acha isso importante, eu não acho, o que importa é a integridade, a capacidade que ela tem e a disposição para o trabalho, isso pra mim é o principal. Ela

explora esse lado de que é uma mulher pela primeira vez na presidência, isso tudo é política de propaganda, isso para mim não toca, mas pra muita gente afeta... Eles continuam usando o mesmo sistema de política oportunista de propaganda, é igual, não mudou nada, olha a quantidade de fotos deles que eles põem na rua, isso não existe, Isso é gastar dinheiro à toa com material caríssimo... eles aproveitam o período de eleição para vender as ideias deles, cada um enfeita da melhor maneira possível.

O meu partido na Holanda era pequeno, até nacionalmente, então a gente tinha que somar a legenda para botar gente e chegar ao poder. Como fui candidata para ser vereadora, ia ficar na minha cidade. Não alcancei os votos suficientes para ser vereadora, mas só como suplente. Mais tarde quando um colega faleceu, fui escolhida pelo próprio partido para substituir esse colega. Eu me recusei de aceitar por pedido de meu esposo uma vez que ele pensava que seria demais para ,que trabalhava em casa e para o partido. Como vereadora meu tempo para os filhos ficaria limitado. Eu trabalhava, mas não com grandes responsabilidades, não me comprometi por não ser o meu país e porque o nível de luta lá era morno e eu dizia 'porque eu vou perder meu tempo tendo outras coisas interessantes para fazer'. Eu queria me tornar independente financeiramente. Sempre me preocupei desde que vivi a experiência de dependência em casa e depois na AP. Mesmo amando meu marido, mesmo eu tendo filhos com ele eu quero a minha independência financeira, porque aí eu sei que fico nessa situação porque eu quero.

Quando as crianças já tinham alcançado mais de seis anos, resolvi trabalhar a fim de me integrar efetivamente na sociedade holandesa. Trabalhei durante dezenove anos e ganhava bem... Eu era uma substituta de coordenadora de deficientes mentais; porém como fui muitas vezes solicitada para substituir colegas que adoeciam ou em período de gestação minha função oficial era de Coordenadora de Portadores de deficiência.

Às vezes eu trabalhava de quatro da tarde até no , às vezes dava plantão noturno e ficava por lá até de manhã, eu me esforçava para ter a oportunidade de mostrar que podia ser também coordenadora... E assim ocorreu, “eu era um peão bom pra eles”. Em resumo, eu tentei aproveitar o máximo que pude da minha vida profissional na Holanda. Com doze anos e meio de trabalho fui nomeada efetiva como coordenadora dos deficientes mentais. A partir dali, senti que havia alcançado minha integração naquela sociedade europeia.

Lá também fiz trabalhos com fugitivos políticos. Lembro de uns vietnamitas e chilenos, que receberam do governo holandês casa, escola e família para facilitar a integração deles, isso era feito por meio da igreja, o padre veio nos falar, nos pedir para acolher os vietnamitas e eu pensei, mesmo eles estando fugindo do comunismo, que era o sistema que eu adotava, achava que tinham direito de escolher o rumo de suas vidas. Consegui que uma das esposas fosse aceita como cozinheira lá onde eu trabalhava e endossei que a conhecia.

Quando estava com 55 anos de idade, entrei na menopausa, foi quando meus filhos já haviam se mudado para a cidade de Utrecht para estudar em faculdades e fiquei sozinha com meu marido e trabalhando. A partir daí comecei a ter pesadelos todas as noites sobre a perseguição da Ditadura Militar que eu havia sentido de perto e acabei entrando uma depressão pós-traumática. Foi um período muito pesado, mas com remédios e terapias comportamentais, consegui relativamente resgatar meu equilíbrio emocional. Foi nessa situação que eu e meu marido acertamos que depois de nossa aposentadoria iríamos emigrar para o Brasil; meus filhos achavam também justo que eu retornar-se a meu país de origem. Isso aconteceu e viemos morar em Mosqueiro a fim de termos mais calma com a nova situação que iríamos iniciar.

Foi quando em contato com uma amiga da faculdade (Fátima Carneiro) fomos convidados para ajudá-la no trabalho de uma ONG chamada Instituto Ampliar. Comecei como secretária e o Tiago como tesoureiro. Foi um trabalho desgastante, uma vez que mais tarde assumi a presidência e tínhamos poucas pessoas para desenvolver um trabalho de grande envergadura. O objetivo da mesma era desenvolver um projeto de resgate da cultura popular e preservação do meio ambiente, projeto esse que foi ajudado pelo governo federal. Hoje estou fora da diretoria por desgaste físico, mas participo como amiga do instituto.

Depois de doze anos de moradia aqui no Brasil resolvemos voltar para a Holanda por questões pessoais. Meus filhos moram e trabalham lá. Ficarei sempre ligada por cartas, visitas etc. ao Brasil, mantendo contato com meus familiares e os amigos de coração.

CAPÍTULO 8

REFLEXÕES SOBRE O RETORNO

Novas contingências de vida contribuíram para que Layse Salles, depois de mais de três décadas residindo na Holanda, retornasse ao Brasil. Seu relato a respeito:

“Eu fiquei determinada a continuar o meu trabalho político mesmo sabendo que eu podia me prejudicar, fui até as últimas consequências, então, de repente eu chego aqui no Brasil, é engraçado porque foi no período que eu cheguei que houve a eleição e o Lula ganhou, surgiu depois a lei dos anistiados. Aí eu pensei: esse talvez seja o momento em que eu possa resgatar a dívida que eles têm comigo porque eu sempre fiquei com a sensação de que eu tenho uma dívida histórica com o povo brasileiro, sei que isso é um pouco pretensioso mas eu tinha isso na minha cabeça, desde que eu me meti na luta foi por um ideal em que eu acreditava. Eu achava ter a dívida porque sai do Brasil, mas o governo também tinha uma dívida comigo quando fui obrigada a deixar meus estudos e me exilar em outro país. ‘Aqui na Holanda posso ter uma luta internacional e então pego o meu país também’, foi o que mentalizei. Comecei a procurar coisas de que participei, de importância para este resgate, então a partir do momento em que eu provo pra eles que fui prejudicada, do meu ponto de vista com certeza, democraticamente, o abuso no tipo de ideal que eu tinha, que tipo de participação na sociedade eu tinha, pra mim foi um desrespeito muito grande porque veio uma ditadura militar – eu era legalmente presidente de um diretório – me tirar de lá, querer me prender, fechar minha boca... Esse é de fato o que me aconteceu que eu acho que eles devem. E adquiri mais tarde, no período de 45 anos de idade, uma pesada depressão pós-traumática, seríssima, podendo me deixar até esquizofrênica ou coisa parecida, como se eu tivesse duas personalidades, foi um negócio muito sério,

passei a tomar remédio pesado, por isso ao voltar ao Brasil ainda tomava antidepressivo, quase oito anos eu fiquei nessa luta. Aí o que aconteceu? Eu posso fundamentar e argumentar, independente de ter um advogado, eu mesmo posso defender minha posição, a gente tem que argumentar que fui prejudicada de dois lados, primeiro o profissional, ao me tirarem a possibilidade de ser uma socióloga como havia planejado, sendo esse o meu desejo de transformar a sociedade, ficar lutando pelas pessoas e em segundo o emocional prejudicando a minha atuação futura. Esse problema existencial me prejudicou muito, pois eu tive que me afastar por quase oito meses do meu trabalho na Holanda como coordenadora de deficientes mentais, daí serem esses dois argumentos que pretendo juntar aos documentos em processo. Sei que no Brasil essas coisas demoram (e lembro que a Dolores Baia, minha amiga, foi presidente do Partido Comunista no Rio de Janeiro, ela conseguiu, com a Anistia, a aposentadoria dela, militamos na mesma luta). A lei continua existindo, então toda pessoa que for vítima de uma situação como aquela, histórica e política, deve se informar a respeito e agir. Eu gostaria de citar pessoas em quem eu confiava e pessoas que reconhecem o meu trabalho autêntico, e não com pessoas que tomaram outro rumo De jeito nenhum eu quereria. O Jatene também, ele foi meu amigo um tempo. Não é qualquer um que eu quero registrar nestas memórias e sim aqueles que eu gosto, pela sinceridade que eles têm, pelo que eles fizeram comigo e para o povo. As amizades que eu tenho hoje eu não perdi durante os 40 anos que nos separaram. Eu vivi em muitas cidades por uma questão política, mas sempre tinha em mente voltar para o Brasil e pagar minha dívida com o povo. Então isso para os médicos é muito perigoso, é uma espécie de obsessão, mas eu sempre falava. Então esse comportamento pode ser da minha personalidade, pode ser da educação da família... Posso ler a carta que enviei para os meus irmãos, não quero que seja publicada porque é muito pessoal, mas tu entenderás em que família eu fiquei”.

CONCLUSÃO

A primeira fase da luta política e social de Laysa Salles no Pará, como já se viu, durou a maior parte da década de 1960, quando ela teve a iniciação cultural necessária para ser direcionada à universidade e, em seguida, à liderança do movimento estudantil. Era a fase de estudante propriamente dita, de convivência com colegas solidários e mais experientes, orientadores do caminho a ser seguido para a transformação da sociedade ainda tão desigual. Foi um período de construção do seu futuro próximo, da escolha pessoal de sua vida. O passo seguinte foi a universidade, local por excelência das principais articulações políticas que possibilitaram arregimentação de quadros para o confronto com as forças da repressão que, naquela década, se aninhavam hegemonicamente na ditadura militar, implantada após o golpe de março de 1964. Foi na dureza dessa época que Laysa Salles adquiriu a têmpera necessária para se inserir na militância e na liderança de um confronto cujo final ainda era imprevisível, mas que estava mais perto do que se pensava, ou esperava, de chegar a um desfecho, afinal bem conhecido.

Da militância como líder estudantil de um movimento ainda incipiente, o próximo passo que Laysa Salles experimentou foi ser arregimentada (ou “ampliada”, segundo o jargão interno de algumas forças políticas) para missões mais importantes e tarefas mais desafiadoras, como ocorreu em sua vivência na Ação Popular, um braço partidário da esquerda organizada, cuja matriz principal estava na luta radical contra a ditadura estabelecida. A Ação Popular foi o caminho escolhido por Laysa Salles para continuar, com mais fragor, na luta pela mudança social do país, na busca pela justiça social, enfim, pelo humanitarismo, que ela sempre defendeu a partir de suas discussões na escola de segundo grau.

Pode-se inferir de seus relatos ter sido a Ação Popular a escola de sua maturidade política, a ponta de lança que propiciou, ao seu temperamento destemido, conhecer algumas das frentes de luta no combate às desigualdades impostas não só pela ditadura, mas pelo capitalismo. A busca, então, era por uma sociedade socialista.

Ao mesmo tempo que se lançou de cabeça na luta orientada por um partido político, ainda que já na clandestinidade, Layse Salles viu-se no centro de um furacão político quando foi compelida a sair de Belém, por medida de segurança. Mais uma vez ela curvou-se à decisão do partido, no qual confiava firmemente, e largou, sem pestanejar, a faculdade, a família, os amigos, enfim, o seu berço natal e recomeçou a luta noutro espaço. Foi um ato de coragem, a qual sempre esteve presente nas decisões que viria a tomar pela resto de sua vida.

Daí, como se viu em seu relato, forjou-se a nova militante, madura capaz de enfrentar, sozinha, uma situação completamente adversa, mas segura, o suficiente, para se afastar do partido quando percebeu, por si própria, que o desastre rondava os arraiais das esquerdas políticas, aí incluído o partido que tanto a inspirou e que ela tanto defendeu. Sem se arrepender em nenhum momento de todos os perigos que enfrentara, Layse Salles teve o discernimento, embora solitário, de perceber chegada a hora de rever posições e redirecionar o combate ao qual se entregara e do qual jamais arredara o pé.

Pode-se dizer que foi aí, nessa saída de Belém para Belo Horizonte, que Layse Salles encontrou o seu rito de passagem e atravessou o seu Rubicão, encontrando em meio à luta o novo cenário de sua vida, com um novo país, nova sociedade e, o que foi o principal a destacar, sua nova família, com o amor da sua vida e os três filhos do casal, organizada na Holanda. O novo cenário manteve os ares de incessante luta, que sempre permearam o seu dia a dia. Novas preocupações vieram à tona na Holanda, como a defesa das minorias, no caso mulheres e migrantes e

até a participação eleitoral no novo domicílio. Era a Layse de sempre, no enfrentamento com as desigualdades universais. Na proteção à família e na defesa da cidadania, ali estava a Layse Salles, cidadã de Belém e do mundo.

Depois de trinta anos nessa vida, Layse Salles retorna ao Brasil e, antes da travessia de regresso, expõe para o público a magnífica experiência de vida que resultou de tantas lutas. Ao fim e ao cabo disso tudo, ela pode sopesar sua vivência e avaliar suas perdas e seus ganhos. E concluir que os ganhos foram superiores, para alegria de todos que a querem bem.



Album Fotográfico



Fase inicial em Belo Horizonte como secretária do Hospital de pacientes de câncer do INSS em período de preservação de sua segurança pessoal, no estado onde não conhecia ninguém e havia afastado da Ação Popular



Sempre carnavalesca dançando no Bole-Bole, no período de visita a Belém e sua amiga Rosyan Britto conseguiu que participasse do evento da escola de samba.



Layse com seus filhos: Marc, Liana e Andrei.



Layse visitando os filhos na Holanda, por ocasião da festa natalina e Isabela (esposa do Marc).



Os pais de Layse Dário Teixeira de Salles e Cladomira Duarte de Salles



Layse em Belém, com o então Ministro da Cultura, Gilberto Gil.



Com as amigas Edna Castro, Rosyan Brito, Nazaré Bahia, Dolores Bahia, Leda Barros



Cenas do casamento na Holanda: toda a família reunida.



Atuando no Instituto Ampliar, em Mosqueiro (Presidente).



Fernando Fiúza (em memoriam) e Ruy Barata dois amigos de luta da época estudantil.



Layse, visitando em Marudá numa ação social.



Amigos da Layse visitando-a na Holanda - Dolores e Nazareth Bahia



A despedida de amigos da Holanda para sua volta ao Brasil em 2014.



Layse na praia de com amigos em São Paulo.



Visitando os amigos Fiúza de Melo em São Paulo.



Visita de sua filha Liana Verberg em seu trabalho



Festa de despedida da Laysa no trabalho com coordenadora de deficientes mentais na Holanda



Lourença Duarte Ribeiro, pessoa que a Layse considera “mãe da revolução” e fez questão de homenageá-la no livro



Jantar na casa da Edna Castro, em Paris, com seus filhos Jorane e Carlos Potiara, Paes Loureiro e Violeta e Diana (irmã de Layse) em 1993.



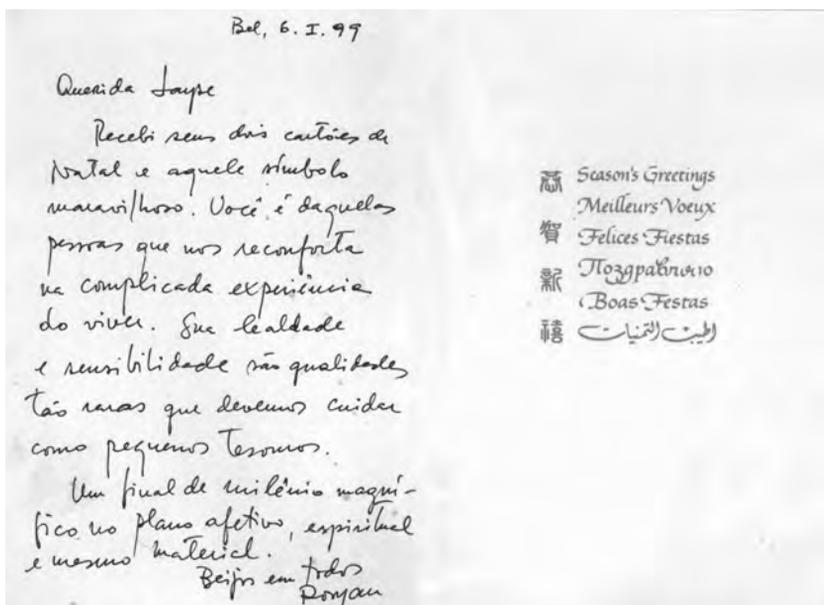
Layse presentando Aluizio Leal com a camisa do Partido socialista da Holanda do qual ela fazia parte como membro do partido.



Jesus Paes Loureiro e sua esposa Violeta, visitando a Layse na Holanda.



A família do marido de Layse, Adrianus da Holanda



Cartão da amiga Rosyan Britto.



Homenagem dos filhos pelos 60 anos de Layse.



No inverno, em Paris, com Edna Castro em 1994.



Em Mosqueiro com os amigos Aloysio Leal, Rosyan Britto, Leda Barros, Ana Diniz e Dalva, comemorando sua volta definitiva ao Brasil em 2014.



Meu netinho Kenzo Dario Verberg, filho de Marc e Isabela



O casal chegando para o seu casamento

LIJSTEN VAN KANDIDATEN

voor de verkiezing van de leden van de raad van de gemeente ALPHEN AAN DEN RIJN op 4 m

1. V.V.O.	2 Christen Democratisch Appel (CDA)	3 Democraten 66 (D66)	4 SP (Socialistische Partij)	5 Partij van de Arbeid (P.v.d.A.)
1. van der Veer Meerstaet, W.D.S. (Diederik) (m)	1. Groen in 't Wout, J.M.C.M. (Hans) (m)	1. Dales, F.C. (Frank) (m)	1. Harnes, G.W.A.M. (Gerard)	1. Koningeld, L. (Leo)
2. Lyczak, S.J.P. (Sien) (m)	2. Habermehl, H.J. (Henk Jan) (m)	2. van Staaltvliet, W.H. (Wiltoke) (v)	2. Groot, J.P.J. (Jan)	2. Korver, J. (Joost)
3. van der Schillen, D.W.F. (Dries) (m)	3. Voogts, J.H. (Jan) (m)	3. de Laas, E.G. (Ed) (m)	3. Lokhorst, A.J.W. (Arwi) (Lans)	3. Sijl-van Veen, P.H. (Pietra)
4. Schoonen-Langekamp, C.H. (Clara) (v)	4. Jaspers-Bonger, J.T. (Jeanette) (v)	4. Strik, B.F. (Sief) (m)	4. Hoogenboom, H.A.M. (Lans)	4. Zandvliet, C.D. (Ron)
5. Bloin, R.J. (Robert) (m)	5. Yvee, P.H. (Piet) (m)	5. Weesal, J.E. (Joaqueline) (v)	5. Raaphorst, J.C. (Jan)	5. de Hoog, P.C. (Paul)
6. Windhorst, A.D. (Bert) (m)	6. Pieterac, W.J.M. (Walter) (m)	6. de Kleijver, H.J. (Henk) (m)	6. Ples, R.J.M. (Ronald)	6. van der Vlis, C.A. (Cees)
7. Harman-Sloos, L.H. (Louise) (v)	7. de Haas, B. (Bauke) (m)	7. van de Stuwv. R. (Rondald) (m)	7. Boringel-de Jonge, S. (Sonia)	8. Augustijn, J.M. (Johan)
8. Windelst, B. (Bas) (m)	8. Vrugt, R. (Rond) (m)	8. Hamaker, J.M. (Jan-Maarten) (m)	8. Weenadragt, C.I. (Carmen)	9. van Hefferen, C.E. (Sjen)
9. Thari, J.H. (Hans) (m)	9. Hage, M.J. (Rien) (m)	9. Goets, B.M.E. (Bian) (m)	9. Graafland, J. (Jan)	10. Blakman, W.C.M. (Pim)
10. den Hertog, W. (Wout) (m)	10. Spiers, J.W.E. (Liesbeth) (v)	10. van Bersef, G.J. (Dinky) (v)	10. Gleier, P. (Philip)	11. Dijkman, P.A.J. (Nef)
11. de Jong-Burggraaf, L.E. (Lida) (v)	11. van Rijn, P.J.J.M. (Frans) (m)	11. Schoevers, C.E. (Casper) (m)	11. Meijer, M.C.J. (Martin) <small>Aansterdam</small>	12. den Tonkelaar, H. (Hansdore)
12. Vrijde Wolt, D.H.A. (Danna) (v)	12. Landstam-van der BEEK, M. (Marjolke) (v)	12. Havenkamp, G. (Gerit) (m)	12. Bruyn-Slokhoff, H.C. (Hans)	13. Rozenboom, W. (Wim)
13. Dekker, J.E. (Edwin) (m)	13. Sonneveld, J. (Jaap) (m)	13. Kaart, J.A.J. (Jofiri) (m)	13. Bezemer, W. (Wim)	14. le Bos, H.L.P. (Klaas)
14. Oebel, R.S. (Ruud) (m)	14. van Niekirk, W.C.M. (Wim) (m)	14. Seijster, M.J.M. (Marion) (m)	14. Smit-van Ervden, E.C.M. (Elske)	15. Duijts, H. (Hans)
15. Ulekes-van Steenberg, M.G.M. (Ria) (v)	15. Anker, C. (Cees) (m)	15. Vreesen, A.J.M. (Ad) (m)	15. Wroonkers-Mikel, M. (Monique)	16. Floor-Tempel, C.L. (Lous)
16. Wilbrink-Nok, H.M. (Henny) (v)	16. de Graaf, D. (Dink) (m)	16. Buthuis, J. (Jan) (m)	16. Verberg-Duarte de Salles, L. (Laysa)	17. Koutis, M. (Mohammed)
17. Stricker, A.K.A. (Alexandra) (v)	17. van Beek, J.G. (Joost) (m)	17. Selier, H.G. (Harry) (m)	17. Zuidam, G.C. (Gerard)	18. Ros, A.W.J. (Lex)
18. Koopman, T.J. (Dick) (m)	18. Schouten, J. (Jan) (m)	18. Klooster, L.K. (Lucas) (m)	18. Noach, L.J. (Jehudith)	20. van der Vries, J.H. (Jaap)
19. Jacobs, H.D. (Hans) (m)	19. van Beest, J. (Jan) (m)	19. Dampaling, P.J. (Pauline) (v)	19. Elias-Bouwman, M. (Riesha)	
20. Mering, M.J. (Minco) (m)	20. Lugthuis, H.J. (Henny) (m)	20. Haring, M. (Maarten) (m)	20. Blaauw, D. (Dick)	
21. de Lijper, A.A. (Lies) (m)	21. van Milkenburg-van Die, G.F.F. (Trudie) (v)	21. Faase, H.L. (Henk) (m)	21. Roozemaaten, R. (Ron)	
22. van de Meent, H. (Henk) (m)	22. van Kemmen, G.J. (Gerit) (m)	22. van Geest, A. (Adrian) (m)	22. van de Wege, G.E. (Lies)	
23. Engelen, C.J. (Cor) (m)	23. Veira-de Regt, E. (Lize) (v)		23. Kloverlaan, M.H.M. (Marja)	
24. Klein, H. (Henk) (m)	24. Kruit, J.H.M. (Jan) (m)		24. Pauw-DeBolt, H. (Hélida)	
25. Uijew, J.H.M. (Hans) (m)	25. Schriep-Tijssen, W.J.M. (Elleniek) (v)		25. Dulker, J.A. (Jiten)	
26. Kempenaar, H. (Nico) (m)			26. Meuwerberg, E. (Els)	
27. Wilms, G.W. (Gerit) (m)			27. Violmes-Gros, I. (Irma)	
28. Artman, W.D. (Willem) (m)			28. Sommandas, R.B. (Robby)	
29. van der Ziel, W.G. (Wim) (m)			29. Herbes, J.S.P. (Joel)	
30. van der Ziel, W.G. (Wim) (m)			30. Vergunst, A.C. (Ab)	

Voor zover geen woonplaats is vermeld wor

VUGA-SYSTEMEN

Layse candidata a vereadora na Holanda do partido Socialista

De hoofdbewoner wordt verzocht dit bijzet aan de medebewoners ter irrazage te geven.

aart 1998

6 RPF/IGV	7 GRDEJLNKS	8 Initiatiefgroep Democratisch Alphen	9 Alphen Stadsparli	10 Staatkundig Geretormeerde Partij (SGP)
1. Vizeva, T.A.	1. de Groot-Slagter, A. (Ank) (v)	1. Post, J.H. (Jan Harke)	1. Verschuur-van der Nooven, W.E. (Wij)	1. Cornet, G.J.
2. Tigelaar, R.	2. van der Zanden, H.G.M. (Henk) (m)	2. Caron, L. (Lisa)	2. Meerober, G.N.P. (Gerard)	2. Vis, J.D.M.
3. van Arkel, J.G.	3. Dakkers, B.J. (Bart) (m)	3. Kroegman, J.M. (John)	3. de Leeuwe-Brouwer, D. (Dori)	3. Aalmondse, A.D.
4. Kulpers, H.F.	4. Bosma, J.H. (Jefke) (m)	4. Broer-van Lemzen, J.A.M. (Jacqueline)	4. Krumpelman, M.P. (Maarke)	4. Ekveld, W.P.D.
5. de Jong, P.	5. Ahill, A. (Abdel) (m)	5. de Kok, N. (Nies)	5. van 't Woud, R. (Rolanda)	5. Post, G.
6. Koning-Mulder, B.C.	6. Klapper-Dane, G.M. (Gerda) (v)	6. Scholte, M.P. (Marcel)	6. Kroesemeijer, D.J.A. (Diane)	6. van der Lee, P.J.
7. Wagman-van Meppelen Schoppink, E.E.	7. Hizen, C.E. (Tineke) (v)	7. van den Berg, M. (Martina)	7. van Amirongen, L. (Leen)	7. Verdies, G.C.
8. van der Heijden, G.	8. Driessn, R.B. (Randy) (m)	8. Baagert, J.H. (Jaap)	8. van Elaen, G.M.J. (Gérard)	8. Holmans, L.
9. van Vliet, B.J.	9. Zeldenhuis, E.C.A. (Els) (v)	9. van Elaen, G.M.J. (Gérard)	9. Verschuur, W.D. (Wijnanda)	9. Yoshida, F.
10. Kaptein, D.	10. Klaassen, W.J.M. (Wij) (m)	10. Lourens, H.R. (Hans)	10. Dergent, A.F. (Anton)	10. Brand, H.C.
11. Edde-Decker, E.	11. Hoogendijk, H.J. (Lonneke) (v)	11. Lijk, P.T. (Paul)	11. Tulen, O. (Otto)	
12. Ponder-van Wulckhuizen, E.H.	12. de Groot, J.P. (Jan Pieter) (m)		12. Goddhe, C.G. (Cornelia)	
13. Snelg, P.	13. van der Heijden, E.M.H. (Edith) (v)		13. van den Berg, L.F. (Lennard)	
14. van der Mark, H.A.	14. Teule, F.J.P. (Frits) (m)		14. de Jong-Verschuur, S.A.C. (Sylvia)	
15. Broot, J.M.	15. Wijmans, M.G. (Martin) (m)		15. Zwaan, J. (Jacque)	
16. Aasink-Willems, G.C.	16. Vermeer, B.W.H. (Bert) (m)		16. van Donk-Kroesemeijer, L.H. (Louise)	
17. Wagman, J.F.	17. Vogel, C.J. (Kees-Justus) (m)		17. de Leeuwe, F. (Tom)	
18. Kleppenberg, R.	18. Bosman, L. (Luisa) (v)		18. Brands, H.S. (Hendrik)	
19. de Krull, W.	19. van Dijk, A.D. (Arjan) (m)		19. van der Horst, A.H.J. (Marce)	
20. Hesseling, T.	20. Ridder, J.J. (Joke) (v)		20. Alink, F.M.W.	
	21. van Meagen, C.O.M. (Lia) (v)			
	22. van 't Holt, J.H. (Henk) (m)			
	23. Slagter, H. (Harry) (m)			
	24. Boeman, J.M. (Joop) (m)			

en alle kandidaten te Alphen aan den Rijn.

Layse candidata a vereadora na Holanda

Nos convidamos você, para participar de nosso casamento, dia 9 de agosto de 1971, às quinze horas.

Wij nodigen u uit om te delen in de vreugde van ons huwelijk op maandag 9 augustus 1971, te Leiden.

Ad Verberg **en** **Layse de Salles**

Kerkelijke viering
Verbum Dei, Plantage 16
om 15.30 uur

Burgerlijke viering
Stadhuis 15.00 uur

Receptie/Recepção: Franchimontlaan 13, Leiden

Toekomstig adres/Endereço futuro: Castorstraat 20, Alphen aan de Rijn

Convite do casamento em holandes e português.

Parte II

*Repressão, lutas
Universitárias e Militância de
Layse Veeberg de Sales
na fala do outro*

Testemunhos

TESTEMUNHO 1

Dolores Bahia

Maria Dolores Pereira Bahia é graduada em Serviço Social na UFPA, com especialização em Gestão Urbana na Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE) e mestrado em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR-UFRJ.

Conheci a Layse em meio à atmosfera das décadas de 1960 e 1970, em que predominava a visão transformadora do mundo e de vida. Compreendíamos que os jovens deveriam ser bons estudantes e, ao mesmo tempo, militantes do movimento estudantil e/ou militante de organização política partidária. Ainda sobrava tempo para o rock, a MPB e para amar. Haja energia! Sem pretensão, diria que tentamos ser as três coisas. Eu atuava no diretório acadêmico da escola de Serviço Social e era tesoureira da União Estadual dos Estudantes (UAP), quando nessa efervescência conheci “a baixinha” Layse, ela cursando Filosofia e eu Serviço Social na UFPA.

Ela era uma liderança destacada que não se media pela sua pequena altura, mas pela capacidade de liderar, convicta de suas ideias e persistente argumentadora. Lembro de uma manifestação nos jardins da Faculdade de Filosofia quando ela subiu numa mesa para discursar diante de uma manifestação estudantil.

Além das manifestações estudantis, participei com Layse e Antonio Fernandes, estudante de Engenharia, do projeto de alfabetização do sistema Paulo Freire, na região Bragantina, no município de Vigia. Em 40 dias alfabetizamos pescadores, que foi uma coisa marcante em nossas vidas vivenciar o aprendizado das pessoas que além de descobrir a importância de saber ler e escrever pelo método Paulo Freire, propiciava

discutir o mundo e a vida. Lembro de um pescador nos transportando numa pequena canoa que nos perguntou se era verdade que o homem chegaria à lua.

A experiência na Ação Popular foi uma discussão muito complexa e acho difícil fazer uma análise mas diria que como organização política, mesmo na sua visão filosófica cristã, contribuiu muito e reforçou o amplo campo de luta na luta para conquistar as liberdades democráticas e a justiça social em nosso país. Ajudou a alargar os horizontes dos jovens, estudantes, operários e trabalhadores rurais. Militei na Ação Popular até 1970 quando ingressei no PCdoB, tendo deixado o partido em 1993. Tive riquíssima experiência nas duas organizações políticas. Cumprindo orientação partidária, lutei contra a ditadura militar, na clandestinidade dentro do Brasil durante 10 anos, fugindo da feroz repressão dos militares. Por opção pessoal, mesmo nessas condições, cometi a “loucura que deu certo” de constituir família, sendo mãe de um casal de filhos, que são umas das grandes razões de minha vida e fonte de felicidades. Apesar dos grandes sacrifícios e sofrimentos, eu repetiria a trajetória de minha vida, é claro que com correções. Toda essa experiência e base familiar que tive e tenho, me fez a pessoa que sou hoje, buscando a felicidade individual e coletiva, por uma sociedade com paz e justiça social.

A cada década e dia reafirmo minha convicção do ideário socialista para sermos felizes, no plano coletivo e da sociedade. Foram décadas de lutas, acertos e erros que palmilharam as conquistas hoje consolidadas, que evoluem e são ajustadas às novas realidades. Gostaria de destacar uma das marcas desse período, a importância dos grupos de estudos filosóficos, extra classes, que espontaneamente organizávamos nas universidades, compostos com estudantes de distintas áreas de conhecimento, de ciências humanas, exatas e tecnológicas, estudando e debatendo obras de Sartre, Simone de Beauvoir, Celso Furtado, Paulo Freire e outros.

Eu e Layse nos reencontramos cerca de 20 anos depois por intermédio de uma amiga comum que trabalhava no Banco do Brasil, que mantinha contato com Layse que morava na Holanda. Pessoalmente anos depois nos revemos no Rio e mantemos até hoje nossa profunda amizade. A Layse tem a capacidade e habilidade de conservar as amizades. Sempre solidária nos momentos difíceis, ajuda os amigos como já o fez comigo, que guardo grande gratidão. Um traço marcante da Layse é a coerência entre o que pensa e faz. Por isso continuou lutando pelos ideais socialistas, mesmo estando na Holanda.

As décadas de 1960 e 1970 ensejaram o desenvolvimento de pessoas como Layse, exemplo de ser humano, de amiga e companheira e sempre lutando por uma sociedade mais humana em todas suas dimensões. Tentando conciliar o interesse pessoal com os da sociedade, Layse é parte integrante da história do movimento político brasileiro.

TESTEMUNHO 2

Aloysio Leal

Professor aposentado da UFPA, começou a atuar no movimento estudantil tão logo ingressou no ambiente universitário, pouco depois da implantação do golpe militar de 1964. Militante dos mais combativos, atuou em várias frentes de luta contra a opressão e o autoritarismo e em defesa da liberdade pública. Foi preso e processado pela ditadura militar, mas não arrefeceu seu espírito combativo, tornando-se um respeitado intelectual na área da Economia, palestrante requisitado e, sobretudo, um defensor da cidadania. É um dos mais renomados estudiosos das questões da Amazônia.

Quando a Layse foi presidente do diretório começa, na verdade, no início de 1960, quando éramos alunos do CEPC. Tínhamos uma amiga comum, a Sara Cohen que hoje é sacerdotisa de uma linha espiritualista. A essa época a Layse, para mim, era apenas mais uma colega de lá, aquela menina simples e até certo ponto tímida, que fazia o curso conosco embora fosse um ano atrasada em relação a mim. Eu terminei o curso clássico junto com a Sara em 62 e fiquei algum tempo rigorosamente sem fazer nada porque eu tinha outros planos, eu pretendia ser piloto, coisa que eu me formei durante esse meio tempo, no Aero Clube de Belém.

Logo depois, eu vi que seria interessante tentar, pelo menos por hora, enquanto não abriam as possibilidades para o que eu tinha vontade, que era fazer carreira na aviação aérea, que eu fosse para a universidade e eu fiz o vestibular em 1966, para Matemática. Para o que eu queria, teria que me deslocar para o sul e não havia possibilidade alguma, inclusive pelas questões financeiras da família. Meu pai era juiz de direito e o salário dele era uma coisa tão indecente quanto é o nosso salário de professor hoje. E nesse período eu já me ligava em política, acompanhei todo o desenrolar do agravamento da situação política,

inclusive participando de comícios, tenho a impressão que isso foi um dos elementos que entrou fortemente a possibilidade de minha ida para essa profissão que eu desejava, até porque depois eu fui suspenso de voar por um “milico” que era comandante da Zona Aérea.

Não cheguei a voar como piloto comercial, recebi o brevê e estive durante esse meio tempo em todas as atividades políticas, inclusive daquelas que antecederam o golpe militar de 1964. E me lembro perfeitamente de vários indivíduos que depois passaram a ser os estudantes do golpe militar, que àquela altura representavam o segmento bastante elitista, a meu juízo. Na verdade a palavra revolução era muito mais um mote como palavra de ordem do que verdadeiramente um projeto político na cabeça do pessoal. Eu nunca me filiei a partido político, isto é, não me filiei vírgula, eu não estive, durante essa época, filiado a partido político; naquela época não se assinava ficha de inscrição, você aderiria aos quadros de uma organização política, pois a partir de 1964, com o golpe e imposição da ditadura, seria extremamente perigoso você se filiar de modo formal aos partidos que, de modo geral, foram declarados na clandestinidade.

Em 1966 fiz vestibular e entrei para o curso de Matemática e a essa altura já tinha se desencadeado o começo da repressão por parte da ditadura militar, o que ela fez com base no vetor do golpe da aplicação da ditadura, que foram as forças armadas. Elas já tinham, à moda militar, todo o levantamento prévio e um reconhecimento de todo o pessoal que estava ligado às ações de contestação política do avanço do capitalismo. Quando se deu o golpe, muitas daquelas lideranças estudantis, que aparentemente estavam dispostas a enfrentar o avanço dos militares como defensores dos interesses do capitalismo, que tinha mandado que fosse dado aquele golpe, era a lógica do sistema naquele momento, muitas dessas lideranças ou por uma questão de oportunismo pessoal, ou por uma questão de conveniência ou ainda por uma questão de absoluta falta de estrutura política, de consciência política, já tinham começado

a preparar o pulo deles de fora daquilo que se costumava chamar de esquerda. Vários deles começaram logo a pular para o lado da direita, foi gente que se colocou debaixo da proteção dos militares, foi gente que passou depois a advogar interesses das empresas multinacionais.

Assim que entrei na universidade, fui preso no quartel da 5ª Companhia de Guardas. Nem sei porque fui preso, eles me pegaram na rua, o meu pai já desembargador, o desrespeito da ditadura militar pelas instituições era tamanha que para eles isso não existia, obviamente essa ação contra algo que seja considerado criminoso é absolutamente legal, independente do grau de valorização social do indivíduo, do indiciado. Mas isso quando se trata de uma agressão flagrante ao interesse social, quer dizer, quando o camarada pratica o roubo, um assassinato ou qualquer coisa. Nessa época o delito era delito de pensamento, então bastava você não pensar de acordo com o sistema, você passava a ser alvo desse tipo de repressão. O meu pai, por acaso, não só era desembargador como também era presidente do TJE. Fiquei preso um mês e depois respondi a um Inquérito Policial Militar. Quando a gente considera o grau de avanço da luta política entre o sul e o norte nós estávamos absolutamente engatinhando.

Enquanto no sul o esclarecimento, a consciência política já começava a partir para a proposta de resistência armada à ditadura, aqui ainda éramos virtualmente uns amadores. Embora tenha havido uma repressão brutal no começo, que inclusive morreu gente em prisões daqui, nós ainda não tínhamos evoluído no processo de luta, de forma a provocar a intensificação da repressão que deu lá no sul e que, quando comparada a outros espaços muito mais conscientes nesse particular, representaram uma repressão muito mais brutal, como por exemplo na Argentina, onde o grau de consciência política era muito maior. Uma está na razão direta da outra, aquela desta. Fomos presos por ordem de um sujeito que era paranóico, um representante típico do pensamento

militar tacanho, daquela visão anticomunista feroz, era um coronel chamado Décio Luis Fleury Chamion, foi quem me interrogou.

À essa época começamos a nos articular como segmento universitário ao resto da ação de resistência política que os estudantes universitários promoviam contra a ditadura, na época a universidade federal era toda espalhada, não existia este campus e foi ai que comecei a tomar contato com a Layse já numa dimensão completamente diferente, já numa ação concreta de militância política que eu não imaginava, antes, que a Layse fosse capaz. No CEPC ela era uma pessoa, como eu já disse, inclusive tímida. E de repente eu descobro, surpreendentemente e de forma agradável, uma Layse afinadíssima com uma ação política, de organização política, de resistência política, na Faculdade de Filosofia.

Havia, então, uma polarização muito grande em termos partidários, no interior da política estudantil, entre o PC e a AP, o Partidão e a Ação Popular. Eu cheguei a militar na Ação Popular, mas logo esse meu lado, muito independente, não individualista mas independente, eu sempre gostei de ser independente, de uma independência toda pessoal de ideias e atitudes, essa minha independência começou a se chocar com o caráter disciplinador e profundamente autocrático da AP enquanto partido e comecei a identificar aqui uma reprodução das condições e me desliguei da AP por causa disso. Isso me valeu da parte do pessoal da AP uma desqualificação da minha imagem, você vira um porra-louca, começa a ser apontado como uma pessoa irresponsável, descobri que o delito de pensamento não estava apenas na esfera da mentalidade de quem tinha dado o golpe militar, pra mim estava dentro de organizações que faziam parte de uma pretensa resistência a esse golpe. A AP era uma organização e isso depois que eu fui confirmar, aliás para mim, no começo, eu rejeitava a ideia de que esquerda pudesse ser uma coisa daquela; pra mim, a compreensão da esquerda era a compreensão de uma postura democrática, de aceitação de crítica, de liberdade de discussão, e de repente descobro que havia uma organização onde havia

uma espécie de partição hierarquizada dentro da qual havia privilégios para uns e para outros apenas responsabilidades. Estou falando da AP, precisamente. E isso aí me rendeu, de certo modo, essa questão. A AP era um braço da Ação Católica, o problema é que eu percebia que ali estava a ação da igreja, que sempre foi uma instituição profundamente disciplinadora, e os quadros da AP na sua absoluta maioria eram de gente oriunda dos quadros da Ação Católica.

Essa minha impressão, muitas décadas mais tarde, veio a se confirmar pelo surgimento dentro da vida política nacional de pessoas que foram da AP e não poderiam deixar de ir para onde elas foram, para a direita, como era o caso do Sérjão, do Serra e tantos outros, no fundo a minha visão das coisas há 40 anos atrás, apesar de combatida, discriminada e até mesmo ridicularizada, ela tinha razão de ser em cima desses cruzamentos que depois me confirmaram, historicamente, o acerto de algumas coisas que eu estava formulando.

Já o PC se caracterizava por não fazer uma oposição, como deveria ser feita, à ditadura. A AP falava, inclusive denunciava o PC como tal, que o PC era um partido imobilista, mas o que ela chamava de revolução não tinha nada de revolução, verdadeiramente falando, como se trata de uma revolução social de caráter, de qualidade, liberdade etc. Corria o risco de ser uma revolução dos iguais, onde alguns eram mais iguais do que os outros. O PC tinha esse problema. A Layse era da Ação Popular, mas tinha uma coisa que a diferenciava das outras lideranças representativas em termos partidários. Curiosamente, aquela Layse que eu tinha conhecido como uma pessoa tímida no CEPC, era uma pessoa que eu percebia que tinha luz própria, dentro do contexto político daquele momento. Ela tinha uma capacidade de organização muito grande, tinha um ímpeto político muito grande e reunia isso numa síntese de ação política que valia a pena. A Filosofia (faculdade), por incrível que possa parecer, foi um dos segmentos universitários mais atuantes em termos de política de resistência ao regime militar, graças à Layse com certeza. Ainda mais isso,

que ela tinha uma dedicação, ela tinha esse espírito de dedicação integral, isso ela tinha, muito diferente de uma liderança nomeada que os partidos costumam fazer. Há partidos e partidos, não é? Dependendo do seu apontamento político o partido pode dar força à capacidade de liderança do seu militante ou pode cerceá-la.

No caso da Layse essa capacidade dela se sobrepunha à questão da identidade partidária e ela tinha essa capacidade organizativa. Então eu a reencontrei já nesse trabalho pelo movimento universitário e aí ela já estava à minha frente. Foi um processo que envolveu todo um crescendo de ação política e acabou desembocando em 1968, o núcleo de toda essa resistência e foi 1968 que o crescimento das ações de resistência às imposições da ditadura acabaram levando a outorga de duas coisas: uma no plano geral e outra no plano específico. No geral a edição do AI-5. E no plano específico para a comunidade universitária a edição do decreto 477. Eu considerava que havia sobretudo, além da Layse, mais duas lideranças autênticas naquele pedaço, uma era o Humberto Cunha, que foi vitimado pelo 477. Ele era um cara de uma visão política muito vigorosa. Ele era um cara muito bom. E o outro era um camarada cuja firmeza pessoal, cujos traços pessoais de liderança se sobrepunham às amarras partidárias e que foi o Waldir Mesquita, da Medicina. Ele era um cara tão bom que depois foi presidente do Conselho Federal de Medicina.

Em 1968 foi o período quando a Layse estava inteiramente entregue à ação política. Foi o ano em que se deu toda a culminância desse processo de resistência, pois é quando começa a se manifestar, de forma incisiva, a resistência armada à ação da ditadura, inclusive é quando surge aqui no Pará e quando eu me filio a eles, a Aliança Libertadora Nacional, do Marighella. Foi aí que eu me filiei porque para mim a ALN representava uma alternativa objetiva à resistência a ditadura, que não era representada nem pela AP e nem pelo PC. Se nós compararmos, historicamente, os resultados finais do enfrentamento

do PC e da AP e da ALN vamos ver que são três exemplos históricos absolutamente diferentes. O PC continua até hoje e se partiu no PPS, continua a ser um partido representativo, mas nada mais do que isso. A AP acaba se materializando no PCdoB, para mim até hoje de péssima impressão. Por causa inclusive da aliança dele com o projeto de direita representado pelo PT e coisas como, por exemplo, um projeto sobre o uso da reserva florestal do Aldo Rebelo, que é um negócio terrível, acaba sendo um projeto de ação de convivência com o sistema, um projeto declarado de convivência com o sistema por parte de um partido que se diz partido comunista.

Mas precisamos lembrar daquele ditado muito certo que diz: o hábito não faz o monge. Para ser comunista você não precisa pertencer a partido comunista. Fiz parte dos quadros da ALN, inclusive de forma clandestina. Começamos até a mexer com explosivos, era uma real resistência à ditadura, era um negócio legítimo pois os caras tinham instituído um regime de terror. Quando a gente examina historicamente os resultados finais desse processo, os exemplos diferenciados do PC, da AP (PCdoB) e da ALN que foi destroçada pela ditadura, são exemplos absolutamente diferentes mas resta da ALN uma extraordinária história de sacrifícios em nome da defesa da liberdade, de coerência.

É necessário que você tenha o equilíbrio indispensável para saber levar a termo as suas propostas. O Waldir Mesquita tinha isso. Fora disso, boa parte do segmento da ALN com quem eu comecei a me relacionar era da Medicina, era o Dárcio, que hoje é psiquiatra, o Zé Paulo, cujo apelido era Capixaba. De Direito tinha o João Moacir de Mendonça, que depois levou uma cana dura, foi preso. E fora disso numa ação de militância independente o Antonio Sidônio Rodrigues. Ele foi um cara de uma coerência de posições e hoje é médico em São Paulo. Ele era outra pessoa que merecia a rejeição de muita gente por não ter medo de expressar suas ideias de forma clara e crítica. Nós éramos muito amigos, o Sidônio, eu e a Layse.

Secundariamente havia outros que surgiram aqui, havia um negócio interessante, surgiram aqui alguns anarquistas paulistas que vieram estudar aqui, um deles nós ficamos muito amigos e eu tenho até hoje uma certa amargura de não ter depois encontrado com ele, era o Domingos Estamato, já falecido, outro era o Waldecir Manoel Afonso Palhares e outro ainda era o Pedro, que morreu num naufrágio por aqui no Xingu. O Waldecir fazia parte do grupo dos anarquistas. Algum tempo depois chegou aqui o Horácio Schneider, já na rabeira e não fazia parte do grupo de expressão das ideias.

O que aconteceu nesse período foi um negócio sério, a meu juízo e que mostrava o grau, até certo ponto, de incoerência das organizações partidárias e da própria militância política daquele tempo. Chegavam, saídas não se sabe da onde, pessoas que nada tinham a ver com o meio e que de repente se transformavam em arroz de festa. Um desses caras, se eu não me engano, em 1968 foi eleito presidente da UAP, que era o João Nilton, de Engenharia. Eu achava muito estranho uma coisa dessas porque no período de ditadura, de repente aparece alguém para agitar o meio, um cara boa pinta, que fazia sucesso entre o público feminino etc., era um negócio meio estranho que me chamava a atenção. O que era interessante é que esse camarada teve uma passagem meteórica por aqui. Eu não sabia o que ele fazia, eu desconfiava exatamente disso. E logo algum tempo depois, ainda em plena ditadura, eu vejo uma reportagem, não sei em que revista, onde esse camarada aparecia como professor da Universidade de Brasília, espera aí! Professor da UNB tendo sido militante estudantil em plena ditadura? Para mim isso aparecia como uma dúvida maior.

Não foram poucos. Isso era um negócio que também, a meu juízo, aparecia como uma estratégia normal dos militares. Nas salas de aula da universidade apareciam de repente alguns que se identificava facilmente como “milicão”, os oficiais tinham livre acesso aos cursos, sem vestibular. Conheci gente que fez Engenharia, Direito e Economia.

Era uma espécie de recompensa para a ação deles na espionagem, no interior do meio estudantil. O meu envolvimento com a política jogou fora o meu curso de Matemática e eu fiz um novo vestibular, passei em dois vestibulares. Em 1968, então, foi que a Layse teve essa ação decisiva como militante e organizadora. Nós não podemos esquecer que junto com isso tivemos coisas extraordinárias. Um personagem que não pode ser esquecido é o Hélio Dourado, ele teve uma ação decisiva nas nossas passeatas, tinha uma liderança extraordinária no meio dos estudantes, porque era professor, tinha um cursinho de vestibular, tinha uma postura extremamente democrática e tinha uma convicção pessoal como pessoa resistente aos desmandos da ditadura. Muitos dos participantes das nossas passeatas de 1968 eram alunos pré-universitários, levados pelo Hélio Dourado.

Outro marco foi o debate que nós tivemos na TV Guajará com o ministro da Educação Tarso Dutra. Do lado da Matemática estávamos eu e o Marivaldo Siqueira. Quem eu me lembro bem era o Aleksei Turenko. Por curioso que possa parecer uma pessoa que esteve como representante foi a Dalva Patriarcha, filha do desembargador Mendes Patriarcha, que era de Odontologia. Quem mediou o debate foi o Lopo de Castro, dono da emissora. A nossa ocupação era defronte do lugar onde estava hospedado o ditador de plantão, no Núcleo de Física e Matemática, em frente à então Residência do Governador. É óbvio que a gente era eivado de espiões, os caras que a gente sabia que eram belos “bois de piranhas” porque estavam aqui para dividir a atenção da gente e tirar o foco de cima dos caras que verdadeiramente eram os dedos duros, os delatores, gente que muito tempo depois a gente foi saber que fazia parte dos quadros de delatores do SNI etc. Com o debate, eles queriam saber até que pontos as lideranças estudantis tinham uma capacidade de enfrentamento, de diálogo, mas por outro lado nós tínhamos uma reação em cadeia que estava vindo do 1968 na França e a cadeia de resistência no movimento estudantil estava disseminada pelo Brasil inteiro, foi lá

que surgiu o Daniel Cohn-Bendit e estava pavimentado o caminho do AI-5 e do 477. Era tão absurda a paranóia, foram tão grosseiros, que não souberam mirar os alvos próprios, eles escolheram assim as eventualidades, por exemplo, um camarada que não tinha nada a ver com isso e que se não me engano foi atingido pelo 477, foi o Anselmo, que hoje é médico e companheiro da Zélia Amador e a Layse, a essa altura, estava cada vez mais enredada nesse processo.

Eu estava lá na Filosofia e o grande ataque à essa resistência estudantil se deu em primeiro lugar na UAP, no dia do golpe militar. Mas a partir de 1968 começou a haver um negócio interessante: a Polícia Militar tinha deixado ou estava começando a deixar de ser aquela tropa de jagunços a serviço das oligarquias locais e a se transformar num pavoroso elemento de terror organizado pelo Exército, amoldados segundo os princípios de atemorização, tortura. A PM estava vinculada à Inspeção de Polícias Militares do Exército e já começava a invadir os prédios da universidade, chegamos na época a questionar o então reitor da UFPA, cujo mandato tinha terminado e ele foi recolocado no cargo pelos militares. Aí a PM chegou na Filosofia, invadiu e é óbvio que o alvo deles, com absoluta certeza, era a Layse.

Em outra oportunidade, estávamos eu e o Humberto Cunha, lembro-me muito bem, e corremos ao porão e nos armamos de cassetetes, mas naquele dia a busca era pela Layse e como se ela fosse apanhada, nessa época dada a ação política dela e dada a importância que ela tinha como liderança estudantil, é bem fácil de imaginar o que poderia acontecer, embora não se possa prever qualquer coisa a respeito do que poderia acontecer, sei que foi nesse momento que ela aproveitou e fugiu. Foi a última vez que vi a Layse naquele período. Não sei precisar, nesse momento, o que foi verdadeiramente o que aconteceu, sei que ela fugiu ali. Desse momento em diante eu não vi mais a Layse, só vim a saber depois por um segmento interessante nesse processo todo, por incrível que possa parecer era o pessoal de Serviço Social, tinha muita gente

boa por lá, estava a Joaquina Barata, a Almeirinda Palha Freire, que foi uma pessoa extremamente atuante, um quadro extraordinário, estava lá a Leda, a Couceirinho, a Rosyan Brito que era muito amiga da Layse, parece que foi uma das pessoas que depois ajudou a Layse a sair daqui.

Eu só voltei a saber da Layse por notícias e por intermédio da Célia Morais, de Medicina e que foi minha namorada nessa época e que participou de todo esse processo e a Célia me disse que a Layse estava casada com um ex-religioso na Holanda, depois fiquei sabendo que não era padre e sim um religioso leigo, depois conheci e adoro o Thiago.

TESTEMUNHO 3

Fernando Fritza de Melo

Médico pneumologista de renome internacional, destacou-se politicamente como líder estudantil na Faculdade de Medicina do Pará, quando começou efetivamente a resistência ao golpe militar de 1964, recrudescido com o AI-5, editado em 1968 pela ditadura. Por suas concepções políticas, chegou a atrasar a conclusão do curso, e entrou na clandestinidade, em companhia da esposa, quando a situação assim exigia. Foi dirigente da AP-Ação Popular, a organização política pela qual lutou do início ao fim de sua existência. Após a fase de enfrentamento, transferiu-se para São Paulo onde se dedicou à medicina e veio a falecer no ano de 2012.

Quando eu fui bancário, teve uma greve bancária. E uma pessoa no banco, um cara do PC me levou para o movimento, participei da greve e acabei saindo do sindicato com muitos livros sobre o socialismo no Brasil e comecei a me incendiar politicamente. Nasci a 24 de abril de 1945, fim de guerra, eu estava com 16 anos e cursava a segunda série do científico. Nesse momento eu comecei a ver a questão política. Aí houve uma greve mais política com o San Thiago Dantas, fui contra, e aí tive grande influência de um cara chamado Raimundo Jinkings. Ele foi um exemplo, me lembro daquela figura, aquele bigode a la Stalin. Antes disso, no Carmo eu fui presidente do Grêmio Salesiano N. S. do Carmo e na época o pessoal da JEC, o frei Beto tentou me levar para lá, eu tinha primos envolvidos, o Joaquim Bastos foi de liderança de JEC, o João Batista, o Pedro Paulo. Eu acabei sendo tentado, mas não era muito religioso e aí eu fiquei com as influências de JEC e PC, acabei como uma ampliação do partido, fiz algumas reuniões em cima do Bar Vesúvio, me liguei muito ao Walcyr e ao Walbert, e a outro cara que me deu o jornal do partido.

Nesta altura do campeonato veio pra cá a UNE Volante, na gestão do Aldo Arantes e mais uma vez eu me entusiasmei porque o movimento popular e o estudantil viviam uma efervescência muito grande e eu, como secundarista, participei ativamente de apoio à greve de “um terço”, mas nunca entrei no partido. Fiz Medicina, ia fazer Química, cheguei a fazer, fui muito influenciado pela profa. Clara Pandolfo, fui professor, durante a faculdade, de química orgânica, biologia. Quando eu cheguei na faculdade já estava em organização, a Ação Popular, eu acabei entrando, acho que 1963, entrei na faculdade em plena efervescência política e no primeiro ano já fui eleito segundo secretário do diretório, tive participação ativa desde o trote e recebi influência muito grande de um cara, o Heitor Dourado, que foi o preceptor político que eu tive e a Elisa Viana, que eram da AP, o Erivaldo. Eu já vinha com ideias políticas bem claras, uma posição libertária, anti-imperialista, entusiasmado com a guerrilha de Fidel, com o Che Guevara, a tomada do poder em Cuba foi uma coisa muito marcante, até hoje.

Em 1963 já fui para o congresso da UNE, no qual eu votei no Serra, pela única vez, quando ele foi eleito presidente da UNE por uma frente de AP com o PCB. Em março do ano seguinte instala-se a ditadura. Tinha havido um seminário do terceiro mundo na Bahia, tinha havido o primeiro encontro estudantil da Amazônia e iria haver aqui o Seminário Latino Americano de Reforma do Ensino Superior (SLARC). Na UAP elegemos o Pedro Galvão, eu representei o diretório na eleição de 1963 e fiquei dando cobertura pro pessoal do Chile. Quando houve a invasão da UAP eu estava lá, participei do departamento de Arte Popular, participei das pichações contra a ditadura. Aí me liguei também à JUC que era uma forma de esconder minha ligação com a AP. Aí começou a AP a ter uma independência de JUC, aos poucos a AP foi se distanciando como movimento laico e não mais sob a influência da JUC, inclusive no Congresso de Santo André a JUC queria impor o nome do Paulo Mendes, da Bahia e a AP, que já era mais secular em

São Paulo, tinha feito uma frente com o PCB e lançou o Serra. Foi nesse momento que eu comecei a entender realmente o que era o Partidão, a AP, que era uma terceira via.

Com a ditadura aprofunda-se um pouco a militância, mas aí eu passei por um período de descrédito, eu não podia ter mais liberdade e me afastei um pouco da política, me dedicando a estudar. Eu sou antes da Laysa no movimento, mas quando eu retorno, nessa fase, ela já está dentro, foi feita uma reorganização mais pelo pessoal da Engenharia e da Medicina, já encontrei um grupo formado e esse meu retorno se dá em 1965, isso é para demonstrar que a AP teve um grande desmembramento de JUC no próprio movimento de massas que gerou o comício da Central do Brasil. Aí a AP começa a ter uma postura mais laica mesmo, fizemos um curso de marxismo com o Mariano Klautau, morto recentemente.

Quando a AP ficou totalmente parada, eu acabei reorganizando o movimento estudantil, criamos uma direção em Belém, eu e mais quatro pessoas, dois dos quais posso citar, a Dolores Bahia e a Leda, que continuaram no movimento. No retorno ficamos isolados do resto do nacional e foi quando resolvemos estudar marxismo, tinha pouca gente ligada a nós, o Paulo Fonteles e algumas outras pessoas e esta direção que ficou com uma direção próxima resolveu estudar o marxismo-leninismo por conta própria. Estudamos Lênin, Mao e vários outros. Se a AP não fosse a gente ia encontrar um jeito, um partido que fosse para o marxismo. Tem umas coisas que eu não posso revelar porque acima de nós havia uma outra direção e essa direção. Pessoas morreram e não estou autorizado a revelar.

O Pará tinha uma direção que mantinha relação com a direção nacional e aí neste movimento de retomada nós ficamos mais isolados e aí vem um baiano pra cá, um militante da AP que já tinha uma posição marxista, que veio com uma proposta de formação da APML do B. Tinha havido contatos com China, idos de 1967, eu na terceira pra quarta série,

quando vem a greve ampla, eu estava menos no movimento estudantil e mais numa tentativa de organizar o movimento camponês, que era a Frente Agrária Paraense (FRAP), junto com a Almerinda tentar montar uma base camponesa para a Ação Popular. Veio a greve, eu fui chamado a participar por ser liderança, foi difícil porque foi uma readaptação, eu não estava mais direto no movimento, a Layse era uma expressão... Perdemos a eleição no DCE mas acabamos ganhando a UEE, houve um grande racha e começou a haver defecções. Nisso eu vou para o sul, num congresso de UNE, a AP tem contatos com o Guevara e o partido com o Lamarca, aí forma-se então o que a gente chamava três clubes: a Assembléia Paraense (AP), o Círculo Militar (grupo do Lamarca) e o Pará Clube (o Partido Comunista). Criamos uma série de grupos de trabalho, a Layse teve uma participação importante. E eu fui para o congresso de Valinhos onde foi eleito o Luis Travassos para a UNE.

Foi quando eu tive os primeiros contatos com o PCdoB. O Ruy Barata era colega de turma, liderança forte, quando acirrou a coisa foi exatamente quando eu voltei para o movimento estudantil. Na ocupação eu estava fora, num congresso e aí fui chamado, eu era da direção partidária e retornei para retomar o movimento estudantil que estava forte; eu tinha uma liderança razoável na época e nessas alturas, faltando quatro meses para minha formatura, a AP exigiu que eu não colasse grau, aí eu rompi com a AP e pensei: então vou pro campo e vou mostrar a vocês que farei isso depois de formado. Eu queria ir para o campo e achava que, indo formado, seria útil para o futuro. Aí rompi com a AP e fui expulso da direção. A Layse não participou disso porque ela era da direção estudantil e eu da direção mais acima. Numa reunião ampliada da direção, tomei essa atitude de sair. Saí da direção, voltei a participar das passeatas, pichações, panfletagens. Comecei a ter uma visão crítica do foquismo.

O Paulista teve que sair correndo, chamava-se Antonio Roberto Pinto Guimarães. Praticamente em termos de Layse foram as últimas coisas repassadas, pois eu não fiquei responsável pelo movimento

estudantil, fui mais responsabilizado por localizar a área, até que tivemos um contato com um grupo via padre Alípio, com uma célula do partido que tinha em Porto Franco e em Tocantinópolis, que foi para onde eu fui. E tem outra história que nada tem a ver com a Layse. Eu acabei indo para o norte, para o Araguaia por influência do próprio PCdoB, eu conheci o Bartolomeu, que foi prefeito de Formoso e conheci o Porfírio. O Bartolomeu me levou para lá e isso foi o problema, estivemos quase dois anos no Araguaia, eu como farmacêutico experimentado, a mulher professora, fizemos um levantamento atrás de serras e só encontrávamos chapadas, e então comecei a questionar a proposta teórica de como realizar o trabalho no campo, isso é só para situar que o meu rompimento teórico com a proposta de uma revolução agrária, porque o camponês é um pequeno burguês, ele só brigava quando era pela produção, ele não tinha a visão socialista, mas isso não quer dizer que eu não achasse que fosse justo. Comecei a ver a necessidade de uma revolução burguesa para depois ter uma revolução socialista, pelo menos nessa altura era a liberdade democrática. Tinha exemplo da Rússia e da China.

Fui presidente da UAP logo depois do Roberto Pinto Guimarães, porque fizemos um congresso clandestino que era o seguinte: eu hospedei um cara que era ligado ao Francisco Julião, ele ficou um bom tempo e discutimos o problema do Nordeste, das ligas camponesas, da visão do Julião, foi um cara muito importante pra mim. Ele ficou como caseiro de um sítio de uma pessoa ligada ao partido e onde se realizou o congresso da UAP. Esse cara depois encontrou o Apoena Meireles e virou um sertanista. Fui presidente da UAP e acabei organizando um outro congresso, concebido basicamente pelo Partido Comunista.

A AP ficou, pois ela não tinha uma visão, ela viveu um clandestinismo muito grande e ao mesmo tempo a necessidade de criar uma base política camponesa-operária para modificar a visão pequeno-burguesa do movimento estudantil, ainda para o campo de integração do operário e camponeses para que a gente formasse uma ideologia que essa

convivência seria um salto de qualidade. Eu fui para o campo em janeiro de 1969, para o Araguaia e fiquei praticamente isolado. O Humberto foi para a Belém-Brasília. A AP pensou em criar áreas camponesas, ter contato com o campo, a área prioritária da AP não era a Amazônia, nunca foi, eu passei três meses andando atrás de terra, saí do Tocantins até a Belém-Brasília e cheguei no Pindaré por terra, andando, quando eu volto, vai o Paulo Fonteles e diz que a AP fechou a área. Disse que eu não podia sair já que estava com uma plantação. Como a Margarida, minha mulher, estava grávida, eu acabei saindo.

O Paulo Fonteles, eu tenho dele duas coisas: uma, ele me chamou e vou te contar esse lance para tu poderes entender. Eu tinha a direção nacional, eu fui o cara que fui para lá dizer que não podia ter guerrilha, a área prioritária da AP era no Nordeste para fazer movimento de guerrilha. Eu fui ver se tinha terra para que a gente pudesse fazer o movimento camponês do Pindaré, que era um “puta” movimento por causa do Manoel da Conceição. Isso foi logo depois do ano letivo e nós fizemos uma excursão, preparamos uma “sacanagem”, arranjamos dinheiro com o reitor para fazer uma excursão chamada Excursão dos estudantes de Medicina da Amazônia (ENEMA) e era para quê? Para que eu e o Fialho e mais algumas pessoas participássemos do congresso da UNE. Eu sai do Rio e fui para Minas, nessa altura eu era da direção nacional ampliada do movimento estudantil e aí elegemos o Zé Luis Guedes. Quando voltamos veio a notícia de que tínhamos sido presos. Quando eu fui para o Nordeste tinha duas direções, do interior e do litoral. E o Guedes estava na direção do interior, era tudo muito baseado na visão marroquina de isolar. Quando fecharam a área, na história que já contei sobre o Paulo Fonteles, a Dolores ficou um ano e meio perdida, havia um grupo de estudantes, em 1968, que sofreu uma pressão, foi quando eu saí do grupo, fiquei fora do movimento estudantil, me liguei ao movimento agrário. Depois é que eu voltei para a ocupação, isso era 1967/1968.

E a AP se reorganizou aqui sob a direção de um cara que veio da direção nacional, perdeu a maleta no aeroporto com todo o material, fiquei tão apavorado que não voltei mais para a política, eu não militei em nenhuma organização política depois que fui preso a não ser quando participei das “Diretas já”, eu estava passando por um processo de revisão muito grande porque, quando o Paulo Fonteles me chamou, me mandaram para Recife, minha mulher grávida, um problemão, acabei criando laços com pessoas que eram simpatizantes do partido, acabei montando casa e resolvi não colocar no partido mas tendo apoio meu, então tenho irmãos em Recife, que montei casas para essas pessoas, estava em Recife quando estourou a Guerrilha do Araguaia, mandei uma “esculhambada” para a direção nacional e aí o partido me propôs retomar a minha profissão para ver se colocam lá um médico, passei a estudar Medicina em Pronto Socorro, isso em Recife.

Depois fui mídia da Star Publicidade e da J. W. Thompsom, sobrevivi desse salário, o médico já era, aí decidimos entrar no PCdoB, entrei porque encontrei um cara do partido que foi do movimento estudantil e que segundo consta foi a partir dele que localizaram a Guerrilha do Araguaia, porque ele foi tirar um documento, isso era 1972/1973.

O primeiro racha foi do PRC, que era uma tendência marxista ligada ao Althusser. O primeiro racha é do pessoal que foi para a Europa e voltou com uma visão estruturalista ligada a Althusser e Martha Hanecker e aí sou ligado não só ao movimento, eu fazia proselitismo na área da cana, arroz. Nos fins de semana fiz um trabalho operário em Fortaleza, um trabalho intelectual na Paraíba, nisso passei um ano estudando o marxismo junto com o sociólogo hoje famoso, está na PUC do Rio; e um economista fantástico da Ceplac. Estudei isso, outras coisas e nisso entramos, como já referi, no PCdoB e veio a tarefa de eu tentar recuperar, montar uma história para tirar os últimos militantes.

Tive contato com o Pedro Pomar, ele ficou em minha casa, me deu aula sobre a história do partido que eu nunca tive. Tentei recuperar no Recife mas mais como traumatologista, aprendi umas coisinhas, desde medicina natural, fiz coisas boas. Ao me formar, primeiro quis fazer laboratório, depois fui fazer pneumologia, houve um Congresso de Tuberculose em Belém e eu dei cobertura para o Noel Nutels e ele me encantou. Nisso eu fui morar em Juazeiro do Norte, já no PCdoB. Fui preso, depois me dediquei à medicina, fiz um esforço sobre-humano para recuperar minha capacidade médica, hoje me considero um médico acima do razoável, sou um fisiologista considerado um dos melhores da América Latina e fiz uma carreira dentro da fisiologia e como pneumologista reconhecido por vários pares. Nessa profissão, ou você quer ganhar dinheiro, ou notoriedade, ou satisfação pessoal. Eu sou da notoriedade, vou ser muito franco. Fui um cara líder desde cedo e me destaquei como uma liderança estudantil e de frente. Reconheço que fui uma liderança do tipo agitador. Não fui um bom organizador. Mas tive um fato importante, casei com uma mulher ultra-organizada, muito mais organizada do que eu que agora, passado esses anos todos, metabolizei o organizador que nunca fui e aí pude organizar até mesmo minhas ideias, então sou um agitador, sempre fui um agitador, ou seja, a figura que eu faço é assim: eu abro a picada mas não sei fazer a trilha, eu abro o caminho mas não sei construir a estrada, na minha vida política eu sempre tive do meu lado grandes organizadores, uma foi a Teresinha Fialho, era a pessoa que me “abria os olhos”, que me advertia, era uma colega de turma, foi da AP paraense, o Paulo Afonso Viana casou com ela, ele era um misto de organizador, mas um homem de ideias, ele não conseguia coletivizar, eu pelo menos como agitador tinha uma visão coletiva, eu comecei a estudar organização do partido, tinha o agitador, tinha o orientador, e eu não fui um pensador, minha cultura marxista foi pobre.

Quando eu fiquei na legalidade como estudante, a Layse era uma pessoa desse tipo, e na minha vida clandestina eu estudei um pouco, eu

tinha tempo, estava no campo e li muito as obras marxistas, maoístas, tive um grupo que me deu uma cultura, tínhamos discussões com os caras, eu ficava em dificuldades, tinha que ir à biblioteca pública para discutir o que era ética, o que era filosofia, hoje estou estudando grego, a filosofia grega, comprei uma série de livros sobre Platão, Sócrates, eu queria pegar um pouco da história não marcada mais pelo marxismo, e sim pela cultura universal, mas não há tempo, fico doente de não ter tempo para tanta coisa. Em dúvida se paro ou não paro, a política me ensinou o seguinte: eu dou um passo aqui e já sei do quinto passo a ser dado, da repercussão que vai ter, isso eu aprendi, eu lia rápido e pulava as coisas desnecessárias para o momento, eu captava o que era de importante, já que não dava tempo de ler tudo.

Hoje eu estou com a intenção de escrever um pouco assim, documentar um pouco o que foi a minha experiência, mas eu sou um bom cronista, não sou um historiador, tenho facilidade de escrever, tenho crônicas publicadas sobre casos médicos que eu quero acumular e queria dividir isso que estou com dificuldade. Preciso terminar uma obra técnica sobre tuberculose, isso é um papel que eu tenho que exercer e confesso que ainda não estou a contento, a minha saúde prejudicou, foi bom porque eu parei de trabalhar, fiquei numa poltrona, pegava os livros, sou clínico, faço diagnósticos, eu consigo relacionar várias coisas ligadas ao fenômeno. Nisso aí eu fui aprendendo a ser um cara dedutivo e sempre reagi a entrar para a universidade porque achava que lá eu me distanciaria da realidade. Foi duro pra mim que tive várias e boas ofertas, como tomar conta de todo o setor de tuberculose da USP, ser professor na Paulista, outras escolas, mesmo a UFPA me tentou, mas eu queria ser um prático. Achei que deveria usar a universidade para ganhar a metodologia científica e poder ser reconhecido como tal e eu poder ser um provocador, um promotor e nós criamos um grupo chamado Tuberculose Somos Nós, que fez uma proposta de integração ensino-

pesquisa. Estava nessa fase no auge de um crescimento muito grande, mas continuei sendo polêmico, eu me levantava, “quebrava o pau”.

Fui dos únicos caras da assessoria do ministério do comitê técnico-científico a ser posto pra fora, eu ousei questionar uma portaria ministerial publicamente, até que dois amigos que eu tinha, mais idosos, me chamaram. Quando eu sai do hospital fiquei com um quarto do salário, tive que vender o carro, passei dificuldades, nunca quis pedir anistia, mas agora estou pedindo. Queria ter o orgulho de ter me feito a partir do meu esforço, da minha mulher, de maneira própria, até como uma prova de que sou capaz, também, em qualquer campo e não haveria de ser uma presepada. No fundo sou um “presepeiro e cheio de pavulagem”, para usar um termo bem paraense.

Isso fez com que eu fosse muito correto e os dois amigos me chamaram e disseram: você é a grande herança que nós criamos, você se fez e precisa criar maturidade de influenciar os mais jovens. Eu não entendi aquilo e com a doença eu fui entender esse meu papel de transmissor de ideias porque uma coisa é você dizer “tá uma merda”, outra coisa é dizer “sempre estive uma merda e continua a mesma merda ou não”. Houve mudanças? De que tipo? O país saiu de uma ditadura, entrou num período constitucional, corrupção teve antes e depois, constituição tem sexo? Ética tem sexo? Existe uma ética global, mas cada um tem a sua ética. Eu aprendi na medicina que posso ter o mal menor, posso cortar uma perna para evitar a morte. Essa decisão sobre o mal menor foi uma coisa que a medicina me ensinou e a vida também. Com a doença, passei a ser mais reflexivo, como foi que adoeci? Primeiro tive uma apendicite, era diretor de hospital. Quando fui chamado para transformar um hospital de tuberculose em hospital geral. E era o caos! Como é que um tisiologista renuncia a si próprio?

É a negação da negação e eu então estudei o sistema da França, da Itália. Em São Paulo o que mais matava era acidente trauma-craniano, acidente de trânsito e morte agressiva, do ponto de vista epidemiológico

era o que mais tinha de morte. Fui escolhido para a missão, mas exigi fazer um curso na FGV de administração hospitalar, dois anos de curso. Aí tive a apendicite e fiquei parado um mês ou dois, engordei muito, cheguei a 154 kg, era fumante e pneumologista, imagina! Então decidi primeiro emagrecer, fui para 117 kg em seis meses, mas fiquei edemaciado e nisso vi uma massa no fígado, achei que estava com adenocarcinoma, que foi o primeiro alerta. Fiz uma revisão da literatura e a sobrevida variava de 7 a 14 anos, eu estava com 56 anos. Resolvi então parar e ver o que faria da vida, uma revisão geral da cabeça. Comecei a perder peso, tinha emagrecido.

O grande cara da AP no Pará foi o Félix Coqueiro, eu não fui admitido pela AP, eu me imiscui e me infiltrei. A AP surgiu como uma necessidade de JUC, era o charme de esquerda não comunista, acabava sendo anticomunista e tinha uma visão anti marxista, a história da AP é isso, uma secularização política da teoria da libertação.

TESTEMUNHO 4

Ana Diniz

De aguerrida líder estudantil secundarista, passou a integrar a liderança do movimento universitário do Pará, por meio do qual chegou a ser eleita para a diretoria da União Nacional dos Estudantes. Acadêmica de Direito na UFPA, não concluiu o curso, mas manteve aceso o seu espírito de luta política, atuando em várias instâncias do movimento estudantil na luta contra a ditadura. Posteriormente ingressou no jornalismo até se aposentar e virar uma atenta e privilegiada crítica social por meio do seu blog na internet.

Eu conheci a Layse fazendo o vestibular para a Faculdade de Ciências sociais. Eu estudava no Santa Rosa e ela no CEPC. Passamos no vestibular e a convivência que tive com ela foi praticamente só nesse período, quando tivemos uma relação mais estreita. Fizemos o vestibular em 1963 e a matrícula na faculdade foi em 1964.

Éramos uma turma boa, a Edna Castro, a Layse, a Rute Castro, eu, a Violeta Loureiro, o Roberto Cortez que estava no segundo ano e o Samuel Sá que era também da nossa turma. Que eu me lembre o grupo mais próximo éramos nós, eu, a Layse, a Rute e a Edna, que formávamos um grupo de estudo. A Layse nesse ano teve um bocado de dificuldades porque ela já era professora e de nós quatro era a única que tinha trabalho regular. Por exemplo, na disciplina Estatística ela não conseguia frequentar as aulas porque coincidia com o horário de trabalho dela. E aí a gente conseguia a frequência dela, sem problema, e ela estudava a matéria conosco, em casa, pra poder dar conta, senão teria que sair do emprego.

Àquela época não havia flexibilidade, os horários eram muito rígidos na universidade, era tudo fechado. E nós estudávamos à noite e eu morria de rir porque a Edna se irritava muito porque a Layse, que

não comparecia às aulas, tirava as melhores notas de Estatística que nós todas. Nós é que passávamos a matéria para ela. Ela sempre foi muito aplicada, muito estudiosa e a Edna era muito mais estudiosa, ela e a Violeta estudavam direto.

Bem, a gente acabou convivendo pouco porque nesse ano eu fui pra UNE e a Layse ficou. E depois da UNE eu segui meu caminho, ela seguiu o dela e voltamos a nos encontrar em 1968. Antes disso, ao entrar para a faculdade em 1964, fui eleita para a secretaria geral da UNE e no final do ano eu fui desligada pela congregação da faculdade... eu já estava no Rio e provavelmente eles me deram desligamento por falta e não pela óbvia questão política. Eu só tinha direito, pela UNE, à passagem de ônibus e não poderia desempenhar o cargo morando em Belém, havia alguns vice-presidentes que moravam em seus estados mas eram só do Sudeste... e aqui eu seria alvo de tiro. Aí a Layse ficou aqui e custamos a nos encontrar.

Depois que eu voltei, em 1967, fiz vestibular para Direito, passei e foi o ano das ocupações de faculdades. Eu estava na faculdade de Direito e a Layse ainda na de Filosofia, ela atuava para lá e eu aqui, em Direito. Quando cessaram as ocupações, eu, na verdade, não fui desligada da faculdade, dessa vez eu não fui matriculada no segundo ano (risos) e também a Layse não conseguiu terminar o curso. Nós nos distanciamos porque naquela época a ocupação da faculdade de Direito foi uma “tourada”, foi muito pesada, muito mais do que a de Filosofia e a Layse lá e eu aqui na tourada de Direito. Assim, em 1968 fiz o primeiro ano de Direito e não fui matriculada no segundo ano. O Passarinho não queria dar o 477 e deu ordem para não matricular ninguém que estivesse para receber o decreto 477. Então o único que se matriculou nesse ano foi o Humberto Cunha, da Agronomia, mas porque ele ainda não estava no 477. Na ocasião, o diretor da faculdade era o dr. Lourenço Paiva, um homem muito bacana, um liberal e lembro dele me comunicando isso em lágrimas. Eu me senti até muito gratificada com a atitude sincera dele.

Depois disso, fiz um monte de coisas no jornalismo. Fiz de novo a faculdade de Direito, fui até o quarto ano, era sistema de crédito e eu fiquei devendo uns que eram ministrados pelo Tadeu Sales, que havia assassinado a mulher. Nessas alturas eu dirigia “O Liberal” e pedi a cabeça do Tadeu, que só foi julgado depois que se aposentou. Aí fui com o diretor do Centro para dizer que não aceitava ter aulas com o tal professor. A faculdade só me interessava pelo diploma, não pela profissão. Aí larguei a faculdade para não ter que cursar direito com o Tadeu, um cara naquela situação. Depois de se aposentar, ele foi julgado, condenado a oito anos, não cumpriu nenhum, o retrato do nosso judiciário!

Eu era da Ação Popular, militante da AP e aí saí da AP quando eles fizeram aquela opção marxista-leninista e todos os católicos saíram da AP, vinham da JUC, né? Quem sustentava a AP era a igreja, eu não diria que era a igreja mas, sim, a fraternidade. Eu acho que a AP acabou em 1969, logo depois do processo de ocupação das faculdades. Houve uma assembleia em São Paulo, eu não fui, quem foi daqui foi o Fernando Fiúza e quando ele voltou, chamou um por um para dizer que tinha sido tomada essa decisão e que era assim: ou você assume essa opção ou sai. Ele trouxe essa decisão.

TESTEMUNHO 5

Arnaldo Barreto

É paraense, engenheiro civil formado em 1980 pela UFPA e atualmente professor da UEPA no curso de Engenharia de Produção. Filho de imigrantes do Nordeste, nasceu em 1946 em Belém, concluiu o curso secundário no Colégio Souza Franco e o ensino médio no Ginásio Herbart. Em 1967 entrou na UFPA e em sua militância política, foi quadro de destaque da Ação Popular. Sua entrevista ajuda no entendimento do período e da luta vivida por Layse Salles.

Em 1967 entrei na UFPA e logo no primeiro ano me entrosei com o pessoal como Alberto Puty, Mário Lins, Antonio Fernando, Athos Botelho de Moraes e outros companheiros menos conhecidos como Paulo Boneff, companheiros de Serviço Social, como a Zinalda Castelo Branco, que depois foi esposa do Puty, a Margareth Moura, em Agronomia tínhamos contato direto com o Humberto Cunha, o Franco e o Holderley, na economia tínhamos o meu irmão Artur, o Lino, o Aleksei Turenko, o Tertuliano Lins, o Roberto Correa, tinha um grupo forte lá, na arquitetura tinha o Jorge Vaz, o Jorgito, de quem me lembro mais, na engenharia tinha ainda o Paulo Alcântara, vários em medicina como o Pina, a Rosely e a Lílian em Serviço Social, tinha um forte círculo de amizade e companheirismo na nossa organização política.

Fui militante e passei por todas as hierarquias da Ação Popular, até ser dirigente regional. Na AP daquele tempo, clandestina, o mecanismo de ingresso era por convite, nós convidávamos a pessoa a participar, quem estava na luta e se interessava nós convidávamos. Para isso mostrávamos as ideias, o que a organização pretendia e também os riscos das atividades e outros fatos que podiam ocorrer na militância

e que a pessoa devia estar prevendo, como ser preso, torturado. Nós colocávamos tudo isso e quem abraçasse a militância já sabia que estava correndo esses riscos. Esse era o nosso papel como dirigente da AP.

Eu entrei na AP por meio do Alberto Puty, que entrou na UFPA em 1964. Ele sempre foi bancário e o conheci no Banco Comercial do Pará, dos Carneiro, do Antonio Fonseca, Alexandrino Moreira. Com 16 anos eu entrei nesse banco como auxiliar de escriturário, minha fase pré-universitário e o Puty tinha uma atuação no Sindicato dos Bancários, ele era da oposição bancária e eu me juntei a esse grupo – foi minha iniciação política – e logo em seguida, quando ingressei na UFPA, o Puty também estava lá na Ação Popular e me integrei ao lado dele, que era um dos dirigentes da Ação Popular.

A minha vontade de resistir ao governo militar, protestar contra as condições da universidade, fomos contra várias medidas do governo como a questão da Lei Suplicy, a restrição de vagas, poucos professores, falta de laboratórios, eram aqueles cursos tradicionais só, era difícil passar no vestibular. Foi por aí, como eu já tinha uma militância sindical, em 1967 já não estava mais no banco, fiquei só no movimento estudantil. Em 1968 fui presidente do diretório acadêmico, quando as contradições se acirraram, o governo militar não atendia às reivindicações estudantis e cada vez mais a gente radicalizava. Foi quando houve a ocupação das faculdades, começou com Filosofia, depois foi a Química, Engenharia, Medicina. Nós sustentamos a ocupação das faculdade até ao afastamento do reitor, que ocorreu logo em seguida, quando o Costa e Silva chegou aqui, houve uma reunião aqui. Ele foi afastado definitivamente no final do ano de 1968, quem assumiu foi o Aloysio Chaves. Ele já estava ilegalmente por que tinha mais de 70 anos de idade, não podia pela lei da compulsória.

E com a entrada do Aloysio começaram a sair todos os diretores, os catedráticos antigos, na nossa escola tinha o Josué Freire, o primeiro a sair, assumindo o prof. Almir Alves e depois houve eleição e entrou o prof. Lima Paes. A Layse foi minha companheira de Ação Popular. Eu entrei na AP em 1967 via movimento estudantil. Eu acho que a AP não tinha célula bancária, o Puty atuava de uma forma mais lenta, mais devagar. A AP tinha várias células operárias, era oposição e tínhamos como referencial o Che Guevara e os teóricos eram o Regis Debray e outros que defendiam uma revolução mais humanista no sentido da miséria em que viviam as populações, humanista mas com um braço armado, nada de muita conversa, era bala mesmo nos caras. O Humberto Cunha era de AP, quando eu entrei na UFPA ele já estava na organização fazendo um trabalho na Agronomia com o Holderley que, se não me engano, é parente da Edna Castro. Era um grupozinho que fazia barulho por lá.

Eu conheci a Layse da AP e depois do movimento. Ela era do diretório acadêmico de Filosofia e dirigente da Ação Popular, ela e a Leda Barros, a Leda, a Coucerinha eram mais ligadas ao movimento operário, a Dolores foi logo embora. Em 1968 entrei no Banco da Amazônia e trabalhei até 1972 e sai de lá por causa de um processo que o banco abriu contra mim me acusando de ter emitido cheque sem fundos na carteira de depósitos onde eu trabalhava. Fui demitido por justa causa e no inquérito administrativo interno todo tempo a comissão enfatizava minha participação política, dizendo que eu tinha falsificado o cheque e retirado dinheiro para a subversão.

Eu simplesmente, com a lei da anistia, apresentei para a comissão os dados da perseguição política no BASA, para garantir a indenização. Fui ao Tribunal Regional do Trabalho, que me deu acesso e uma cópia do processo, que anexei ao meu processo da anistia. O relator analisou e

não teve dúvidas de dar parecer a meu favor, aprovado por unanimidade. Isso se deu em 2009. Estou brigando agora com eles porque querem me pagar a indenização em seis anos, sem nenhuma correção.

A Layse era uma excelente combatente nossa, responsável, participativa, preparada e nós conseguimos, nessa época, fortalecer bastante a Ação Popular, o nosso trabalho, abrimos frentes de trabalho camponesas, chegamos a apoiar o movimento camponês do Pará, conseguimos apoiar o movimento operário existente e criar nossas células dentro das empresas, algumas como a CATA, a Perseverança, onde tinha operários em situação de pobreza extrema, tinha um grupo que cuidava dessa área operária, e o movimento estudantil, onde a liderança mais expressiva daqui éramos nós, organizávamos as operações, as passeatas, as panfletagens, pichações éramos nós que fazíamos e na época tinha o nosso grupo e o grupo do PCB. O PCB era aquela linha que eles seguiam.

Algumas organizações religiosas aqui ajudavam por serem contra a ditadura, como os padres franceses da Marambaia, os holandeses da Santa Cruz, na Sacramento e alguns outros padres, como o padre Raul, da Casa da Juventude. Tínhamos boa penetração na Igreja Católica.

Fiquei até o final da AP do Pará passar totalmente para o PCdoB. Aqui em Belém quem criou o PCdoB fui eu, porque na época em que houve a passagem de um para outro, o Paulo Fonteles estava preso, a Layse tinha ido para o estrangeiro, o Fiúza estava em São Paulo. As lideranças, a cúpula daqui estava toda fora e nessa passagem vieram os companheiros da Bahia, eram conhecidos como Ari e Rosa, vieram de lá para assumir aqui o PCdoB mas já tinha sido criado e eu era o dirigente.

Nessa época em que houve o meu problema no BASA passei a ser seguido pelos órgãos de segurança e foi quando me afastei do PCdoB por questões de segurança. Assim, o Ari e a Rosa assumiram e continuaram por aqui, depois já em 1975/1976 eu voltei para a militância.

O caso da ida da Layse para Belo Horizonte em 1969 foi uma decisão nossa. Estávamos muito visados, ela também e nessa época houve uma situação de muita repressão ao movimento estudantil, foi a época da queda do Congresso da UNE, houve muita gente presa. Também estava havendo muita carência de militantes na Ação Popular e foi quando deslocaram alguns militantes, o Fiúza foi mais cedo, em 1968, para o Nordeste, a Layse, o Paulinho e a Hecilda foram para o sul, uns para Brasília e outros para BH, mas por decisão interna de Ação Popular. O objetivo era ajudar lá, não era tirar daqui não, ajudar não, refazer o grupo lá que estava desarticulado. Depois eu soube que ela encontrou o Tiago, que a ajudou muito, o Humberto Cunha, a turma lá. Mesmo assim, ela se viu numa situação difícil e acabou viajando para a Holanda e lá se fixando.

A carta que ela mandou se desligando deve ter sido enviada para alguém de lá, da AP de lá e não aqui do Pará. Ela não tinha mais nada a ver com o Pará, estava subordinada à AP de lá, não tinha mais nada aqui com a gente. Ela deve ter entregue essa carta a alguém de lá, a não ser que ela tenha viajado para cá, porque era tão difícil uma comunicação com BH na época. Assim, ela pode ter mandado por alguém da direção nacional de AP, alguém que viesse mais frequentemente aqui e essa pessoa, quem sabe, nem trouxe a carta para cá.

Enquanto ela viveu na Holanda nós não tivemos contato, apenas uma vez no Rio fui informado de que ela tinha passado por lá mas acho que nem falei com ela. Na passagem para o PCdoB, seguimos juntos praticamente todos os que estavam na época. O Amílcar Ximenes, já o Romero foi mais simpatizante do que militante da AP, ele praticamente seguia nossas orientações políticas. Para essas mudanças as discussões vieram desde 1967, se devia ser comunista ou não, se era marxista-leninista ou não. Assim, em um congresso ficou decidido que a AP

passaria a ser Ação Popular Marxista-Leninista. Aí em 1968 já era APML, muitos militantes de AP saíram por não concordarem com a alteração. O pessoal que era mais religioso, muito ligado à igreja.

Quando foi no final de 1969/1970 é que houve o congresso da APML que discutiu a fusão com o PCdoB, a discussão interna foi final de 1968, quem passaria, quem ficaria, se seria extinta, aquela confusão toda. Aí venceu o grupo que defendia a fusão com o PCdoB. e o partidão já tinha feito o acordo de bastidores. Sobrou para a AP e outros grupos de esquerda. A AP era clandestina e cheguevarista, defendia a teoria do foco. Atacamos o consulado americano, incendiamos o USAID, queimamos a bandeira americana. Fui várias vezes a reuniões e assembleias lá na Filosofia, e em algumas reuniões estavam lá outros militantes, de outras faculdades. Numa dessas reuniões dirigidas pela Layse, o Jader chegou lá, queria falar e não deixaram ele falar. Ele era meio ligado ao partidão.

TESTEMUNHO 6

Edna Ramos Castro

Socióloga e professora da UFPA, Edna Ramos de Castro participou das lutas desde o movimento estudantil – ainda na adolescência – passando pela militância política como estudante universitária, pela regularização da profissão de sociólogo, em defesa do ensino público gratuito e enquanto intelectual vinculada à Universidade Federal do Pará. Esteve entre os fundadores da Associação Regional dos Sociólogos. É estudiosa de problemas amazônicos, com inúmeros trabalhos publicados oriundos de pesquisas feitas em especial no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos.

Conheci a Layse no Colégio Estadual Paes de Carvalho, onde cursei o último ano do Clássico. Estudei todo o ginásio e o científico voltado para as Ciências Humanas, no Colégio Santo Antônio. Meu interesse pela política nasce aí pois não sei como me tornei presidente do grêmio do Colégio Santo Antônio, e junto com Fátima Carneiro, Eunice Penner, Telma Cidade e Lucy Penna editávamos um jornalzinho chamado A Clareira. Deixei este colégio por causa do meu envolvimento na política, era um momento de descoberta do movimento estudantil e acabei me apaixonando pelo ambiente político encontrado na União dos Estudantes Secundaristas e lembro que me incomodava muito não poder repercutir toda essa experiência intensa no colégio, com insucesso e mal estar em todas as minhas investidas nesse sentido. Consegui uma transferência, no terceiro clássico, para o Colégio Estadual Paes de Carvalho, o famoso CEPC, onde encontrei a Layse, uma alma inquieta como a minha. Na mesma turma, um encontro que jamais pensaria que atravessaria os tempos. Eu a via como um personagem dividido entre a paixão em conhecer e atuar e a tensão e o medo dos pais, com muitos limites de movimento, com horas certas para chegar em casa,

pela restrição de circular em bairros e ruas da cidade fora dos trajetos permitidos pelos seus pais. Lembro também que dizia a ela que isso não era possível, eu não entendia tamanho controle. Quando conheci seu pai, entendi melhor os medos de minha grande amiga.

Eu adorei estudar num colégio leigo, público e não sexista como a maioria, notadamente religiosos. Era um momento de Teatro de Arena no Rio, com um trabalho quase pedagógico de “conscientização política” e de crítica à sociedade brasileira escravocrata. O Arena canta Zumbi deixou marcas relevantes nesse período. Através do movimento estudantil eu conheci estudantes politicamente engajados, seja em colégios públicos como CEPC e o IEP, seja de outros colégios confessionais. Apreciava os discursos vindos do Paes de Carvalho, lideranças fantásticas como o Marinho, o Zé Carlos, o Coelho, a Lana, a Maria Elvira, a Margarida e a Fialho, e acredito que eles ajudaram a definir minha trajetória crítica diante da vida social. Fui para a única turma do Clássico conhecida por abrigar alunos e professores de alto nível. Lá eu conheci a Layse, no primeiro dia de aula. Estávamos sentadas na primeira fila, e quase naturalmente nos identificamos, talvez pela timidez e desconforto em nossa situação de fronteira, marginal. Mas logo conheci outros colegas fantásticos, o Nonato Braga, o Danilo, a Vitória do Carmo, a Marlene, o Marinho, o Cabeça, a Marcionila Coelho. Também porque nós, Layse e eu, tínhamos uma coisa em comum, fumávamos na hora do recreio, a gente ia lá pro “fumanchu” e lembro da liderança da Nana nesse espaço, ali o colégio era escancarado com muita ironia ... éramos muito críticas, do ponto de vista de romper com certa ordem social, de se mostrar diferente, incomum, e reforçar a imagem de mulher independente, irreverente, de questionar o proibido, e o cigarro era esse símbolo comum de afirmação feminina.

A Layse tinha um horário pra chegar em casa, talvez fosse lá pelas seis da tarde, implacável o controle de seu pai. Quando as aulas terminavam mais cedo íamos a algum lugar diferente, mas naquela hora

da volta ela ficava desesperada para não chegar em casa atrasada... de minha parte, eu não tinha horário rígido, já era do movimento estudantil, e da Juventude Estudantil Católica/JEC.... desde o final do ginásio, eu já participava dessa rede de formação política sob influencia da ideologia da libertação, certamente limitada, mas encontros semestrais, locais e regionais. Um desses encontros, no Colégio Santa Rosa, nós levamos para dentro do movimento o debate do movimento estudantil, que era bastante politizado, sobre o ensino público e as reformas no país. Outras questões, também, como o sexismo nas escolas; a gente contestava um ensino alienado que não discutia o que estava acontecendo no mundo, era um ensino para formar pessoas para dentro dos muros, com olhos vendados para a realidade da pobreza, da fome, da desigualdade, a miséria no campo, e o enriquecimento. Enfim, um quadro pincelado sobre a questão social no Brasil que estava visível nas suas ruas. Nesses Colégios confessionais não se sabia de nada pois era uma educação vazia, protegidas por redomas imagiárias. A JEC, influenciada pelo movimento estudantil, se politizou bastante e trouxe o debate político para dentro dessas escolas.

O ensino público, bandeira das mais caras no debate sobre as reformas educacional, deixou como um legado o ensino público fundamental e médio, universal e gratuito, no Brasil. O que estava acontecendo no movimento estudantil era um movimento político que se manifestava no Brasil inteiro através da liderança da UNE e das Uniões Estaduais que replicavam com maior ou menor intensidade. A do Pará era com grande intensidade porque tinha lideranças importantes que tinham interesse em reconquistar os colégios confessionais para dentro do movimento. Nesse contexto de luta conheci muitas colegas finos na análise de conjuntura. E outros como a Ana Diniz que estudava no Colégio Santa Rosa, natureza contestadora e polêmica, a Maria Helena Bastos, a Terezinha e outras de colégios diversos.

Fiz Ciências Sociais, na UFPA, um curso inexpressivo para a maioria, pois se a sociologia já era mais ou menos conhecida no sul/sudeste do Brasil, era desconhecida em Belém. Layse queria seguir Letras... , mas logo fez vestibular para Ciências Sociais. Eu passei mas a Layse, não. Ficou arrasada mas houve nova chamada do vestibular porque as vagas não foram preenchidas. Não tenho muitas lembranças da Layse em sala de aula porque ela entrou um semestre depois, fizemos poucas disciplinas juntas, mas estavam sempre conosco o Samuel Sá, a Marlene Machado, o Lisbino Garcia, a Marilu, a Denise e a Ednéia, entre outros.

Da JEC fui pra JUC e daí para a Ação Popular/AP...o pessoal mais ativo da JUC era da AP...e houve a passagem de muitos para o PCdoB, como o Fiúza de Melo, a Leda, Margarida, a Maria Elvira, a Fialho, a Dolores Bahia, que lembro. A JUC era uma frente católica que reunia militancia com algumas tendências políticas diversas. Mas as tendências do movimento estudantil, maoístas, comunistas, pecebão, e seu racha, o PCdB, e ainda, Libelu, anarquistas... enfim, era mais ampla. A repressão da Igreja foi terrível, exilando, penalizando e empriionando dentro da própria instituição os padres mais a esquerda.

A AP era uma “frentona” que se alimentava do pensamento revolucionário da igreja, que na verdade era conservador e colonial. Havia exceções como o Padre Diomar, francamente marxista e revolucionário, deslocado compulsoriamente e enlouquecido pela Igreja durante a Ditadura. Mas a teologia da libertação se formava, se alimentava do pensamento marxista, então toda a discussão da alienação, da destruição do sujeito, da falta de autodeterminação dos sujeitos sociais, permitia um bom debate. Hoje poucos grupos conseguem estar nesse mesmo patamar de uma reflexão avançada porque se tratava a utopia de construir o espaço da libertação do espírito, do pensamento, da opinião pública, das lutas sociais...então deixar de se alienar é tornar-se um sujeito consciente do seu tempo, do seu papel, da história, dos problemas políticos e econômicos do país e portanto um sujeito da história. Ele

podia mudar a história. Isso acena ainda como pensamento avançado porque ele está formulando uma crítica social, a crítica que vinha da economia política marxista...eles achavam que os indivíduos tinham que ser sujeitos da história, eram agentes de uma transformação social em nome da democracia, em nome da libertação, em nome da constituição desses sujeitos etc.

O sujeito histórico é aquele que transforma, aquele que age, aquele que não se acomoda, sai da passividade e diz: todos tem direito ao direito, a comer bem, à saúde, à moradia digna e nós éramos convocados a construir essa história. Esse pensamento estava no movimento universitário mais avançado e estava nos fundamentos de uma convergência porque é um pensamento muito forte que atraía inclusive maoístas...também temos de lembrar que nessa época já tinha havido a revolução cubana e esse debate estava na América Latina, no Brasil e em outros países já golpeados por ditaduras ou sob ameaça de golpes militares. Mas na AP havia pessoas também com mentalidade atrasada, colonialistas, legalistas e apoiadores do Golpe. Uma elite católica conservadora permeada de lutas internas mais progressistas.

Após o Golpe, quando estávamos tentando recompor o movimento estudantil, a Igreja declara, nacionalmente, retirar seu apoio de qualquer forma organizacional. Mas houve rearticulações, uma corrida para a AP e depois uma parte para o PCdoB, e para o Partido Comunista. A discussão de partido político de esquerda naquela época era muito difícil, muito complicada. E quando nasce o PT a AP vai para o PT. O Lula vem do sindicalismo mas tem muita gente ao lado de Lula que é muito próximo do pensamento da de AP... a tendência do PT talvez mais moderada porque os sindicalistas vieram rompendo com uma luta, que era uma luta sindical muito fechada, e que se constrói diferente, se aproxima em certos pontos de várias tendências, namora com elas, mas tem uma certa independência, se constrói em certos nichos como diferente... então a formação do PT teve muito do braço intelectual de

várias tendências, entre elas a AP. O PT foi uma grande frente dessas diferenças políticas.

A trajetória de militante da Layse não passa pela igreja, chegou perto da AP na faculdade, ela não teve, digamos, uma militância organizada, estruturada antes da Universidade, ela tem um caráter contestador, crítico que se desenvolve sem estar, necessariamente, numa estrutura política. Falava-se na época: era ampliada! É na Universidade que ela desperta, toma consciência, fica fascinada. e se torna militante e líder. E a história de sua clandestinidade tem a ver com um momento de maior inflexão nessa liderança, já filiada ao PCdoB.

Nosso apartamento da Braz de Aguiar, nos anos de chumbos pós AI5, virou um aparelho clandestino de reunião onde frequentavam pessoas como o Fiúza de Melo, a Leda, o Bosco, o Monteiro, a Maria Elvira, a Layse,.. local fechado, calor, fumaça, reuniões que varavam a madrugada. Discussão séria sobre a revolução brasileira, as teses, as estratégias de tomada do poder. A Leda era a fiel da balança, intelectual, equilibrada, firme nas decisões. E lembro da Layse já clandestina perguntando à Leda: quanto tempo falta para começarmos a revolução? Claro que sem resposta.

Essa era a vida da Layse, já na clandestinidade, trocando de casas de amigos onde passava duas, três noites, com frequência, alta segurança para participar de reuniões, a tensão, a coragem e a determinação no seu semblante. Chegou a ser incorporada à Guerrilha do Araguaia. Viajou para a área, permaneceu e foi treinada, mas acabou retornando e a partir daí seguiu na clandestinidade para Minas Gerais. Na faculdade a Layse passou a se articular com as redes do movimento, com os presidentes de outros diretórios acadêmicos, muito próximo de Medicina, do faculdades próximas de algumas quadras, na Avenida Generalíssimo... e o pessoal de Medicina estava com forte articulação com o pessoal da Química e conclusão: ela entrou nessa rede do movimento e passa a transitar e fez na Filosofia uma ponte da rede da AP e depois do PCdoB.

A Laysse recebia informações, as estratégias que deveriam ser desenvolvidas na parte política que ela participava na AP e depois do PCdoB e ela aplicava isso na universidade; e como ela era uma pessoa assim determinada e de certa forma e pouco maleável, ela vinha com a ideia na cabeça, e ai chegava lá e reunia aquele grupinho, dizendo o que precisava ser feito. Tinha que fazer e acontecer e ela conseguia fazer isso devido a personalidade dela. Me lembro que a Laysse já era do ME mas ainda não era presidente do Diretório – acho que eu estava no último ano – e queriam fazer eleições na universidade. O Ministério da Educação queria que todos os DA das universidade de todo o Brasil tivesse um presidente eleito pela lei que eles criaram, uma lei de exceção, autoritária, que atrelava os Diretório Acadêmico ao Estado...e o movimento estudantil reagiu dizendo que a ordem era não deixar ter eleições, não deixar sair uma diretoria eleita.

O prof. Moreirinha Jr. e o Prof. Napoleão coordenavam a eleição e o eleito tomava posse e legitimava o processo, legalizava a dominação do estado sobre o movimento estudantil... e o movimento tinha já suas lideranças, seus presidentes, não precisava um papel para isso já que os estudantes o reconheciam, a gente fazia as nossas eleições e não queríamos presidente eleito em eleições presididas pelo reitor, pelo estado. Nós conseguimos anular uma a urna as várias tentativas da direção da Faculdade de Filosofia. Marcavam nova eleição e o movimento nacional orientava as estratégias de anulação..veio uma ordem da rede para incendiarmos a urna. O Walter Bandeira estava entre um deles, junto com uma da direção de AP. O pessoal de Química conseguiu um pó que fazia incendiar o papel do voto já dentro da urna, pela falta de ar no ambiente. Houve um principio de incêndio nos votos, muita confusão, mandaram o problema para a congregação... a Laysse estava lá participando. O movimento era pequeno mas era vencedor, ativo. Várias faculdades, nem todas, mas muitas sob a liderança da AP tiveram sucesso na anulação dessas eleições. A Laysse ampliava

para além da tendência porque sempre teve esse espírito aberto e o compromisso com o que deveria ser feito...e ela acreditava nas pessoas e apesar da situação da repressão ter piorado ela estava num movimento de ampliar e enquanto outros diretórios diminuía a quantidade de pessoas que apoiavam, ela conseguia ampliar. Daí o sucesso, quando ela foi presidente, dela ter conseguido ocupar a faculdade... eu não estava mais na faculdade mas fiquei dando apoio para o movimento, eu sai da estrutura mas não sai do movimento e às vezes nem o Zé Carlos sabia disso, da minha movimentação política, porém eu fiquei dando suporte pro movimento de uma forma clandestina. Eu estava junto com os colegas, distribuindo panfleto na porta da Fábrica Textil Cata, na Estrada Nova, na saída dos operários do turno da noite. Era madrugada e Leda, Couceirinho, Monteiro, Bosco e eu fomos perseguidos e caíram presas as companheiras Leda e Couceirinho que ficaram quase um ano no Presídio São José. Nós saímos em correrias por ruelas e estivas. Uma série de outras ações que participei, muito perigosas pois já éramos muito poucos, sem recursos e uma repressão pesada. E veio o nascimento de meus filhos que me levaram a repensar essa forma de militância, naquelas condições. Acho que esse processo foi relativamente comum, estratégico, entendendo que a história continua, e os processos de luta insistem, até hoje, na necessidade de engajamentos coletivos na construção de direitos e da democracia.

A Layse é uma construtora desse país, de ideais e de trajetórias que marcaram a história de uma geração que não se negou a lutar por ideais de um mundo melhor e mais justo. Depois eu achei corajosa a ida da Layse para a Holanda, ela estava apostando a vida dela, tomou a decisão como eu tomei porque ela tinha que cuidar da vida pessoal dela, outros não cuidaram e hoje se arrependem, ela deu o que tinha de melhor para o movimento, foi importante o papel dela, ela como muitos outros dedicaram anos e anos da vida para construir um Brasil melhor... o que o PT fez aglutinando forças para conseguir fazer mudanças

no país, pelo menos nos 10 primeiros anos de sua existência, que não era como o PT de hoje, mas um PT de oposição, que nós ajudamos a construir, então ela teve um papel muito importante como eu e muitos outros na construção de um pensamento, só que ela foi mais importante porque teve engajamento que foi ao extremo, ela teve a ousadia de ir ao extremo, que é a clandestinidade. Se você está na clandestinidade você está no fio da navalha, pode a qualquer momento ser preso, desaparecer, ser torturado, morrer, você está sozinho, realmente no limite, só! E eu acho que essa solidão na política é terrível, ela teve a coragem de ousar e felizmente encontrou o Thiago, foi o grande encontro da Layse, em meio dessa adversidade enorme e de desesperança também, porque era uma angústia que ela estava produzindo, sem saber pra onde ir. Quando ela decidiu ir achei que estava certa porque, acima de tudo, a gente tem responsabilidade com a gente como pessoa. É a responsabilidade de se constituir como sujeito pela vida privada e não numa vida pública, porque fica um vazio psicológico, um vazio de integridade consigo mesmo.

Nesses 31 anos nos encontramos várias vezes. Ela me escrevia, eu tinha notícias dela por meio das irmãs e eu fui fazer o doutorado na França, em 1977 e passamos a nos visitar. Ela vivia próximo a Amsterdam e eu em Paris com o Zécarlos, e meus filhos Jorane e Carlos Potiara. Ela com 3 filhos e eu com dois mais ou menos das mesmas idades, que se tornaram companheiros e parceiros de brincadeiras nos feriados prolongados quando viajávamos juntos, ou na Colônia de Férias que passavam, mesmo sem falar a mesma língua. Coincidência, enquanto eu milhava em movimento feminista e ecológico na França do início dos anos 80, Layse estava engajada em outros movimentos políticos, partidário e de mulheres, frequentando a organização em torno do Café de Mulheres, na Holanda.

A partir de um certo tempo ela e o Thiago vinham com certa frequência à Belém e depois fixaram residência por 10 anos nessa cidade que alimentou em todos esses anos como o seu melhor sonho, o retorno.

TESTEMUNHO 7

Valdecyr Manoel Afonso Pathares

Formado em Medicina pela UFPA

Nasci em 3 de janeiro de 1945 em Bebedouro-SP. Ingressei na Faculdade de Medicina do Pará em janeiro de 1969, quando a faculdade completou 50 anos de existência. A primeira vez que vim pra cá foi em 1967, mês de agosto. Fiz o cursinho em Ribeirão Preto e passei aqui em 1969. Eu morava numa república estudantil, em frente ao Pronto Socorro Municipal. Em 1967, quando vim, havia um movimento estudantil e a nossa república era muito frequentada por estudantes, era um ponto que atraía muito gente, pois a faculdade era perto.

No começo nós nos reuníamos com o pessoal do Rio e São Paulo, os anarquistas tinham um sítio em Mogi das Cruzes. Fizemos em São Paulo a campanha do voto nulo, em 32 cidades paulistas, em plena ditadura. Aqui não havia o anarquismo, mas a gente começou a apoiar o movimento de esquerda existente. O Zé Carlos Castro, a Edna, a Célia Moraes e a Layse eu conheci em 1967, já naquele primeiro momento. Era no movimento de panfletagem contra a ditadura, eles organizavam ações e eu participava, eu nem era daqui, não conhecia nada.

Então a gente acompanhava as lideranças locais do movimento contra a ditadura, apoiava, mas nós éramos a favor da liberdade, e pronto! Teve o golpe militar, fomos imediatamente contra, até porque os anarquistas foram muito perseguidos pelo Getúlio. Boa parte dos anarquistas que lideravam no Brasil tinham vindo fugidos de Franco e Salazar. Chegamos aqui e quem lutava contra a ditadura? Era o movimento contra a ditadura, que era também a nossa bandeira.

Hoje eu sei, naquele tempo eu não sabia e dá pra entender a história do Jader (Barbalho). Quando veio o golpe militar, o pai do Jader trabalhava nos Correios e ele adulterava as cartas do povo pobre que mandava dinheiro para os parentes. Ele roubava esse dinheiro e foi preso pela ditadura. E era envolvido com o Magalhães Barata praticamente o pessoal corrupto, sempre. Então ele estava na oposição porque a ditadura prendeu o pai dele e o que aconteceu? Ele que vinha de movimento estudantil, estudou no Carmo, mas só conta a história dele no Paes de Carvalho, ali ele se projetou e usou isso.

Retomando a história: em 1968 vim de caminhão para cá, gastamos onze dias de viagem. Quando cheguei para fazer matrícula no vestibular, havia duas coisas com as quais não concordávamos: primeiro era a taxa que se pagava para fazer a prova de vestibular, achávamos que a universidade sendo gratuita não cabia aquela taxa.

Reunimos e procuramos a Layse, que era presidente do centro acadêmico e ela nos deu todo o apoio, tanto é que naquele ano não teve taxa, conseguimos abolir. Segundo, era a obrigatoriedade, para os homens, do uso do terno e gravata. Foi a outra luta e conseguimos abolir. Nós reunimos lá nos fundos da Faculdade de Filosofia para planejar as ações. O diretor da faculdade, Napoleão Figueiredo, chamou a polícia e a Layse alertou a todos para a fuga, a fim de evitar a prisão. Mas a Layse gritava: “abaixo a ditadura” e o pessoal correndo, pulando o muro... Aquela luta era contra a taxa e o paletó. Aí a Layse me colocou para coordenar os contatos com o reitor Silveira Neto. Foram duas vitórias naquele ano de 1968. Isso aí foi um fato marcante na minha chegada a Belém.

Quando entrei na universidade, ele tirou a taxa do vestibular, mas criou a taxa de matrícula. Voltei ao reitor para tentar derrubar essa também, o Domingos Silva era o diretor da faculdade. Aí na faculdade tive que trabalhar para me manter e fui dar aulas. Acabei me aposentando como professor, depois de 38 anos de atividade. Fui operado das cordas

vocais duas vezes, de tanta aula que dei. Me formei em 1975. O Edson Luis, o estudante morto no Calabouço, no Rio, é parente da Edna e da Ednéia, a mãe do Edson Luis era prima da mãe da Edna Castro. Ele foi estudar no Rio de Janeiro, não era militante político. Quando ele morreu houve desdobramento e eu estava em Ribeirão Preto e participei de atos em protesto pela morte.

Quando entrei na faculdade, já eram outras lideranças e a repressão se agudizando e eu me hospedei, com o Horácio Scneider, na casa do Estudante Universitário, na rua 16 de Novembro. Numa noite encontrei a casa invadida por soldados da Aeronáutica, que nos levaram presos. Lá um oficial disse para o colega: olha, esses aqui são anarquistas, para eles o Mao Tse Thung é de direita. Aí ficamos no arquivo deles como perigosos, mas logo fomos liberados.

O que diferenciou, por exemplo, a ditadura do Brasil da Espanha e de Portugal ou do próprio Estado Novo de Vargas, foi que aqui não foi a ditadura de uma pessoa, no período; foi de uma instituição do governo, da república que era o Exército. As outras forças, Marinha e Aeronáutica, foram coadjuvantes, tanto que nunca fizeram o Presidente da República. A ditadura foi do Exército. Aí chegou o AI-5, foi quando eles começaram a matar pessoas, a prender de qualquer jeito, prendiam estudantes até em sala de aula. Eles me perguntaram, na Aeronáutica, como é que eu ensinava o anarquismo. Respondi que nas escolas onde trabalhava eu era pago para ensinar Biologia. Já o anarquismo eu ensino de graça, mas fora da escola.

TESTEMUNHO 8

Rosyan Caldas Brito

Assistente social formada pela UFPA, foi dirigente do diretório acadêmico da Faculdade de Serviço Social e participou ativamente do movimento universitário na sua luta contra o regime ditatorial de 1964. Profissionalmente atuou na imprensa e desenvolveu carreira como técnica do IDESP, onde chegou a ser diretora-geral.

Imediatamente me integrei ao movimento estudantil, acabei sendo presidente do Centro Acadêmico de Serviço Social, mas já foi na época do pós-golpe, teve o recesso imediatamente após o abril de 1964. Os militares invadiram e fecharam a União Acadêmica Paraense/UAP, eu estive na UAP até as 17h e alguns minutos daquele dia fatídico.

Depois a gente acabou assumindo o centro acadêmico e depois fui da UAP. E aí nesse momento, imediatamente no pós-1964 é que eu tive um contato mais direto com a Layse, foi o meu primeiro contato. O nosso contato mais intenso começou depois do golpe de 1964, no intervalo entre o golpe de 1964 e o AI-5 de 1968, o movimento ainda teve uma sobrevida larga, intensa. Assim, por conta da UAP, a gente ia muito ao Centro Acadêmico de Filosofia e a Layse tinha um papel lá proeminente na agitação estudantil e com esses contatos se iniciou o nosso relacionamento.

É curioso, mas nesse período que antecedeu o AI-5 o movimento estudantil ficou ainda com a sobrevida, agitação, houve a tal esquerda festiva que começou a surgir, que era um mecanismo de escapismo que eu acho que o grupo político conseguiu para se reunir com mais frequência nas festinhas, encontros e essa coisa prolongou a sobrevida do movimento incipiente ainda. Depois do AI-5 as coisas começaram a ficar verdadeiramente difíceis. Nós tivemos muito contato ainda mas os grupos políticos foram confrontados pela ditadura, pelo menos

dispersados, eu diria assim e foi nessa época que já havia sido criada a AP (a Ação Popular) a raiz dela que eu me lembro, pelo menos aqui em Belém, foi da JUC.

Quando a gente começou a participar tinha ligação muito forte com o padre Artêmio, que fazia muitas reuniões, e com o acirramento da repressão a AP acabou indo no sentido da clandestinidade. Eu cheguei a integrar a AP e me distanciei, na verdade, quando houve a opção oficial do partido pela clandestinidade, isto é, ou você optava por uma prática revolucionária e clandestina ou você no máximo se desligava ou, no máximo, ficaria como simpatizante, dando uma retaguarda.

A Layse fez uma opção pela clandestinidade, na época, e eu continuei o meu trabalho, tinha começado no Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará/IDESP, em 1968, cheguei a trabalhar na Província do Pará, esbocei uma tentativa de adaptação que era o meu grande projeto de vida, trabalhar em jornal. Cheguei a trabalhar lá na época mais acirrada, mais aguda da repressão, daquela interferência quase cotidiana dos decretos, dos mecanismos de repressão que frequentavam diariamente o jornal. A gente publicava uma matéria e eles “despublicavam”. Fui repórter mesmo, trabalhei com a Ana Diniz e acabei ficando por aqui, num grupo que foi viver outra trajetória, eu posso estar fazendo alguma confusão nessa cronologia mas o fato é que a gente foi se distanciando um pouco.

Na época em que eu fui da UAP, o presidente era uma pessoa da AP, que era conhecido pelo nome de Paulista, vou ter que resgatar o nome dele, ele foi presidente logo depois do Pedro Galvão, a primeira diretoria após o golpe, o Paulista era o presidente e eu era a tesoureira. O Fiúza, outro da AP, era uma pessoa com quem eu tinha uma relação frequente, com ele e a mulher dele, a Margarida. Eu me lembro que ele teve um papel de destaque, ocupava cargo de direção, era do Centro Acadêmico de Medicina e depois passou a ter um espaço importante dentro da AP, organizando as reuniões, era muito ativo. A Margarida era

de Agronomia. Ocorreu até um incidente que eu quero relembrar com o Fiúza, numa das últimas manifestações de rua, ali em frente ao Palácio do Rádio. Eu estava junto com ela, reagi a uma agressão de um policial e como ela estava ao meu lado, pensaram que tinha sido ela e a arrastaram presa e eu me livre. A partir daí eu fiquei dando um apoio logístico, digamos assim, para o pessoal da AP e tinha contatos frequentes com várias pessoas.

Antes do AI-5 a AP ainda não estava na clandestinidade, mas fazia reuniões mais estratégicas, me lembro que fizemos algumas na minha casa, eu morava na Cidade Velha, atrás da igreja de São João e numa das reuniões, tinha umas 8 ou 9 pessoas, inclusive o Fiúza, a Elisa Sá, ela participava mais das reuniões de direção, das discussões. O Fernando Coutinho Jorge era simpatizante do bloco do PC, o Carlos Sampaio, o Aleksei Turenko tinha um trânsito muito grande no movimento, grande figura. Teve a ocupação de faculdade em 1964. E teve a de 1968, no apogeu do golpe. Culminou com o AI-5, o fechamento, foi aí que a AP se articulou em outro partido também, mas pelo caminho da clandestinidade e tiveram que fazer uma composição, isto é, algumas composições e até onde eu sei teve um momento em que racharam, a própria AP rachou, uma parte foi para o PT, já pra pensar na legalidade, uma parte ficou no PC e outra no PCdoB. A parte mais radical ficou ligada ao PCdoB. Foi quase simultâneo porque aprofundou o marxismo naquela altura e onde concluiu que o caminho não podia ser o da legalidade.

Em termos de história, a AP teve uma vida curta, mas com um papel decisivo, diferente do PC, que tem longa história. Mas até hoje a AP deixou marcada sua posição. Você coloca algumas pessoas como o Zé Dirceu, que era ligado ao Pecebão e o Serra, mais ligado à AP, hoje você tem mascarado um pouco a raiz dessa história aí, dessa malquerença, talvez, do PSDB com o PT, não sei se a gente pode dizer isso, sei que isso criou uma certa animosidade dentro da própria AP onde as pessoas

todas eram amigas, tinham a mesma origem política. Havia entre nós um clima de vibração, de descoberta do mundo, de fazer discussões sistemáticas, muitas reuniões na minha casa, como já falei e lembro que eu tinha uma prima que ela andava dedurando a gente e eu não sabia, então qualquer movimento que eu fazia era descoberto, eu tentava dar guarida para essas reuniões na minha casa e daqui a pouco todo mundo já sabia. Ela ajudava o meu pai e minha mãe a me pressionarem para acabar com isso, “larga essa vida, menina” e isso tudo.

Lembro de uma reunião, quando estávamos já sobressaltados com a repressão política, lá no *Telégrafo*, não sei se a Layse estava nessa e cada um de nós que se dirigia ao local ia com um certo guarda costas, o maior cuidado, para descobrir quem estava dedurando a gente. No fim acabei descobrindo que, sem querer, eu era a ponte por causa da minha prima. Já que eu não tinha outra opção eu queria dar um apoio logístico para as reuniões que cada vez mais se tornavam secretas, clandestinas, até ao ponto em que vi que não dava mais para mim.

Aí me afastei e segui outro caminho. Eu estava anotando uma certa cronologia para lembrar como eu relataria isso. Primeiro eu chamaria de fase da agitação precoce, os primeiros contatos que a gente teve no movimento estudantil, que era todo mundo querendo a mesma coisa e até a formação da AP que oficializou mesmo e que foi no período que anotei aqui de pós-JUC, tendo como raiz a JUC.

Depois, outra fase que foi da radicalização do movimento até o AI-5, em 1968, quando surgiu a opção pelo caminho da clandestinidade, assumida por uma parte da AP e outra parte ficou na área urbana dando apoio logístico e eu fiquei mais ligada a esse grupo. A AP foi para o campo, a Dolores Bahia é uma pessoa que foi viver como camponesa, nós passamos mais de dez anos sem ter notícia dela, se estava viva ou não, ela foi nossa colega do IDESP logo que o órgão surgiu e depois do engajamento dela na clandestinidade ela sumiu, a família dela foi perseguida, a irmã dela, Nazaré Bahia, foi presa.

O IDESP surgiu em 1966 e acho que fui uma das primeiras funcionárias, iniciando como estagiária. A Dolores também, era do mesmo grupo, a Áurea, a Leda Barros, da área de Pedagogia, ela também foi do IDESP e a Dolores sumiu por dez anos, até que, com a proximidade da anistia, a gente voltou a ter notícia dela. Eu dei muitos dados, do IDESP, para o processo dela. A Leda Barros é personagem muito importante também, ela chegou a ser presa junto com a Couceirinho, acho que isso foi logo depois do AI-5. Eu saía muito com ela para fazer pichação, eu dirigindo o carro à noite, fazíamos muita pichação, varávamos a madrugada com essa confusão. Felizmente nunca fui presa, nunca coincidiu. Mas elas caíram e um dia foram presas. Ficaram quase seis meses no Presídio São José. Ela e a Couceirinho, a Lourdes Couceiro, irmã da Teresa Couceiro, a grande mestra Teresa, a Maria Virginia, elas se revezavam na direção do curso. E nós éramos da banda delas, a outra banda era a banda conservadora.

Voltando à cronologia, anotei que depois viria a questão da radicalização do movimento com o AI-5 e o caminho da clandestinidade, a opção de uns darem o apoio logístico para o pessoal da AP, não sei se já tinham se integrado, acho que a AP foi PCdoB aqui, que assumiu publicamente o papel e depois a viagem a Belo Horizonte da Layse na opção que ela fez, opção não, a imposição foi feita e aí eu chamo isso o começo do fim de uma era.

A Layse teve um contato comigo já depois que caíram os “aparelhos” em BH, ela foi projetada porque estava muito visada no movimento local e aí fizeram o deslocamento dela para BH, chegando lá exatamente no dia em que caiu o tal “aparelho” que ela ia integrar, isto é, a “célula” partidária que ela ia integrar caiu e ela então perdeu o contato com Deus e com o mundo, ficou sozinha, pois perdeu contato com a família aqui em Belem e não chegou a ter os contato que iam recebê-la, e pronto!

Quando ela foi embora eu também perdi o contato por algum tempo e só retomei por provocação dela. A esta altura eu já estava trabalhando no quadro técnico do IDESP, não mais estagiária e foi nesse ínterim que eu tentei trabalhar em jornal, pedi uma licença do IDESP e fiquei um ano e pouco na “Província do Pará”, não deu certo e acabei saindo. E continuei no IDESP, com minha trajetória passando a ser outra completamente diferente.

Tive uma história de participação política intensa, não revolucionária mas teve esse período na AP que foi, eu diria, intensíssimo mas depois, após a fase de clandestinidade, eu perdi o contato. Aí fomos retomando os contatos com os amigos. Na época a Layse me escreveu dizendo que tinha feito uma opção na Holanda, que estava fazendo uma experiência, que ia casar com o Tiago, ia ficar lá. Eu fiquei muito surpresa e ela disse que ia passar aqui para se despedir da família e seguir para a Holanda, uma decisão muito corajosa.

Lembro-me que quando chegou aqui, teve um incidente, ela conta isso, depois eu esqueci e ela relembrou. Foi assim: indaguei dela como iria assim de cara para a Holanda, nessas condições e se não der certo? O Tiago parece ser uma pessoa maravilhosa mas se não for exatamente o que estás pensando, o que irás fazer? Ofereci a ela uns dólares que tinha aí guardado, de economia, para levar como segurança inicial, para pelo menos não passar fome até chegar na embaixada brasileira.

Felizmente deu certo e ela me escrevia cartas de lá, muitas cartas, eu estava arrumando essas cartas em ordem. São cartas em que ela põe os valores dela em destaque, a questão da família é uma opção para todo mundo; ninguém escolhe família, ela parece que escolheu a dela, uma pessoa que assumiu integralmente a família, com todos os males, com todos os defeitos e qualidades, e que ela assumiu com muito orgulho.

Da participação política dela, me lembro quando ela me disse que tinha se engajado no partido socialista de lá, mandava o símbolo do partido, era um “tomate” e eu perguntava: como vais conseguir ter

um discurso tão radical aí nessa terra? E ela discutia, falava nas cartas. Quando voltou ao Brasil muitos anos depois, já com filhos, ela veio me contar detalhes da luta que teve com a questão do idioma.

Ela tem umas coisas que, para mim, são memoráveis e uma delas foi a seguinte: a decisão que ela tomou na escolha do idioma da família porque a Layse é uma pessoa muito falante e comunicativa, então não dá para imaginar a Layse se sujeitar ao idioma dos outros. Assim, ela fez uma opção muito deliberada de criar os filhos como se fossem, exatamente, filhos de holandeses, para não ter nem um vestígio, nem no sotaque e nem na forma de pensar, que não fosse natural do país, para que eles não sofressem uma rejeição futura. Achei isso de uma dignidade, de uma coragem dela e de uma entrega, colocar a maternidade como condição acima de qualquer outra, ela fez uma opção das mais acertadas para que os filhos não sofressem. Sábia, até, a decisão dela!

Ela se transformou numa legítima planejadora, vivendo no país da racionalidade ela virou uma pessoa super-racional, acho que até hoje vive em conflito com a natureza dela, onde o emocional fala mais alto sempre e ela quer brigar com essa reeducação dela para a racionalidade. Então ela sempre avisava, com um ano de antecedência “para o ano, no dia tal, do mês tal, eu estarei chegando aí, te prepara que temos muito o que conversar”. E ela veio várias vezes, ela vinha religiosamente a cada dois anos, depois que ela pôde retomar o contato.

E a cada dois anos ela insistia para que eu fosse à Holanda, o que acabou acontecendo em 1997, quando ela já estava para voltar. Ela sempre teve o projeto de voltar depois da aposentadoria do Tiago e cumpriu o projeto, não é? Achei a Holanda um país lindo, mas muito estranho, com toda uma lógica diferente. Ela me pareceu uma pessoa completamente integrada ao ambiente, com os pacientes, com a sociedade local, o mesmo que ela fez em relação ao próprio idioma, até hoje ela conserva, certamente, o sotaque brasileiro arrastadíssimo, deve ser, mas assimilou o que era conveniente para ela dos valores deles.

Achei isso interessante, tudo em função da família que ela construiu lá. Ela não obrigou os filhos a falarem o seu idioma, achei isso uma coisa sábia da parte dela, generosa mesmo.

Ela tem uma capacidade de sobrevivência extraordinária, imagino o que essa menina não passou em BH, quando lá chegou. Eu frequentava muito a casa da Layse, convivi com o pai e a mãe e ela tinha uma relação de rebeldia muito forte, mas jamais eu vi a Layse chutar, trocar ofensas, grosseria com os pais, nunca vi. Mas a Layse era um “cão em figura de gente”.

Até hoje ela é de uma intensidade! E tudo que ela faz é intenso demais, parecia que ela ia doar o sangue em tudo o que fazia. Se era uma passeata ela tinha que doar o sangue, sempre com muita participação.

TESTEMUNHO 9

Violeta Loureiro

Professora da UFPA, faz parte do grupo que deu início à valorização do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e da consolidação da profissão do sociólogo. Participou ativamente do movimento estudantil em seu enfrentamento com a ditadura militar e firmou nome como ativista em defesa dos direitos humanos. Foi contemporânea de luta política de Layse Salles, em várias fases de sua trajetória. Sua trajetória profissional inclui a publicação de vários livros sobre a problemática do desenvolvimento da Amazônia.

A seção ou célula de Minas Gerais não tinha a relação dos militantes do Rio de Janeiro. Então fugir para Belo Horizonte significava limpar sua ficha, motivo pelo qual Layse conseguiu sair do Brasil com o mesmo nome que ela tinha, não precisou mudar. Já minha irmã, só saiu de Belém porque o Cristovam foi muito solidário e casou com ela depois que tinham se separado, só pra efeito de mudar o nome dela.

Ninguém sabia direito por onde a Layse andava. Nós pensamos que ela tivesse desaparecido numa dessas prisões. Veja bem, o Paes Loureiro, numa das prisões dele, foi para o Cenimar da Marinha e um dia, ele preso, veio um carro com placa particular e quando ele viu a placa, se assustou, achava que iam dar um fim nele. O oficial capitão é que percebeu aquilo e não deixou que ele saísse no carro particular e ele voltou para a cela desta vez felicíssimo.

Eu era muito medrosa nesse tempo, só ia para as manifestações quando as pessoas me instigavam. Numa das prisões do Paes Loureiro, ele ficou ali onde hoje é a Casa das Onze Janelas. Foi quando eu descobri que estava grávida, e não éramos casados. Eu queria mandar um recado para comunicar isso, mas não tinha acesso a ele. Um soldado me ouviu, me entendeu e levou e trouxe um bilhete. Tempos depois descobri que

esse recruta era o Vicente Cecim. “Não te preocupa, nós vamos casar e esse filho vai ser o filho da liberdade”, teor do bilhete resposta do Paes Loureiro.

O diretor da faculdade era o Napoleão Figueiredo, que eu não considero ter sido uma pessoa sem princípios. Pelo contrário, acho que na época todo mundo tinha medo, ele era o diretor e recebia ordens e tinha medo como todas as outras pessoas tinham. Talvez nós tivéssemos menos medo porque éramos irresponsáveis, isto é, éramos jovens e achávamos que podíamos mudar o mundo.

Eu penso da seguinte maneira: houve pessoas cruéis e houve aquelas que tinham o medo que todo mundo tem nas ditaduras. Existe uma frase do Brecht que diz o seguinte: “quando pensarem em mim, pensem em mim, mas com bondade”.

Na época da prisão do Paes Loureiro, tinha gente que atravessava a rua para não falar comigo, eu compreendo isso e não fiquei com nenhuma mágoa de ninguém e precisamos ver que boa parte da população brasileira apoiou a ditadura e te digo mais, acredito que a ditadura só não durou mais porque o modelo econômico começou a dar errado. Se tivesse dado certo, teríamos 40 anos de ditadura.

Como o modelo econômico começou a dar errado, descontentou a classe alta, a classe média e descontentou os que já eram descontentes antes disso, tanto que quando começaram os movimentos já no fim da ditadura nós pensávamos que todo mundo que estava nas passeatas pelas diretas já e etc, pensávamos que todo mundo tinha o mesmo objetivo. Como a ditadura acabou vimos que muita gente queria só se eleger politicamente, os interesses eram diferentes, mas estava todo mundo nas passeatas pelas diretas já porque a ditadura tinha dado com os burros nágua.

Meus colegas de faculdade eram a Dircélia Koury, a Edna Castro, eram contemporâneas, mas um ano depois de mim. A minha turma

era muito pequena, tinha seis alunos apenas, tinha o Samuel, a Socorro Rocha e a Fátima Carneiro.

No final do último ano tinha mais gente porque havia aqueles que foram reprovados e vinham fazer disciplinas conosco. Eu não coleí grau solene porque achava que tudo isso era uma grande bobagem. A coleção de grau foi na Odontologia e o pessoal começou a cantar a música do Geraldo Vandré. Muitos anos depois, quando eu fazia o doutorado na França, pude visitar a Layse na Holanda.

TESTEMUNHO 10

Adrianus Jacobus Antonius Verberg

Marido da Layse, cujo nome Thiago foi adotado por ela em razão da dificuldade inicial com a língua holandesa. Formado em Pedagogia e Administração Escolar na Holanda, ao vir para o Brasil, cursou dois anos de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, até retornar para a Holanda, onde se aposentou como diretor de uma escola de ensino fundamental.

É sempre uma pergunta lógica, por que fui para Belo Horizonte? É uma pergunta que faço também a muitos holandeses que encontro no Brasil. Por que vieram para o Brasil? Todos têm um motivo específico. Qual era o meu? Naquele tempo era irmão, e não padre como muitos pensam. Irmão da Congregação de Nossa Senhora de Lourdes, fundada no século XIX, quando havia como repercussão da revolução industrial uma trágica e profunda pobreza na Europa. A finalidade era, em solidariedade com o povo pobre, ajudar e melhorar a vida deles por meio de ensino e atendimento de enfermos psiquiátricos, os quais estavam naquele tempo geralmente acorrentados em espaços escuros, como se fossem animais.

Os irmãos viviam em comunidades e como religiosos, quer dizer, servindo a Deus e daí aos outros, seguiam três votos: obediência, castidade e pobreza (não se apegar a bens materiais). A estrutura era igual à das ordens de padres (como por exemplo os cruzios), com hierarquia. A diferença era que não tínhamos uma função típica na igreja, por isso não havia, por exemplo, um seminário. Muito tempo era reservado para orações e meditações. Eu entrei nesta congregação quando tinha 12 anos, num internato. Estudei o ensino médio e depois me formei como professor e diretor para o ensino fundamental.

Nos primeiros anos trabalhando como professor, estudei em geral à noite e aos sábados, por própria vontade e admissão dos meus

superiores, estudei Teologia por 4 anos que me deu, finalmente, o diploma de ensinar Religião no ensino médio. Nos últimos dois anos (antes de vir ao Brasil) trabalhei como professor de Religião no ensino médio, e como mentor de estudantes internos que se formavam como professor. As duas escolas eram dirigidas por irmãos da nossa congregação. Aos poucos cresceu em mim uma insatisfação com minha vida como irmão, acho que, fundamentalmente, porque não havia mais pobreza e quem queria, podia fazer o mesmo trabalho pago pelo estado, casar e assim por diante. Não havia mais necessidade de viver como irmão.

Quando observei que os meus superiores estavam considerando começar um novo projeto social no Brasil, mostrei minha vontade de participar disso. Fui escolhido junto com 4 outros, professores e enfermeiros. Corria o ano de 1969 e eu tinha 27 anos de idade. Primeiro fomos para Petrópolis (RJ) estudar português por três meses. Lá havia um instituto linguístico onde estudei português junto com muitos padres, irmãos e freiras de diversos países, principalmente Canadá, Estados Unidos, França e Holanda.

Foi uma temporada que gostei demais; o clima era muito bom e a convivência com muitos outros de diversos países, com a mesma espiritualidade, era muito agradável e interessante. Por meio de diversas palestras já em português aprendemos muita coisa sobre o Brasil.

Depois do curso fomos para Belo Horizonte, onde já havia uma casa pronta para nos alojarmos, próxima a uma casa paroquial, onde moravam padres holandeses, bastante longe do centro. Éramos cinco, um supervisor, que nunca fez alguma coisa a não ser nos acompanhar, dois professores e dois enfermeiros. Porém, quando chegamos a Belo Horizonte descobrimos que não havia projeto nenhum, por incrível que pareça. Um certo padre tinha enganado nossos superiores na Holanda. Isso significava uma grande decepção. Deixei muita coisa atrás, amigos, meu trabalho, família, meu país, e para quê? Entramos num vácuo. Agora o que fazer? O conhecimento da língua era rudimentar. Comunicamos

nosso problema com os superiores na Holanda esperando uma resposta; a solução veio numa determinação para que eu fosse estudar na universidade, obter um título e depois lecionar no ensino médio, os enfermeiros iriam trabalhar em prontos socorros. Isso foi uma decepção e ao mesmo tempo um desafio. Eu não vim ao Brasil para estudar. Queria trabalhar junto com o povo. Mas tinha que obedecer.

Consegui um diploma de ensino médio, necessário para dar entrada na faculdade. Fiz um cursinho para vestibular. Sabia muito pouco de português, que nem conseguia conversar com meus colegas, com grande dificuldade podia compreender o professor e o cursinho era bastante pesado. Mas terminei o curso e fiz o vestibular no estádio de futebol do Mineirão, mais ou menos meio ano depois. E por milagre passei, achei incrível. Não podia acreditar, mas venci a batalha.

Entre na Faculdade Federal de Letras para estudar alemão. Apesar das dificuldades, consegui me adaptar e tirei boas notas, até ajudando meus colegas estudantes. Fiz amigos, cantei no coro universitário e até fui tesoureiro deste coro. Gostei muito daquele ano apesar de que eu não dominava a língua muito bem. Mas de novo uma insatisfação começou a me atordoar. Vi que padres e irmãos de uma outra congregação viviam, igualmente, como se fosse na Holanda. Dando aulas em colégios particulares e vivendo bem. Isso eu não queria repetir de novo. Eu tinha muitas críticas a respeito da nossa vida, materialmente bem, mas isolada do povo; era como se estivéssemos numa ilha estrangeira, somente falando holandês.

Surgiram as dúvidas da minha existência como religioso e comecei a procurar contato no bairro, que era de operários. Logo conquistei amiguinhas, algo perigoso para um irmão religioso. Foi quando veio a ideia de começar, na periferia, um curso de alfabetização para adultos, para pelo menos fazer alguma coisa em favor do povo. Cheguei até a pensar em deixar a ordem.

Neste momento entrou Layse na minha vida. Ela também queria trabalhar com o povo e por intermédio, por acaso, dum padre que era nosso vizinho ela foi informada dos trabalhos preparatórios que se estava fazendo para o curso de alfabetização para adultos. Ela pediu para participar e foi integrada na nossa turma, introduzindo o método de Paulo Freire. Não conhecíamos o método, que provou ser ideal para adultos. Depois de preparativos, entramos com mais dois jovens no bairro para divulgar o nosso curso. Fomos de porta em porta divulgando e convidando os adultos analfabetos. A ação requeria muito cuidado, pois haviam muitos cachorros vira-latas nos quintais dos moradores. Depois escolhemos alguns lugares onde íamos dar o curso. Layse e eu fomos para uma capela, utilizada como sala de aula. A noite não havia luz. Usei os faróis do meu carro, um fusca, para iluminar o espaço. A primeira noite não havia quase ninguém, mas aos poucos vieram mais alunos. Somente nosso curso deu certo, os outros desistiram rápido, por falta de espaço e outros fatores.

Aos poucos comecei a namorar com Layse. O contato com ela cresceu muito, só nos dois dávamos o curso, no fim das aulas eu levava a Layse de volta para sua casa e passávamos muito tempo juntos. Numa certa noite, fomos juntos para uma festa, e na volta para a casa dela começou o namoro a rolar. Fizemos tudo às escondidas, ninguém sabia, pelo menos no início. Isso me causou um constrangimento. Namorar como irmão, não era correto. Então decidi sair da Congregação.

Para me sustentar e não usar o dinheiro enviado da Holanda procurei a siderúrgica Mannesman para trabalhar aí. Fiz um monte de testes e ao final recebi uma resposta muito bonita, eles estavam muito satisfeitos, mas no momento não havia vaga, me chamariam se houvesse. Pensei, é um jeito educado de me recusar.

Então decidi voltar para a Holanda. Foi no início de 1971, durante as férias escolares. Mas isso não foi fácil. Em razão do namoro com Layse me debandei da congregação e, infelizmente, isso teve um

efeito bumerangue. Voltar para a Holanda significava não ter emprego, nem moradia própria (somente a casa de minha mãe), nem um centavo no banco.

Como podia levar Layse sob essas circunstâncias para a Holanda? Impossível. Decidi, então, terminar o namoro, o que não foi fácil. Mas representou uma decisão mais racional do que emocional. Voltei para Holanda, em fevereiro, mas fiquei escrevendo para Layse já no avião e depois frequentemente, que passou também por um período muito difícil. Fiquei os primeiros meses na casa da minha mãe. Logo, porém, encontrei um emprego numa cidade de Alphen aan den Rijn, perto de Leiden, onde me hospedava. Comecei a trabalhar como professor numa escola de curso fundamental. Uma escola com imensos problemas pedagógicos, organizatórios e estruturais. Em contato com a prefeitura, prometeram-me em poucos meses me entregar um apartamento para me estabelecer na mesma cidade em que trabalharia. Logo também foi me oferecido o cargo de diretor, o qual aceitei. Conclusão: em tempo recorde foram os meus problemas resolvidos. Tinha salário bom e moradia.

Convidei Layse para juntar-se a mim. O que ela aceitou. Mas sob uma condição: pagar a viagem dela para Belém a fim de se despedir dos pais e seguir para Amsterdam. Não foi um problema. Detalhe interessante: a amiga Rosyan tinha dado dólares a Layse para a viagem de volta, caso nossa relação não desse certo.

No início ela também ficou na casa da minha mãe. Nos casamos em agosto de 1971 e entramos no nosso apartamento, quase sem móveis. Os nossos filhos vieram logo depois, parece que estávamos com pressa. Marc, em 1972, Andrei, em 1973, e Liana, em 1975. Assim entrou Layse em minha vida¹.

¹ Tiago escreve ao pai de Layse pedindo-a em casamento
LEIDEN ,11/04/1971

Excelentíssimo senhor DARIO Teixeira de Salles,
Infelizmente nunca fui apresentado ao senhor e por isso não nos conhecemos. Pelas circunstâncias isso não foi possível, mas sem dúvida a Layse vai contar-lhe muita coisa a respeito de mim, assim como ela falou do senhor e da família. Sinto muito que não estive na oportunidade de conhecê-lo pessoalmente por motivos diversos sob os quais principalmente financeiros, fui obrigado a voltar à Holanda, quase de repente. Porém, espero que o futuro me dê a oportunidade e a felicidade de visitar o senhor, a mãe, a família, parentes e amigos da Layse. Isso eu gostaria muito, pois quem gosta da Layse, deve gostar do ambiente onde ela veio.

Há um meio ano me encontrei com Layse no nosso trabalho de alfabetização. Logo nós ficamos amigos e namorados. O amor cresceu rápido e profundo, tão rápido que nos surpreendia às vezes; o namoro foi para nós ambos uma coisa seríssima e deu muito bem. em poucas palavras ,é isso a história do nosso amor. Acompanhando esse crescimento de amor nós começamos a conversar e discutir à respeito dum casamento.

Nós fizemos isso de um modo sério e profundo, tomando muito tempo para não apressar. Há pouco tempo, chegamos ambos à conclusão que o casamento seria a forma mais adequada para nós vivermos e aprofundarmos aquilo que existe entre nós, o amor. Agora o senhor compreende o motivo dessa carta. Eu queria pedir ao senhor, como pai de Layse o seu consentimento, assim que nós possamos realizar os nossos desejos e eu possa dar a Layse a felicidade que ela merece.

Quanto às coisas materiais, não se preocupe, pois posso sustentá-la muito bem aqui. A nossa felicidade seria completa se o senhor desse o seu consentimento, reunindo nós todos na mesma vontade e espírito. Nós seríamos ao senhor muito gratos por isso.

Com muito respeito e saudações. Tiago Verberg.

TESTEMUNHO 11

Humberto Rocha Cunha

Um dos mais renitentes militantes na luta contra a ditadura militar, Humberto Cunha sempre se destacou pela honestidade de seus princípios e a autenticidade das suas convicções de militante político. Aluno da então Faculdade de ciências Agrárias do Pará (FCAP) foi dos poucos estudantes universitários atingidos pelo famigerado decreto 477 que punia com rigor quem ousasse enfrentar o autoritarismo dentro da academia universitária. Posteriormente foi eleito vereador da Câmara Municipal de Belém e seu nome, até hoje, é um emblema de resistência ao arbítrio.

Conheci Layse Duarte de Sales em 1967, durante a preparação do 29º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), que se deu no município de Valinhos, estado de São Paulo, ao qual compareci como delegado do curso de Agronomia da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA).

No Pará, os dois principais partidos políticos clandestinos que estimulavam a participação estudantil eram a Ação Popular (AP) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Havia também certo número de militantes anarquistas, que não se apresentavam como grupo, partido ou organização, mas tinham atuação intensa nas mobilizações universitárias. Eu não pertencia a qualquer desses agrupamentos, mas me relacionava com todos eles. Desde 1963, quando ainda residia em Goiás, mantinha contato político com militantes estudantis da AP. No Pará, desde 1964, eu mantinha contato com militantes da AP e do PCB e, a partir de 1967, com os militantes anarquistas residentes na Casa do Estudante Universitário (CAU).

Layse pertencia à AP, organização à qual também pertenciam os presidentes e a maior parte da diretoria da UNE e da União Acadêmica Paraense (UAP). Nas reivindicações específicas do curso de Agronomia,

eu me aproximava mais dos militantes da AP na EAA, que já conhecia desde o movimento estudantil secundarista, no Colégio Estadual Paes de Carvalho (CEPC), no período de 1964 a 1966. Como decorrência, tendia a agir em conjunto com os mesmos, e, por extensão, com o bloco político formado pela AP nas assembleias estudantis, em que participavam estudantes de diversos cursos da UFPA, além das unidades isoladas – EAA e Escola de Enfermagem Magalhães Barata (EEMB), pertencentes ao Governo do Pará. A partir do 29º Congresso da UNE, em vários momentos atuei em assembleias, passeatas e reuniões estudantis em conjunto com Layse, então estudante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPA.

Nas férias letivas do ano de 1967, fizemos reuniões de planejamento da recepção aos calouros e demais atividades do movimento universitário para 1968, sob direção da UNE e da UAP. Layse participava destas reuniões, representando os estudantes de Filosofia. No início de março várias vezes nos encontramos, em conjunto com estudantes de outros cursos universitários, buscando implementar as decisões tomadas nas reuniões de planejamento havidas durante as férias.

O assassinato do estudante paraense Edson Luís de Lima Souto pela polícia carioca no dia 28 de março precipitou os acontecimentos e lançou o movimento estudantil brasileiro e paraense num processo de radicalização política, pelo menos um mês antes do famoso maio de 68 francês. Belém do Pará viveu dias agitados por frequentes passeatas, ocupação das faculdades pelos estudantes, intensa agitação cultural e política no meio universitário e secundarista.

Como vice-presidente de Imprensa e, depois, Presidente do Diretório Acadêmico de Agronomia da Amazônia (DAAA), participei no ano de 1968 das reuniões do Conselho de Diretórios Acadêmicos da UAP/UNE. Ali encontrei várias vezes Layse representando os estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como presidente do diretório acadêmico daquela faculdade. As reuniões do conselho,

as assembleias e outras reuniões estudantis sempre contaram com a presença de Layse, e, nos encaminhamentos sobre os rumos políticos do movimento, como nas reuniões conjuntas dos movimentos universitário e secundarista, no Congresso da UAP-UEE e no processo de preparação do 30º Congresso da UNE, que veio a realizar-se em Ibiúna, estado de São Paulo, ela sempre apresentou e defendeu a posição da AP.

Em 1969, morei fora de Belém durante o 1º semestre. Ao retornar, no 2º semestre, voltei a encontrar Layse no movimento estudantil. Tivemos várias conversas sobre as atividades e as propostas políticas da AP, inclusive a proposta de deslocamento de quadros e militantes políticos para o campo, para a instalação de bases guerrilheiras com vistas à luta para a derrubada da ditadura. Uma dessas reuniões contou com a presença de Roberta, dirigente regional da organização.

Naquele semestre, foi formada uma organização de massa de resistência à ditadura, sendo realizadas reuniões clandestinas em Belém e em Santa Isabel do Pará, com a presença de dirigentes nacionais da AP. Foram realizadas pizações com palavras de ordem revolucionárias, passeata estudantil no 5 de setembro no contra-fluxo da parada estudantil, panfletagem nos bairros, panfletagem no trajeto do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Layse era uma das organizadoras e participantes dessas reuniões e atividades

Desde 1968, corria a notícia de que o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) interrogava pessoas acerca das atividades de Layse. Em 1969, esses rumores intensificaram.

Com a perseguição política movida contra mim no final de 1969, passei à clandestinidade e, com a ajuda de Layse e Roberta, refugiei-me no sítio de militantes da AP, no município de Imperatriz, estado do Maranhão. Dali mudei-me para São Sebastião do Tocantins, em Goiás, hoje estado do Tocantins, onde ingressei na AP, no mês de fevereiro de 1970. Dali, fui designado para fixar residência em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, com a finalidade de reconstruir a organização

na Região 5 (R-5), composta pelos estados de de Minas Gerais e Goiás, e pelo Distrito Federal, que havia sido destruída pela repressão policial em 1969.

Em meados de 1970, o Comando Regional deu-me a tarefa de receber a companheira Layse, que vinha integrar-se à Região. Recebi no ponto combinado, analisei sua situação e repassei ao Comando Regional, que integrou-a às estruturas partidárias em Contagem. Em 1971, a AP realizou seu congresso nacional, transformando-se em Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil (APMLdoB) e elegendo seu Comitê Central. Na sequência, a R-5 também realizou congresso regional, acatando o Programa e os Estatutos da nova organização e elegendo seu Comitê Regional. Fui eleito para esse Comitê Regional e, nessa ocasião, me foi informado que Layse precisara sair do país por motivo de segurança, tendo passado a residir na Holanda.

Em 1971, o DOI-CODI lançou uma ofensiva contra a APMLdoB, prendendo militantes na R-5, especialmente em Goiânia, Brasília, Belo Horizonte, Contagem e Juiz de Fora. Nessa ocasião, Layse foi procurada em Belo Horizonte e Contagem pelo DOI-CODI de Minas Gerais.

TESTEMUNHO 12

Roberto Maria Cortez de Souza

Sociólogo da UFPA e antropólogo do Museu Emilio Goeldi, tornou-se um dos mais combativos e lúcidos intelectuais de sua geração. Foi líder estudantil no CEPC e na Faculdade de Filosofia, liderança que o tornou um dos responsáveis pela disseminação do curso de Ciências Sociais. Sua formação teórica e postura moral serviram de exemplo para muitas das lutas que empreendeu, sobretudo o enfrentamento ao regime militar implantado no Brasil a partir de 1964. Sua prisão não arrefeceu o combate, que continuou firme e sólida nas trincheiras acadêmicas onde passou a militar profissionalmente. Falecido aos 72 anos, deixou um legado político que honra sua vida.

De acordo com a “velha” guerrilheira Layse que leva suas inúmeras, variadas e diversas preocupações, ideias e causas para outro mundo mais antigo e secular, o Continente Europeu, tornando-se até mesmo suplente de vereadora na capital da Holanda, estas interessantes e importantes informações, muitas das quais dizendo respeito a ela, seria para facilitar seu trabalho.

Fomos nós que vivemos aquele tempo da realidade de viver a fantasia da vida e de fantasiar a realidade da vida (Cortez, Roberto "Quem conta um conto aumenta um ponto". In: GALVÃO, Pedro. Relatos Subversivos. Os Estudantes e o Golpe Militar de 64. Belém: Galvão Propaganda, 2004).

Não fomos contemporâneos de estudo nem, por consequência natural, de movimento e lutas estudantis, secundaristas ou universitárias. Infelizmente. É uma pena. Se tivéssemos nos encontrado teria sido uma brasa, mora! Numa boa! Ela é da geração posterior à nossa. Não só em termos de ciclo de vida biológico, mas de atuação social, cultural e política.

Entramos na Faculdade de Filosofia para cursar a graduação em Ciências Sociais e saímos após tê-lo terminado em 1962/1965, quando tornámo-nos calouro com sua irmã. Conhecemos primeiro a mais “velha” das irmãs, alva como nuvem de verão tropical. Faceira, bonita, risonha. Alva tal clara do ovo! Nunca usava calça comprida, jamais! Vivia sempre de bem com a vida. Jovial, irradiava juventude, prazer e alegria de viver por todos os poros e lados. Como todos nós: éramos felizes e não sabíamos.

Sua irmã era baixa, porém um pouco mais alta que Layse: mais ou menos da nossa altura. Um tanto esguia, charmosa, muito formosa. E esbelta. Até demais! Curiosamente foi namorada, sem o saber, de muitos estudantes. Parecia e tinha realmente o rosto suave, macio. Fácil de se perceber ao olhar e tocar no cumprimento dum beijo rápido na face branca. Bem alegre como só. Ela era brincalhona com todos(as). Estudiosa. Talvez até a mais da turma toda. Assídua. Não costumava praticar algum esporte. Nem pingue pongue no pátio da Faculdade de Filosofia (FAFI).

A Layse, vim a conhecer muito mais tarde! Pertence a outra geração revolucionária, após a nossa, igualmente desejando, como todos nós transformar a sociedade de classes em expansão e consolidação no Brasil em função da hegemonia latente e manifesta do capitalismo internacional, condicionando a intensa implantação do sistema urbano industrial no Brasil, constituindo uma nova urbanização e novo urbanismo. E o mundo inteiro, há séculos. Desde a revolução social inglesa (olha aí o sociólogo norte-americano Roberto Merton com sua famosa e pertinente funcional dicotomia binária: função latente e manifesta).

As universidades há séculos libertaram-se da subordinação política-administrativa da dominação teológica que administrava e controlava toda e qualquer possibilidade autônoma e independente da reflexão filosófica. Aliás, ela poderia voltar a funcionar sob a égide da UFPA. Desde a extinta FAFI, em péssima hora com a anti-Reforma

de 1972, introduzindo a grande e inédita novidade de escolher entre disciplinas que não eram obrigatórias do curso, mas optativas.

Na implantação e funcionamento do Campus Universitário do Guamá em 1971, sem dúvida a maior e melhor obra do magnífico reitor de então da UFPA. Por isso mesmo, o melhor reitor que a nossa jovem e querida universidade teve até agora. Do ponto de vista político-administrativo, bem entendido! Porque se fora apenas do político seria uma lástima! Não só execrava a Ciência Política, o curso de Ciências Sociais por causa da oposição que seus jovens e competentes e excelentes professores fizeram desde o primeiro momento em que assume a reitoria para burlar a lei. Destacam-se nessa oposição frontal, franca, direta e decente Amílcar Tupiassu, Nelson Ribeiro, Orlando Costa e Roberto Santos, quarteto inseparável de grandes, antigos, diletos e íntimos amigos líderes católicos no Pará e Região Amazônica (Ribeiro, Nelson Belém, UFPA 50 Anos. Relatos de uma trajetória) Permanece por quase mais de dez anos! Além do prazo legal (Silva, Orlando. *Ibid.*) Realizando grandes obras! O carro chefe era a Escola de Teatro, não resta a menor dúvida, pensada, concebida, executada, coordenada e dirigida pelo mais famoso e importante casal de Intelectuais da Amazônia. Benedito e Maria Sylvia Nunes. Quicá do tão nosso querido Brasil varonil. O Colégio de nível Secundário dirigido pelo Prof. Dr. Édson Franco, licenciado pela CAPES – Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Superior do MEC. Na Escola não podiam ensinar os alunos da Faculdade porque não era um Colégio de Aplicação como reivindicado desde os anos 50. Nem tampouco os próprios professores. Embora bastante titulados e de currículos invejáveis!

É esta a Faculdade de Filosofia e universidade que a amigona Layse iria encontrar. Como educador simplesmente uma lástima! Tentara, em duas oportunidades, expulsar estudantes da UFPA, especialmente de Filosofia. Por causa de um problema tão simples: uma passeata que o perseguira por toda a extensão da Generalíssimo Deodoro, do prédio da

reitoria. Realmente, tratava-se de um absurdo sem tamanho! Contraria até a consciência coletiva, categoria cara inventada pela genialidade do Durkheim, dos próprios moradores do bairro onde está o campus: Guamá! Nome que advém da designação do majestoso rio desaguando em forma de delta, formando várias e diversas Ilhas de aluvião. E num estuário, também, constituindo inúmeras e variadas ilhas na sua enorme e larga embocadura, em forma de um triângulo, cuja base está voltada para o mar de água salgada que é o lindo oceano Atlântico, na baía do Guajará.

Na USP, criteriosa avaliação e cálculo feito por Florestan Fernandes e seus discípulos chegaram a conclusão que se leva 15 anos para se formar um profissional de boa qualidade e competência exemplar! Contando-se 4 ou 5 anos de graduação, quatro de mestrado e em torno de seis a sete para realizar o doutorado. Após o que, continuando os estudos, pesquisando, publicando, debatendo, refletindo sempre, participando de encontros, congressos, seminários e assim por diante, sobretudo aprofundando-se os conhecimentos, obtém-se o reconhecimento dos pares e então o estudante estudioso já profissionalizado passa a ser cientista. No nosso caso social.

Muito embora tenha sido importante a opção por disciplinas em todos os currículos que passam a ter dois anos em comum, são criados vários problemas. A escolha tão díspare e sentido entre cadeiras científicas e filosóficas e anula todo o pouco de bom que a mudança traz. Com efeito, não é uma forma social nova: transformação social!

Criado bem mais tarde, muito posterior ao Curso de Teologia da Arquidiocese do Pará e na UFPA, o curso de Filosofia é, na época, o mais recente da nossa universidade. Por exemplo, contaria com concurso do mais antigo Professor de Filosofia, ao lado do professor dr. Benedito Nunes, o famosíssimo e querido Bené, o cônego Ápio Campos, o qual ensinava Ética Profissional à terceira série do curso de Ciências Sociais, o professor dr. Carlos Coimbra que estudou Teologia na Alemanha e o

professor Armando Avelar. Agora todos aposentados. Noutros cursos haviam padres lecionando também: o Artemio, em Letras, por exemplo.

A Layse vim a conhecer muito mais tarde. Querendo, desejando e almejando, como quase todos mudar, a realidade social: injusta, exploradora, indigna, carência de justiça social: uma verdadeira exploração do homem pelo homem, slogan da palavra de ordem latino-americana. Lembro de um episódio, entre outros. Não éramos mais universitários da FAFI. De certo modo revela que tivemos alguma participação, ainda que bem pequena, no movimento de ocupação das universidades brasileiras. Aqui no nosso imenso Pará, que há de continuar indivisível, equânime e democrático! Para o desespero frustrante dos que o desprezam unido. Tudo aconteceu com o assalto aos prédios das reitorias de todo o país. Era a transformação revolucionária pacífica, impedida pelo direito adquirido contra a própria Constituição brasileira. Sobretudo porque foi uma Constituinte constituída. Contudo, a bastante corajosa e tão valente companheira Layse não participou das Eleições Gerais de 1986, infelizmente. É de se lamentar! Estava na Europa como candidata a vereadora do Partido Verde na Holanda. O prof. Orlando Sampaio Silva tinha sido da famosa e importante Ação Popular (AP), surgido de parcela da Juventude Universitária Católica (JUC), um pouco menos da Juventude Estudantil Católica (JEC), dos Secundaristas, de um tanto de simpatizantes e militantes da esquerda independente e de marxistas independentes também pregando, defendendo, praticando e proclamando a autonomia e independência perante o Estado, os partidos e os movimentos sociais.

Toda democracia é relativa. Certamente. O general ditador Costa e Silva, certa vez, disse esta frase e foi redondamente punido socialmente de maneira difusa como dizem os sociólogos. Acontece que é isso mesmo! Ocorre que foi dito por quem se sabia quem é, num contexto inapropriado. Não dá para acreditar num ditador militar afirmando isso!

Não gosto nem simpatizo muito com a palavra “militantes”, porque vem do substantivo marcante “militar”. Tivemos memoráveis campanhas

políticas: reafirmação do “Petróleo é nosso”, meia passagem nos ônibus municipais apenas, Semana do Estudante, contra a internacionalização da Amazônia. E tantas outras. Todas contando com a presença da nossa querida colega de Sociologia Layse: uma mulher de luta. Internacionais sem pertencer a qualquer multi. Muito bem, dona Layse!

Quando a ditadura passa, tudo de ruim é atribuído a ela. Às vezes sim, mas outras não. É uma forte tendência de se livrar da tremenda frustração política que todos passamos a partir do Golpe Militar de Estado, cuja data até hoje não se sabe como. Se no 31 de março ou no Dia Internacional da Mentira: primeiro de abril? Por sinal, já que chegamos até aqui, prezada companheira Layse, seria interessante e importante lembrar que corrupção, corruptos, corrompidos e corruptíveis sempre existiram no Brasil. O problema é que com o fatídico e atrasado primeiro de abril de todos os anos, ela aumentou consideravelmente, de maneira sistemática, generalizada, consolidada em todos rincões! Até entre os pobres, somos pobres, mas honestos! Se Deus quiser! Graças a Deus! Porque Deus quer, graças a Deus!

Vergonha de assumir a posição em público. Tanto que numa demonstração inequívoca privatiza dois bancos: um da maior importância financeira e econômica e social o famoso, Layse não participou da pequena, rápida, forte e famosa greve de 1963 por causa da extinção do bacharelado. Layse entrou para a única e exclusiva alternativa para os Curso da FAFI que eram apenas seis em Belém: Letras Clássicas, Ciências Sociais, História, Geografia, Pedagogia e Matemática. O curso de Física foi criado só na década de 1970 pós-campus do Guamá. E o de Química que já existia nas universidades do Sul, em Belém era escola isolada há bastante tempo, funcionando num prédio antigo, térreo, bem bonito. Iniciativa exclusiva da Associação Comercial do Pará (ACP). Hoje é o Serviço de Atividades Musicais (SAM).

E assim, caríssima Layse, não pudemos contar com sua aguerrida, alegre, honesta e saudável formação cultural, Ideológica e política no bom sentido da palavra.

TESTEMUNHO 13

Antônio Sidônio

Médico fixado em São Paulo, o militante político Antônio Sidônio foi contemporâneo das lutas vivenciadas por Layse Salles.

Eu conheci a Layse em reuniões políticas que fazíamos, ora na Faculdade de Medicina, ora em Filosofia e me lembro que não simpatizava muito com ela, isto em 1967. A primeira vez que conversamos foi em uma reunião na casa do Domingos Stamato, que ficava em uma vila defronte ao Pronto Socorro Municipal de Belém, na rua 14 de março. Esta reunião era para comemorar o fim de um semestre e como não tínhamos dinheiro fazíamos uma vaquinha e comprávamos cachaça para misturar com o sorvete que comprávamos na sorveteria Santa Marta.

Começamos a conversar porque ela veio me perguntar, aborrecida, porque eu estava repetindo o tempo todo a música do Chico Buarque, “Carolina”. Foi este início de desentendimento que fez nascer uma aproximação maior entre nós. Nunca vou esquecer de uma festa em que fomos num sobrado na Praça da Bandeira, onde se tocou muito a música “Pata pata”, da Miriam Makeba.

A expressão “meu chapa” ainda existe e se não existisse nós a reinventaríamos. Estou a me lembrar daquela noite em que decidimos sair e, entre outras pessoas, eu, a Layse, o Aloysio, a Célia, a Rosian e nós combinamos que cada um levaria, de sua própria casa, o que pudesse como uma bebida, queijo ou qualquer outra coisa.

E a Rosian apareceu com um vinho que nós não conhecíamos, mas que eu acho que era caro. Fomos para Icoaraci e de lá atravessamos para Outeiro em um barquinho e passamos a noite lá na praia e na volta eu lembro que eu não estava nem um pouco bêbado porque a bebida já tinha acabado fazia tempo e eu voltei apavorado naquele barquinho minúsculo que devia comportar umas cinco pessoas e estava com dez.

Tampouco esqueço as vezes em que fomos ao apartamento da Edna e do José Carlos Castro, na Braz de Aguiar. Aliás, tenho saudades deles e gostaria de revê-los. Esses são alguns fatos que lembro e o resto vou contando aos poucos e quero que você aguice minha memória, pois é bom lembrar coisas marcantes em nossa vida.

TESTEMUNHO 14

Fátima Carneiro da Conceição

A socióloga Fátima Carneiro da Conceição foi contemporânea e amiga de Layse Salles na Faculdade de Filosofia, participando com ela da luta política que se travava então contra a ditadura instalada no Brasil. Quando ela voltou da Holanda, participaram juntas das ações do Instituto Ampliar, em Mosqueiro.

Ao ingressar na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará, em 1966, conheci Layse Salles, colega do curso de Ciências Sociais de turma anterior à minha. Nesse tempo as turmas eram definidas pelo ano de ingresso no exame vestibular e possuíam número reduzido de estudantes, sendo a minha turma de apenas sete estudantes. Assim facilmente dava para se conhecer os colegas das demais turmas e cursos. Além de colega, Layse era líder estudantil, sua marca inseparável, já que ela se ocupava integralmente com as atividades do Diretório Estudantil e com a militância no movimento estudantil agitado de então.

Na medida em que a ditadura militar no Brasil aprimorava os controles políticos da sociedade, todas as lideranças tiveram sua responsabilidade aumentada, no campo e na cidade, nas universidades, nas fábricas. Por isso multiplicavam-se as reuniões, as assembleias, os encontros, aumentando a interação entre todos nós. A convivência na faculdade e principalmente a participação nas inúmeras assembleias nos aproximava bastante e eu tornei-me amiga de Layse.

Quando a repressão aumentou, a amiga não foi mais vista, como aconteceu com outras lideranças estudantis que optaram pela luta clandestina, ou pela mudança de identidade e de meio social.

Concluí meu curso em 1969 e comecei a trabalhar em Belém no ano seguinte.

Anos depois as notícias foram surgindo e, sobre Layse, davam conta de sua ida para Europa, onde casou.

Retomamos o contato e nos víamos sempre que Layse voltava ao Brasil. Nesses momentos trocávamos informações, falávamos de muitos assuntos e o que era mais curioso, vários amigos comuns que visitavam Layse e sua família na Holanda, ao voltarem, provocavam novos encontros para troca de notícias, mantendo um círculo de amizade sempre renovado.

Passados trinta anos, Layse e seu marido Augustus [?] Verberg vieram morar em Belém e Mosqueiro, onde eu já me encontrava nos trabalhos de organização da ONG Instituto AMPLIAR. Imediatamente procurei convidar os dois para o trabalho em projetos sociais na ilha, tirando proveito da experiência de ambos em educação e em acompanhamento de especiais. Era a chance de incorporar na ONG as práticas de trabalho voluntário da Europa.

O convite foi aceito de modo que em 2008, 2009 e 2010, Augustus [?] e Layse ocuparam cargos de diretoria, como secretária geral e em seguida como presidente, dedicando-se ao Projeto Ponto de Cultura. Creio ter acontecido aí o reencontro de Layse com sua terra, suas raízes e a oportunidade de refletir sobre novos momentos da sociedade brasileira.

TESTEMUNHO 15

Marcus Vinicius Monteiro Malcher

Experiência no Instituto AMPLIAR

Fazer parte da equipe de trabalho (administração) do Instituto AMPLIAR nos anos de 2009 a 2011, para mim, foi uma experiência de vida sem precedentes. Trabalhamos na época no projeto Ponto de Cultura, que se propunha a fomentar a cultura popular em Mosqueiro, por meio do chamado “Leão da Ilha”. Tínhamos à frente, primeiro como secretária geral e depois como presidente, a amiga Layse Duarte de Salles, que contribuiu grandemente para o bom andamento do projeto, agregando valores à rotina de trabalho e desafios diários.

Em sua gestão, o Instituto Ampliar teve considerável crescimento e reconhecimento trazendo para dentro da entidade novos parceiros que contribuíram com valores em espécie e/ou máquinas e aparelhos como computadores, doados para o laboratório de informática, instrumentos para o grupo de capoeira (pandeiros) e doação semanal de cesta básica (rancho).

Para mim, sua maior contribuição foi sua transformadora presença e motivação, trazendo ao Instituto Ampliar, no alto dos seus 70 anos de idade, uma impressionante energia que contagiava a todos.

Quero deixar neste registro meus agradecimentos por essa importante fase de convívio e aprendizado ao lado desta revolucionária militante, na eternização de suas memórias.

TESTEMUNHO 16

Lúcio Flávio Pinto

O jornalista Lúcio Flávio Pinto é hoje o maior nome da imprensa paraense. Foi contemporâneo de Layse Salles nos anos de chumbo da ditadura militar, na década de 1960 e até pontifica com o seu "Jornal Pessoal", um tabloide com mais de vinte anos de publicação quinzenal.

Quando começou a ocupação das faculdades em Belém, em 1968, eu já era repórter de A Província do Pará, no qual ingressei dois anos antes, aos 16 anos, quando estava no curso clássico do Colégio Estadual Paes de Carvalho, que ainda era um centro de formação da elite local e uma escola aberta ao povo, num modelo que já não existe mais ou é raro no Brasil. Eu trabalhava pesado de dia na redação, cumprindo uma pauta enorme e diversificada, que incluía inclusive a ocupação. De dia eu ia às faculdades ocupadas na condição de jornalista. Só à noite e em alguns momentos especiais eu também aparecia de dia como militante.

Num desses casos, foi porque ficamos por quase três dias e três noites preparando um documento sobre a reforma universitária a ser apresentado ao marechal Costa e Silva, que passaria por Belém como candidato à presidência da República (não havia votação direta, restrita ao Congresso Nacional, mas o candidato circulava em campanha pelo país como se buscasse o voto popular - coisas da UDN castrense). O documento ficou pronto pouco antes de irmos ao aeroporto para a entrega. O marechal recebeu, repassou a papelada a um assessor e seguiu. Depois fomos encontrar o nosso documento na lata de lixo do aeroporto.

Mas não desanimávamos. Tínhamos a sensação de que íamos mudar o mundo com aquela ocupação. Ainda mais nós, da Filosofia, comandados por uma líder na qual os atributos eram inversamente proporcionais. Ao menos a valentia e a capacidade de comando

distribuídos por metro e meio de altura. Diz o povo que os melhores perfumes estão nos menores frascos. É que a pessoa, quanto menor, mais braba (ou brava). Layse confirma a Vox Populi. Comandava mesmo. E tinha empatia com os seus liderados, como eu, que não sabia a que partido ela pertencia ou que ideologia professava. Não importava mesmo. Fosse qual fosse o seu currículo, ela seria mesmo a nossa líder, por conquista natural. Eu recebia minhas tarefas e as cumpria, exceto nas madrugadas insones, que atravessávamos contando piadas, rindo, nos divertindo.

Ainda não sabíamos da frase de Guevara, mas não tínhamos dúvida que não se podia perder a ternura jamais. A revolução era utópica. Depois é que o chumbo derretido se derramaria sobre todos nós. Nessa diáspora manu militari, fui embora para São Paulo logo depois do AI-5 e perdi Layse de vista. Mas ela continuou na minha memória e no meu coração, como alvo de ternura e objeto de admiração. Até hoje.

TESTEMUNHO 17

Ana Maria Tancredi de Carvalho

A pedagoga Ana Maria Orlandina Tancredi de Carvalho é uma referência na UFPA quando se fala em educação. Fez sua graduação na Faculdade de Filosofia no mesmo período em que Layse Salles liderava o movimento estudantil em Belém.

Conheci a Layse quando nos idos de 1960, mais precisamente a partir de 1966, iniciei o curso de licenciatura plena em Pedagogia, no casarão da Generalíssimo Deodoro e ela era presidente, do que corresponderia hoje ao Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.

A lembrança que tenho é da Layse dirigindo assembleia, da Layse com o microfone na mão, da Layse orientando sobre algum evento que iria acontecer, da Layse organizando debates, enfim da Layse bastante atuante e dinâmica.

Lembro de alguns acontecimentos. Certa vez, fomos informados que a cavalaria montada estava se dirigindo para a Faculdade de Filosofia. Os estudantes se reuniram, foram até à sorveteria Santa Marta, que ficava perto da Faculdade de Filosofia e que na época preparava um delicioso sorvete e trouxeram sacas de açaí e espalharam na quadra da Faculdade e os cavalos não puderam se aproximar.

Lembro também de passeatas que iniciavam na Faculdade de Medicina, passavam na Faculdade de Filosofia e prosseguia via Generalíssimo sempre engrossando com mais adesões pelo caminho.

Lembro ainda de uma palestra que o Lúcio Flavio Pinto fez na Faculdade de Filosofia, organizada pelo Centro Acadêmico.

Layse tinha um grande poder de argumentação e estava sempre rodeada de muitos colegas convencendo, orientando, organizando e planejando alguma ação.

TESTEMUNHO 18

Zélia Amador de Deus

Zélia Amador de Deus é professora da Universidade Federal do Pará, já tendo ocupado os cargos de diretora do antigo Centro de Letras e Artes e vice-reitora da instituição, no período de 1994 a 1998. Sua área de atuação principal está ligada às atividades artísticas, com predominância do teatro, onde tem uma longa tradição de atuação e apoio. Desde estudante secundarista participou de movimentos políticos, aprofundados em final da década de 1960 quando a luta oposicionista se acerbou no país. Continua sendo um nome de referência na história dos movimentos estudantis políticos.

Era o ano de 1968, aconteciam as ocupações nas faculdades, passeatas, os estudantes universitários mobilizados gritavam contra o acordo Mec-Usaid, eu estudava o segundo ano pedagógico no IEP, hoje Instituto Estadual de Educação do Pará, antiga Escola Normal. Sempre tive uma personalidade questionadora, embora muito tímida.

Morava no bairro da Sacramento, periferia de Belém e participava do movimento da juventude da Paróquia de São Sebastião, sob o comando dos padres cruzios, na maioria holandeses. Havia chegado um padre novo, era João Beukbon, padre “prafrentex”, como se dizia à época. Naquele momento, houve um racha no movimento da juventude, posto que era muito conservador. Os jovens dissidentes, entre eles eu, passaram a reunir com o novo padre, que tinha ideias ligadas ao que mais tarde ficou conhecido como teologia da libertação. As discussões calorosas do grupo dissidente vinham a calhar com o que estava acontecendo no mundo estudantil. Por acaso, não me recordo agora como, soube de uma reunião de estudantes secundaristas que se opunham à direção da União de Estudantes Secundaristas do Pará UESP. Fui à reunião, ali mesmo foi criada a Frente de Ação Secundarista do Pará (FASPA).

Portanto, foi na condição de participante da FASPA que comecei a ir à Faculdade de Filosofia e lá conheci Layse. Fantástica, aquela moça baixinha tinha um poder de fala, uma oratória que convencia a todos. Como disse antes, Layse era de pequena estatura, mas quando falava transformava-se, crescia e sua voz enchia o ambiente. Posso afirmar que naquele momento, Layse era uma grande liderança na luta contra a ditadura militar, no Pará. Correu o ano de 1968, início de 1969, veio o 477 que atingiu em cheio o movimento estudantil. Layse continuou na luta, eu também. Em meu processo de luta, primeiro participei da liga para-partidária ligada à Ação Popular, mais tarde entrei para a Ação Popular e foi aí que pude dimensionar o poder de Layse, grande referência do Partido Ação Popular. A luta continuou, Layse ficou muito visada e caiu na clandestinidade. De repente, Layse sumiu do mapa, pois se não sumisse seria presa, decerto.

Tempos depois, soube que Layse havia casado em Minas Gerais com um padre, por acaso e talvez nem tanto por acaso, holandês e cruzio. A luta continuou, o Partido Ação Popular, em Belém, fundiu-se ao PCdoB, saí, procurei outro rumo e de Layse sabia apenas de notícias de amigos comuns que com ela encontravam, na Holanda.

Para mim Layse representa uma doce lembrança de um tempo de muita luta, ao mesmo tempo Layse para mim sempre foi uma grande referência na luta contra a ditadura militar e com ela muito aprendi, embora deva dizer que a crueldade do regime fez com que Layse buscasse um novo rumo para não fenecer. A luta continua! Pois, felizmente, a vida segue.

TESTEMUNHO 19

Marc Dario Jacobus Verbe

Primogênito de Layse Verberg de Salles, Marc é psico-terapeuta com atuação em Utrecht, na Leger des Heils, administrador regional dessa entidade.

Se alguém me pergunta como eu vejo minha mãe? Então me vem a lembrança de quando à noite eu ia dormir, ela sentava em minha cama e perguntava como tinha sido o meu dia. Naquela idade eu estava no nível fundamental escolar, na fase do começo de minha formação pessoal, em busca de minha identidade. Minha mãe, com nossas conversas, me orientava de como eu deveria ter consciência de mim, e a sabedoria de como eu me relacionar com a sociedade.

A força e a sabedoria dela, transmitidas durante essas conversas, foram de grande importância para mim. Eu me sentia muito preparado para enfrentar o mundo, em busca de minha própria realização. Minha mãe achava muito importante me desenvolver com grande significado, não só para mim mas também para o outro, e a sociedade em geral. Esse objetivo que assimilei foram as experiências pessoais de seu passado, baseados em sua trajetória, quando membro do partido comunista durante o período de estudante da universidade, período esse da ditadura militar em seu país. A coragem e a paixão querendo transformar a situação de opressão do sistema capitalista, chegou a passar por cima de seus interesses individuais (se graduar, por exemplo); me identifiquei com esse comportamento dela em minha vida toda, como exemplo para meu crescimento individual e me fez acreditar no “lado bom” que cada indivíduo possui. Por isso tenho grande identificação com minha mãe.

Eu tenho também essa mesma força e graças a ela, sou capaz de sentir a beleza, a bondade e viver ouvindo o meu coração. A vida fez

acontecer para minha mãe como se uma enorme avalanche a alcançasse fazendo com que ela enfrentasse um furacão: a situação familiar, tendo que sair de casa no tempo da ditadura militar, sua ida para a Holanda enfrentando um clima frio, comportamentos culturais diferentes dos seus, contribuíram para que ela não saísse sem ferimentos. Sua força e determinação permitiram, em certos momentos, que os mesmos voltassem contra si mesma. Ela se adaptou muito, e por muito tempo, às novas situações; também pelo amor que ela tinha pelos outros não conseguiu soltar e aceitar que a vida também significa que as pessoas mudam e seus próprios desenvolvimento que eles participam nem sempre são positivos.

Sua força também contribuiu para suas quedas e tropeços emocionais; exigiu muito de si própria, chegando a passar de seu próprios limites.

Felizmente ela casou com meu pai que esteve sempre ao seu lado com amor e compreensão, ajudando-a a ficar positiva diante de certas perdas.

Minha mãe é um exemplo para mim, com clara visão, inteligente e um coração fervoroso, como se deve estar na vida.

Eu sinto isso como uma responsabilidade de interiorizar essa lição, partindo de minha individualidade, levando a prática como uma pessoa realizada.

Acho que com isso estarei prestando uma grande homenagem a ela.

TESTEMUNHO 20

Liana Claudomira Carolina Verberg

À minha querida mãe

Trabalho como socio-terapeuta numa clínica psiquiátrica com crianças de 8 até 13 anos. Não achei nada demais que eu tivesse uma mãe brasileira. Achei normal e, às vezes, não gostava que ela tivesse um sotaque. Gostei que ela é baixinha, achei fofa. Gostei muito de ir para o Brasil de férias, e de passar tempo com meus familiares brasileiros. Gostei mais do Brasil do que da Holanda. Achei as pessoas mais carinhosas.

Recordo-me que às vezes minha mãe foi discriminada e fiquei sempre com muito raiva. Gostei da música brasileira e a animação, quando tinha festas. Achei que minha mãe se integrou demais na cultura holandesa. Ela queria tanto se integrar que quase se esqueceu de ser brasileira. Mas quando eu estava na puberdade ela ficou mais com jeito brasileiro, por exemplo, no jogo de futebol e festas mais animadas, sua mentalidade a fez ter amizades com brasileiras etc. Gostei muito das histórias da minha mãe sobre seu passado com a política. Fiquei muito orgulhosa por ela ser tão forte e idealista. Fiquei triste de que ela, às vezes, chorava quando recebia notícias ruins dos amigos, a morte e tortura dos mesmos (Paulo Fonteles e Fiuza de Melo, os quais foram maltratados pelos militares).

Fiquei triste quando ela soube que Mao Tse Tung não era nada do que ela pensava. Ela participou da política na Holanda. Sabia que isto era a paixão dela. Nós sempre fomos para demonstrações e de ajudar a distribuir os cartazes de propaganda do Partido Socialista, do qual ela fazia parte. Eu ficava com orgulho de vê-la falar nas reuniões. Achei que ela era forte e bem clara em suas ideias. Simpatizo com os

princípios do Partido Socialista. Tinha pena que no Brasil ela fez um trabalho importante e estava fazendo o que ela acreditava mas agora ela não poderia fazer o trabalho político aqui na Holanda como desejava, pois ficou doente, doença essa provocada por traumas daquele tempo de luta no Brasil, deixando-a muito estressada, e ficava sempre querendo comparar demais com a situação do Brasil.

Lembro-me que minha mãe mudou completamente de comportamento, quando entrou em contato com algumas brasileiras. Ela ficava mais alegre e mais confiante de si mesma. Ela tinha muitas saudades do Brasil e das pessoas que ela amava. Eu queria que ela voltasse para o Brasil porque vi que ela não estava feliz, mas não queria ao mesmo tempo que ela fosse embora da Holanda, pois assim poderíamos estar mais próximo dela. Fiquei sempre com orgulho de como ela lutou por seu Ideal. Que pena que no começo na Holanda ela só vivia para a família dela. Achei sempre que ela poderia ajudar mais no Brasil e tornar-se mais feliz lá.

Eu a amo muito.

TESTEMUNHO 21

Andrei Roberto Verberg

O terceiro filho de Layse Verberg Duarte de Salles e Adrianus Jacobus Antonius Verberg estudou Havo, dois anos de economia e graduou-se em programação de computação.

O desfecho de uma história

Nasci na Holanda em uma pequena cidade chamada Alphen aan der Rijn. Minha infância foi muito boa, pois fui criado por mãe e pai maravilhosos em todos os sentidos da palavra. Minha mãe sempre me contava as histórias e memórias de sua infância, da época da política na qual ela participou bem consciente de todos os problemas de seu país; foi nesse período por acaso da “vida” que ela conheceu meu pai no Brasil (Belo Horizonte), veio para a Holanda e se casaram.

Eu sabia que, para ela, nem sempre foi fácil deixar os familiares, as amizades e o amor que ela tinha por seu país e vir morar com um holandês em um país do outro “lado “ do mundo e com situações completamente diferente de onde ela veio. mas por amor ao meu pai e seus filhos ela morou 31 anos na Holanda.

Depois dos primeiros anos, ela começou a juntar seu dinheiro (ela trabalhava como coordenadora de deficientes mentais) e procurava visitar o Brasil; finalmente a promessa de meu pai de voltar ao Brasil com sua aposentadoria, poderia matar as saudades de tudo que havia abdicado em nome da amizade sincera pelos filhos e esposo. Mas os filhos antes já estavam vivendo suas vidas próprias (difícil para minha mãe que tinha outra cultura e que os filhos só deixam os pais quando casam), mas isso é fruto de dupla nacionalidade, coisa que acho isso uma “riqueza”, a qual eu não quero perder. E quem sabe nós nos uniremos ao Brasil como ela fez.

Agora para voltar a razão dessa “pequena” história; eu pessoalmente acho que esse livro para ela é o desfecho com o reconhecimento de sua participação na vida política. Acho que essa é a grande razão desse livro, ele ajudará a fechar esse período tão turbulento para ela e todos os envolvidos nesse movimento.

Valeu, mãe, eu te amo muito e sou orgulhoso de ter a mãe que tu és.

Beijos de teu filho Andrei

TESTEMUNHO 22

Hans Baker

*Vice-diretor da Gemiva, entidade de apoio aos deficientes mentais
(Carta comemorativa aos doze anos e meio de Layse Salles como coordenadora
adjunta da Gemiva em Alphen a/d Rijn/Alphen a/d Rijn, 07 de maio de
1997)*

Querida Layse,

Você sempre teve que falar numa língua que não era a sua, e por isso estou tentando agora falar com você na sua língua materna. Só um pouquinho, porque português não é o meu forte. Nesta casa desde 1985, você tem trabalhado duro, nos momentos fáceis e nos momentos difíceis; você esteve aqui para o que fosse preciso, se sentindo sempre como um “peixe no oceano”.

O holandês foi algumas vezes um problema, não impedindo no entanto que você fizesse o seu trabalho na maior perfeição. Por isso os meus agradecimentos e profundo respeito. Os meus parabéns pelos seus doze anos e meio na GEMIVA. Esperamos poder contar com você, e com o seu extraordinário trabalho no futuro e por muito tempo.

Por tudo isso, obrigado! Estas flores são uma maneira de dizer de todos nós que trabalhamos com você o quanto gostamos de você. E é claro beijinhos de cada lado, e esses sou eu mesmo que dou. Você é uma mulher extraordinária; pequenina mas com um coração gigante.

TESTEMUNHO 23

Gerard Harmes

Foi presidente do Partido Socialista em Alphen aan de Rijn, deputado estadual do partido na Câmara de Leiden, professor de Geografia na Universidade de Alphen aan de Rijn. Discurso de despedida pronunciado em 24.07.2002, no Bar de Natte.

Layse,

Quando você morava, há pouco tempo, em Alphen aan de Rijn, você já era ativista do movimento feminista local, em especial no centro cultural Zahra.

Você foi contactada pela primeira vez pelo Partido Socialista no fim dos anos 1970 e, em meados dos anos 1980, você se tornou membro do partido, logo participando das discussões.

Você queria distinguir três fases:

a) de introdução, na qual você participou mais no lado organizativo.

Achei as listas de divisão de tarefas para a distribuição de cartazes e folders de eleição para a Câmara Municipal. Você atualizou manualmente a lista dos membros do partido.

Como não tínhamos outras atividades no momento de nossa primeira participação, elaboramos uma lista de apenas nove candidatos. Os assuntos em discussão, naquele tempo, eram o combate aos lucros de energia e os super lucros da Elgawa (energia, gaz e água), os materiais como aquele da fábrica Vos, que não recebeu em Zoeteravade uma nova licença e asbest na fábrica da rua Pr Handrelstrav, não conseguimos encerrar com resultado positivo. E no ano de 1986 participamos de nova eleição da Câmara Municipal com o lema “Novo prédio velha estratégia”.

Com a instrução que você teve no Brasil e uma boa formação de teoria e prática, compreendeu que devia se relacionar com a gente simples.

Internacionalmente, você se empolgou com as ações como: de homem para homem, mandando cartão para a África do Sul e com a arrecadação de dinheiro para os mineiros grevistas na Inglaterra (1984) contra os mísseis;

b) depois você entrou na diretoria local e mostrou muita participação. No momento em que procurávamos um substituto para Elles Smeit Van Errde, você pediu tempo para refletir. Finalmente você recusou porque achou que seu holandês não era de nível suficiente. Elles ficou então até as eleições de 1994;

c) no último período você participou da comissão de eleições de 1994, na qual se desenrolaram muitas atividades como distribuição de folderes, enchimento de balões e especialmente na elaboração de nossos cartazes, sanduiches, que chamaram muito a atenção. Seus colegas ativos foram Ivete Braun, Jan Croment, Carma Woensdrecht e Wan Bezemer.

Você foi candidata e alcançou uma suplência como vereadora, o que representou muito na sua luta. A luta internacional continuou e você demonstrava ser contra os bombardeios em Israel e há pouco, nos fins do ano 2000, contra aqueles no Afeganistão. Por aqui sua última ação foi na primavera de 2002. Você deu apoio nos asilos que receberam os kurdos israelenses. A luta internacional sempre contou com a sua colaboração.

Em diversos períodos você passou por dificuldades. É sempre difícil vencê-los. Você tinha também suas decepções. Você ganhou pouca atenção de nossa SP do local. Sinto muito!

Layse, nós te agradecemos por todos aqueles anos de atividade e sem próprio interesse pela gente na sua redondeza e especialmente

para nosso Partido Socialista. No dia 2 de agosto de 2002 você emigra definitivamente para o Brasil, mas sem dúvida vamos nos reencontrar outra vez.

Tudo de bom para vocês.

Em nome do Partido Socialista de Alphen aan de Rijn e dos presentes aqui, Philip e Hannie Gule, Wim Bezemer, Carmen Woensdreagt, Jan Gronesn, Ellens Vem Eerde, Ruud Boudewy e Elle Smit, te agradecemos mais uma vez.

“

A revolução era utópica. Depois é que o chumbo derretido se derramaria sobre todos nós. Nessa diáspora manu militari, fui para São Paulo logo depois do AI-5 e perdi Laysé de vista. Mas ela continuou na minha memória e no meu coração, como alvo de ternura e objeto de admiração. Até hoje (Lucio Flávio Pinto).

A Laysé sempre teve espírito aberto e raro compromisso ético. Acreditava na força política da sociedade, apesar do acirramento da repressão. Liderou a ocupação da Faculdade de Filosofia, acendendo uma luz de esperança na luta pela democracia no país. (Edna Castro)

Um traço marcante da Laysé é a coerência entre o que pensa e o que faz. Por isso continuou lutando pelos ideais socialistas também na Holanda, por uma sociedade mais humana em todas as dimensões. Tentando conciliar o interesse pessoal e coletivo, Laysé é parte integrante da história do movimento político brasileiro (Dolores Bahia).

”



ISBN 978-85-7143-163-8

